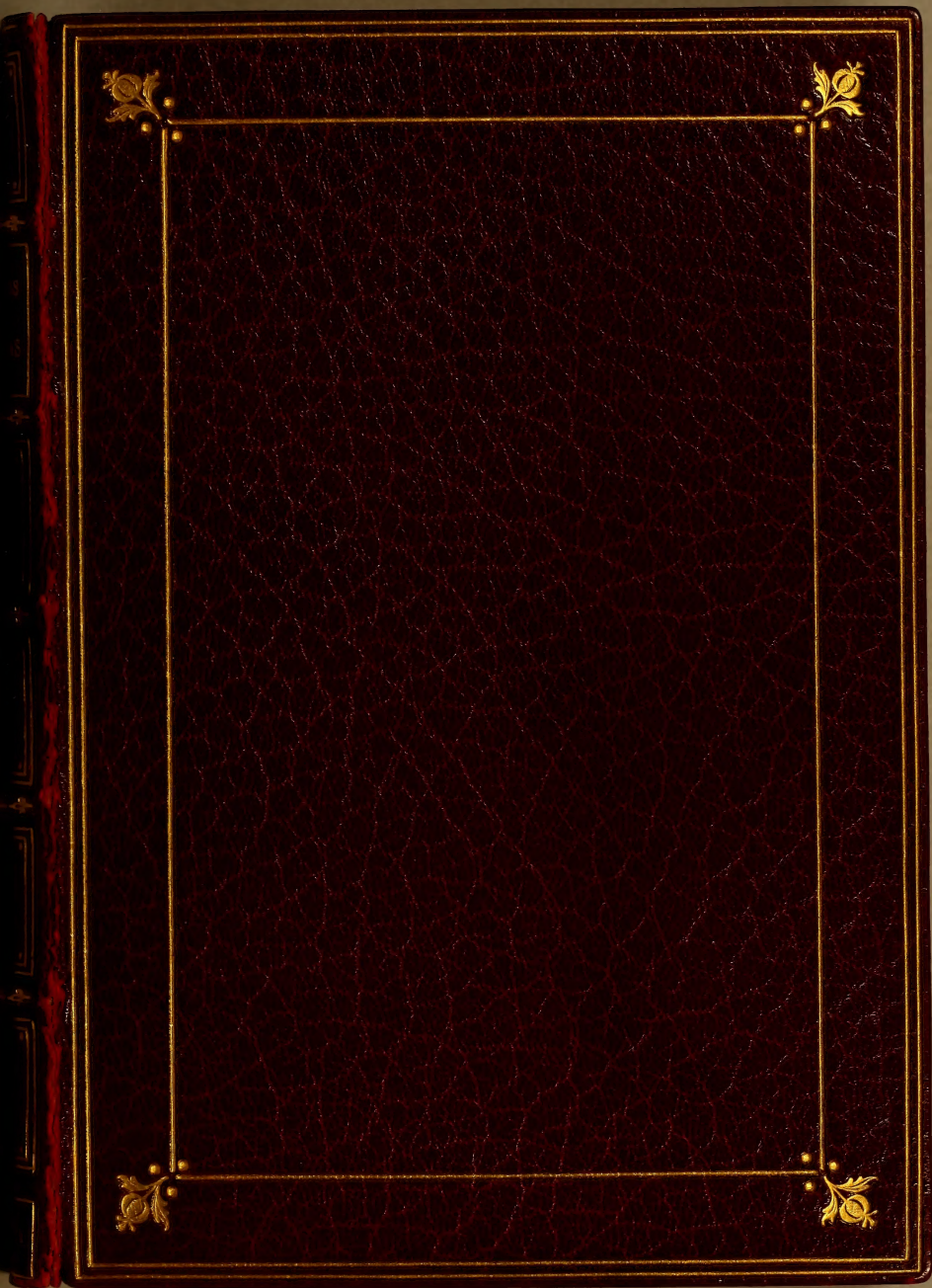




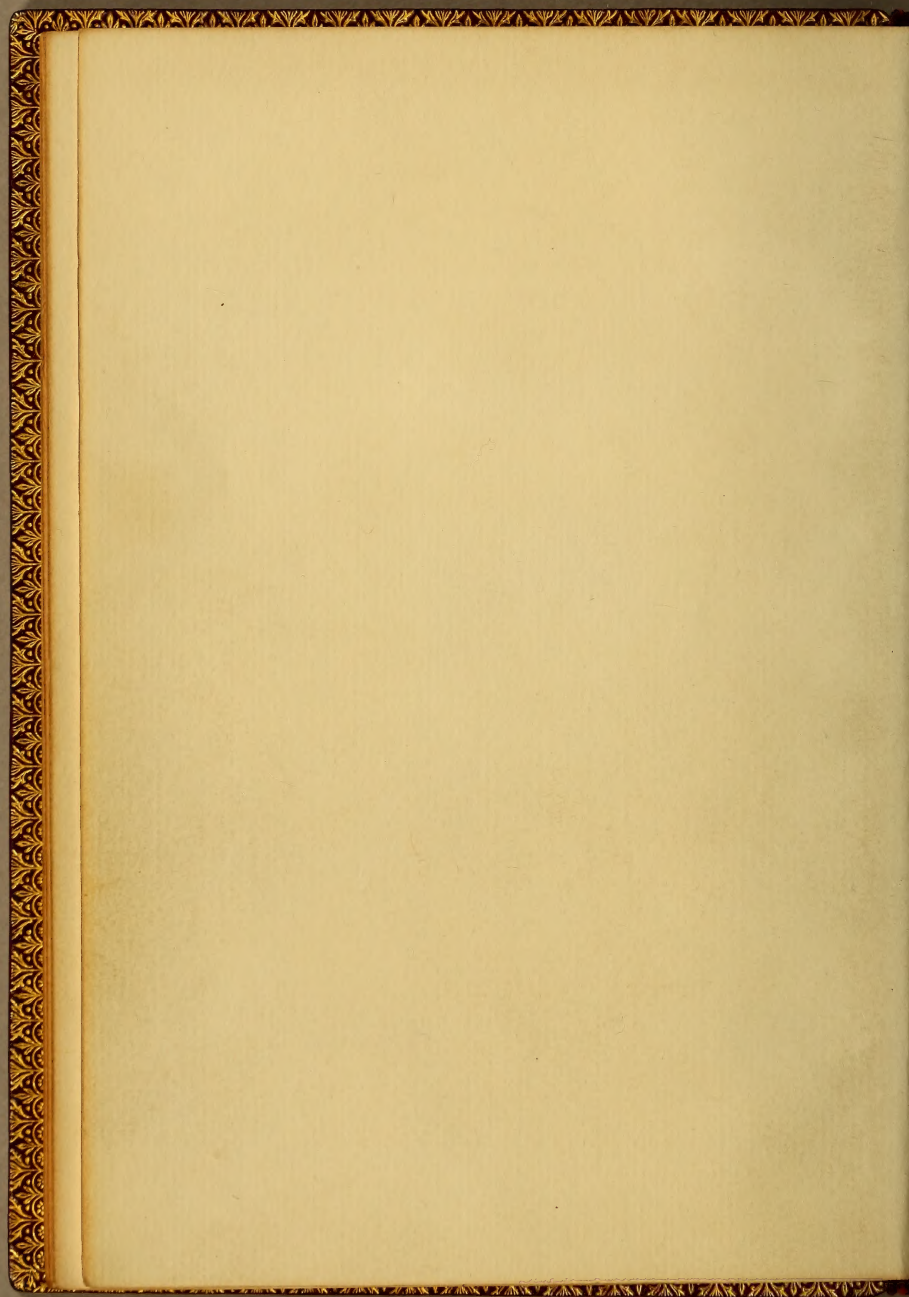


John Carter Brown
Library
Brown University

1. In the second of the following

2. In the third of the following

3. In the fourth of the following



OS
LUSIADAS
de Luis de Ca-
moës.

COM PRIVILEGIO
REAL.

*Impressos em Lisboa, com licença da
sancta Inquisição, & do Ordina-
rio: em casa de Antonio
Gõçalvez Impressor.*

1572.



RPUB



El Rey faço saber aos que este Aluara viré
que eu ey por bem & me praz dar licença
a Luis de Camões pera que possa fazer im-
primir nesta cidade de Lisboa, hũa obra em
Oçtaua rima chamada Os Lusíadas, que cõ
tem dez câtos perfeitos, na qual por ordem
poetica em versos se declarão os principaes
feitos dos Portuguezes nas partes da India depois q̃ se descobrio
a nauegação pera ellas por mádado del Rey dom Manoel meu
visauo q̃ sancta gloria aja, & isto com priuilegio pera que em tẽ-
po de dez annos que se começaráo do dia q̃ se a dita obra acabar
de imprimir em diâte, se não possa imprimir né vender em meus
reimos & senhorios neim trazer a elles de fora, né levar aas ditas
partes da India pera se vêder sem licença do dito Luis de Camões
ou da pessoa que pera isso seu poder tiuer, sobpena de qué o con-
trario fizer pagar cincoêta cruzados & perder os volumes que
imprimir, ou vender, ametade pera o dito Luis de Camões, & a
outra metade pera quem os acusar. E antes de se a dita obra ven-
der lhe sera polto o preço na mesa do despacho dos meus Desem-
bargadores do paço, o qual se declarará & porá impresso na pri-
meira folha da dita obra pera ser a todos notorio, & antes de se
imprimir sera vista & examinada na mesa do conselho geeral
do sancto officio da Inquisiçam, pera com sua licença se auer de
imprimir, & se o dito Luis de Camões tiuer acrecentados mais
algũs Cantos, tambem se imprimirão auendo pera isso licença
do sancto officio, como acima he dito. E este meu Aluara se
imprimirá outrossi no principio da dita obra, o qual ey por bem
que valha & tenha força & vigor, como se fosse carta feyta em
meu nome, per mim asinada, & passada por minha Chancel-
laria, sem embargo da Ordenaçam do segundo liuro. titulo xx.
que diz que as coufas cujo effeito ouuer de durar mais que hum
anno passem per cartas, & passando per aluaras não valham.
Gaspar de Seixas o fiz em Lisboa, a vinte & quatro dias do mes
de Setembro, de M.D.LXXI. Iorge da Costa o fiz escreuer.

VI por mandado da sancta & geral inquisição estes dez Cantos dos Lusíadas de Luis de Camões, dos valerosos feitos em armas que os Portugueses fizeram em Asia, & Europa, & não achey nelles cousa alguma escandalosa, nem contraria á fee & bõs costumes, somente me pareceo que era necessario aduertir os Lectores que o Author pera encarecer a difficuldade da nauegação & entrada dos Portugueses na India, vsa de hũa fição dos Deoses dos Gentios. E ainda que sancto Augustinho nas suas Retractações se retracte de ter chamado nos liuros que compos de Ordine, aas Musas Deosfas. Toda via como isto he Poesia & fingimento, & o Autor como poeta, não pretenda mais que ornar o estillo Poetico, não tiuemos por inconueniente yr esta fabula dos Deoses na obra, conbecendoa por tal, & ficando sempre salua a verdade de nossa sancta fee, que todos os Deoses dos Gentios sam Demonios. E por isso me pareceo o Liuro digno de se imprimir, & o Autor mostra nelle muito engenho, & muita erudição nas sciencias humanas. Em fe do qual asiney aqui.

Frey Bertholameu
Ferreira.

OS LUSIADAS
DE LUIS DE
CAMÕES.

Canto Primeiro.



Sarmas, & os ba-
rões assinalados,
Que da Occidental praya Lus-
tana,
Por mares, nunca de antes na-
uegados,

Passaram, ainda alem da Taprobana,
Em perigos, & guerras esforçados,
Mais do que prometia a força humana,
Entre gente remota edificáram
Novo Reino, que tanto sublimáram:

E tambem as memorias gloriosas
Daquelles Reis, que foram dilatando
A Fee, o Imperio, & as terras viciosas
De Africa, & de Asia, andaram devastadi
E aquelles que por obras valerosas
Se vão da ley da Morte libertando.
Cantando espalharey por toda parte,
Se a tanto me ajudar o engenho & arte.

A Cessera

OS LUSIADAS DE L. DE CA!

Cessem do sabio Grego, & do Troyano,
As nauegações grandes que fizeram:
Callese de Alexandro, & de Trajano
A fama das victorias que tiueram,
Que eu canto o peyto illustre Lusitano,
A quem Neptuno, & Marte obedeceram:
Cesse tudo o que a Musa antiqua canta,
Que outro valor mais alto se aleana.

E vos Tagides minhas, pois criado
Tendes em my hum nouo engenho ardente,
Se sempre em verso humilde celebrado,
Foy de my vosso rio alegrenente,
Dai-me agora hum som alto, & sublimado,
Hum estillo grandiloco, & corrente:
Porque de vossas agoas Phebo ordene,
Que nam tenham enueja ás de Hypocrene.

Dai-me bũa furia grande & sonora,
E nam de agreste a vena, ou frauta ruda:
Mas de tuba canora & belicosa,
Que o peito acende, & a cor ao gesto muda:
Dai-me igoal canto aos feitos da famosa
Gente vossa, que a Marte tanto ajuda:
Que se espalhe & se cante no vniuerso,
Se tam sublime prego cabe em verso.

E vos

CANTO PRIMEIRO: 1 2 3

E vos ò bem nascida segurança,
Da Lusitana antiga liberdade,
Enão menos certissima esperança,
De aumento da pequena Christandade:
Vos ò nouo temor da Maura lança,
Marauilha fatal da nossa idade:
Dada ao mundo por Deos que todo o mande,
Pera do mundo a Deos dar parte grande.

Vos tenrro, & nouo ramo florecente,
De hũa arvore de Christo mais amada
Que nenhũa n' scida no Occidente,
(faria, ou Christianissima chamada:
Vedeo no vosso escudo, que presente
Vos amostra a victoria ja passada.
Na qual vos deu por armas, & deixou
As que elle pera sina Cruz tomou.

Vos poderoso Rei, cujo alto Imperio,
O Sol logo em nascendo ve primeiro:
Veo tambem no meyo do Hemispherio,
E quando dece o deixa derradeiro.
Vos que esperamos jugo & vituperio,
Do torpe Ismaelita canalleiro:
Do Turco Oriental, & do Gentio,
Que inda bebe o licor do sancto Rio.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Inclinay por hum pouco a magestade,
Que nesse tenro gesto vos contemplo,
Que ja se mostra qual na inteira idade,
Quando sobindo yreis ao eterno templo,
Os olhos da real benignidade
Ponde no chão: vereis hum nouo exemplo,
De amor, dos patrios feitos valerosos,
Em versos deuulgado numerosos.

Vereis amor da patria, nam mouido
De premio vil: mas alto, & quasi eterno,
Que nam he premio vil ser conhecido,
Por hum pregam do ninho meu paterno.
Ouui vereis o nome engrandecido
Daquelles de quem sois senhor superno:
E julgareis qual he mais excellente,
Se ser do mundo Rei, se de tal gente.

Ouui, que nam vereis com vãs façanhas,
Fantasticas, fingidas, mentirozas,
Louuar os vossos, como nas estranhas
Musas, de engrandecer se desejosas:
As verdadeiras vossas sam tamanhas,
Que excedem as sonhadas fabulosas:
Que excedem Rodamôte, & o vão Rugeiro,
E Orlando, inda que fora verdadeiro.

Por

CANTO PRIMEIRO. 3

Por estes vos darey hum Nuno fero,
 Que fez ao Rei, & ao Reino tal serviço,
 Hum Egas, & bñ dom Fuas, q̃ de Homero
 A Citera parelles fo cobizo:
 Pois polos doze Pares daruos quero,
 Os doze de Inglaterra, & o seu Magrico:
 Douuos tambem aquelle illustre Gama.
 Que para si de Eneas toma a fama.

Pois se a troco de Carlos Rei de França,
 Ou de Cesar, quereis igual memoria,
 Vede o primeiro Afonso, cuja lança
 Escura faz qualquer estranha gloria:
 E aquelle que a seu Reino a segurança
 Deixou, com a grande & prospera victoria:
 Outro Ioanne, inuicto caualleiro,
 O quarto, & quinto Afonsos, & o terceiro.

Nem deixarão meus versos esquecidos,
 Aquelles que nos Reinos la da Aurora,
 Se fizeram por armas tam subidos,
 Vossa bandeira sempre vencedora.
 Hum Pacheco fortissimo, & os temidos
 Almeidas, por quem sempre o Tejo chora:
 Albuquerque terribil, Castro forte,
 E outros em quem poder não teue a morte.

OS LVSIADAS DE L. DE CAI

Em quanto eu estes canto, & a vos nam posso
Sublime Rei, que nam me atreuo a tanto,
Tomay as redeas vos do Reino vosso,
Dareis materia a nunca ouuido canto:
Comecem a sentir o peso grosso,
(Que polo mundo todo faça espanto,)
De exercitos, & feitos singulares,
De Africa as terras, & do Oriëte os mares.

Em vós os olhos tem o Mouro frio,
Em quem vê seu exicio afigurado,
So com vos ver o barbaro Gentio,
Mostra o pescoço ao jugo ja inclinado,
Thetis todo o ceruleo senborio,
Tem pera vós por dote aparelhado:
Que afeiçoada ao gesto bello, & tenro,
Deseja de compraruos pera genro.

Em vós se vem da Olimpica morada,
Dos dous aúds, as almas ca famosas,
Húa na paz Angelica dourada,
Outra polas batalhas sanguinosas:
Em vós esperam, ver-se renouada
Sua memoria, & obras valerosas.
E la vos tem lugar no fim da idade,
No templo da suprema eternidade.

Mas

CANTO PRIMEIRO.

Mas em quanto este tempo passa lento,
De regerdes os pozos, que o desejam:
Day vos fauor ao nono atreuimento,
Pera que estes meus versos vossos sejam:
E vereis ir cortando o falso argento:
Os vossos Argonautas, porque vejam,
Que sam vistos de vos no mar yrado,
E costumaiuos ja a ser innocado.

Ia no largo Oceano nauegauam,
As inquietas ondas apartando,
Os ventos brandamente respirauam,
Das naos as vellas concauas inchando:
Da branca escuma, os mares se mostrauão
Cubertos, onde as proas vam cortando,
As maritimas agoas consagradas,
Que do gado de Proteo sam cortadas:

Quando os Deoses no Olimpo luminoso,
Onde o gouerno està da humana gente,
Se ajuntam em consilio glorioso,
Sobre as cousas futuras do Oriente:
Pisando o cristalino Ceo fermoso,
Vem pela via Lactea, juntamente,
Conuocados da parte de Tonante,
Pelo Neto gentil do velho Atlante.

OS LUSIADAS DE L. DE CA

Deixam dos sete Ceos o regimento,
Que do poder mais alto lhe foy dado,
Alto poder, que so co pensamento
Gouverna o Ceo, a Terra, & o Mar yrado:
Ali se acharam juntos num momento,
Os que habitam o Arcturo congelado.
E os que o Austro tem, & as partes onde
A Aurora nasce, & o claro Sol se esconde.

Estava o Padre ali sublime & dino,
Que vibra os feros rayos de Vulcano,
Num assento de estrellas cristalino,
Com gesto alto, seверо, & soberano,
Do rosto respirava hum ar diuino,
Que diuino tornara hum corpo humano:
Com hũa coroa, & ceptro rutilante,
De outra pedra mais clara que diamante.

Em luzentes assentos marchetados
De ouro, & de perlas, mais abaixo estauão
Os outros Deoses todos assentados,
Como a Razam, & a Ordem concertauam:
Precedem os antigos mais honrados,
Mais abaixo os menores se assentauam:
Quando Iupiter alto assi dizendo,
Cum tom de voz começa, graue & borendo.
Eternos

CANTO PRIMEIRO. 5

Eternos moradores do luzente

Estelifero polo, & claro affento,
Se do grande valor da forte gente,
Do Luso, nam perdeis o pensamento,
Deueis de ter sabido claramente
Como he dos fados grandes, certo intento,
Que por ella sesqueçam os humanos,
De Assirios, Persas, Gregos & Romanos.

Ia lhe foy (bem o vistes) concedido

Cum poder tam singelo, & tam pequeno,
Tomar ao Mourro forte & guarnecido,
Toda a terra que rega o Tejo ameno:
Pois contra o Castelbano tam temido,
Sempre alcançou fauor do Ceo sereno.
Assi que sempre em fim com fama & gloria
Tene os tropheos pendentes da victoria.

Deixo Deoses atras a fama antiga,

Que co a gente de Romulo alcançaram,
Quando com Variato, na inimiga
Guerra Romana tanto se affamaram.
Tambem deixo a memoria que os obriga
A grande nome, quando aleuantaram
Hum por seu capitam, que peregrino
Fingio na Cerna espirito diuino.

Agora

OS LUSIADAS DE L. DE CA

Agora vedes bem, que cometendo,
O diuido so mar, num lenho leue
Por vias nunca vsadas, nam temendo
De Africo & Noto a força a mais satrene:
Que auendo tanto ja que as partes vendo,
Onde o dia he comprido, & onde breue.
Inclinam seu proposito, & persia
A ver os berços, onde nasce o dia,

Prometido lhe está do fado eterno,
Cuja alta ley nam pode ser quebrada,
Que tenham longos tempos o gouerno
Do mar, que vê do Sol a roxa entrada:
Nas agoas tem passado o duro Inuerno,
A gente vem perdida & trabalhada.
La parece bem feito, que lhe seja
Mostrada a noua terra que deseja.

E porque, como vistes, tem passados
Na viagem, tam asperos perigos,
Tantos climas, & ceos experimentados,
Tanto furor de ventos inimigos
Que sejam, determino, agasalhados
Nesta costa Africana, como amigos:
E tendo guarnecida a lassa frota,
Começaram a seguir sua longa rota.

Estas

CANTO PRIMEIRO.

Estas palauras Iupiter dezia,
Quando os Deoses per ordem respondendo,
Na sentença hum do outro disfiria,
Razões diuersas dando & recebendo:
O padre Baco, ali nam consentia
No que Iupiter disse, conbecendo
Que esqueceram seus feitos no Oriente,
Se la passar a Lusitana gente.

Ouuido tinha aos Fados que viria
Hũa gente fortissima de Hespanha
Pelo mar alto, a qual sujeitaria
Da India, tudo quanto Doris banha,
E com nouas victorias venceria
A fama antiga, ou sua, ou fosse estranha.
Altamente lhe doe perder a gloria,
De que Nisa celebra inda a memoria.

Ve que ja teue o Indo sojugado,
Enunca lhe tirou Fortuna, ou caso,
Por vencedor da India ser cantado,
De quantos bebem a agoa de Parnaso:
Teme agora que seja sepultado
Seu tam celebre nome, em negro vaso,
Dagoa do esquecimento, se la cbegam
Os fortes Portugueses, que nauegam.
Sustentam

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Sustentava contra elle *Venus* bella,
 Afeiçãoada aa gente *Lusitana*,
 Per quantas qualidades via nella,
 Da antiga tam amada sua *Romana*,
 Nos fortes corações, na grande estrella,
 Que mostráram na terra *Tingitana*:
 E na lingoa, na qual, quando imagina,
 Com pouca corrupçam cre que he a *Latina*.

Estas causas mouiam *Cytarea*,
 E mais, porque das *Parcas* claro entende.
 Que ha de ser celebrada a clara *Dea*,
 Onde a gente beligera se estende.
 Assim que hum pela infamia que arrecea
 E o outro pelas honras que pretende,
 Debatem, & na persia permanecem,
 A qualquer seus amigos fauorecem.

Qual *Austro* fero, ou *Boreas* na espessura,
 De siluestre aruoredo abastecida,
 Rompendo os ramos vão da mata escura,
 Com impito & braueza desmedida:
 Brama toda montanha, o som murmura,
 Rompen-se as folbas, ferue a serra erguida.
 Tal andara o tumulto levantado,
 Entre os Deos no Olimpo consagrado,

Mas

Mas Marte que da Deosa sustentava
Entre todos as partes em porfia,
Ou porque o amor antigo o obrigava,
Ou por que a gente forte o merecia,
De antre os Deoses em pee se levantava,
Merencorio no gesto parecia:
O forte escudo ao collo pendurado,
Deitando pera tras medonho, & yrado.

Aviseira do elmo de Diamante,
Alevantando hum pouco, muy seguro,
Por dar seu parecer se pos di. ante
De Iupiter, armado, forte & duro:
E dando hũa pancada penetrante,
Co conto do bastão, no folio puro:
O ceo tremeo, & Apolo de toruado,
Hum pouco a luz perdeu, como infiado.

E disse assi, ò Padre a cujo imperio,
Tudo aquillo obedece, que criaste,
Se esta gente que busca outro Emispherio,
Cuja valia, & obras tanto amaste:
Nam queiras que padeçam vituperio,
Como haja tanto tempo que ordenaste.
Nam ouças mais, pois es juiz direito,
Razões de quem parece que he suspeito.

Que

OS LUSIADAS DE L. DE CA:

Que se aqui a r'zan se nam n'osirasse,
 Vencida do tenor demasiado,
 Bem fora que aqui Baco os sustentasse,
 Poi que de Luso vem, seu tam privado:
 Ma esta tençam sua, agora passe,
 Por que em fim vem d'estamago danado,
 Que nunca tirará alhea enueja,
 O bem que outrem merece, & o ceo deseja.

E tu Padre de grande fortaleza,
 Da determinaçam que t'es tomada,
 Nam torres por deitras, pois he fraqueza
 Desistis se da cousa começada.
 Mercurio pois excede em ligeireza
 Ao vento leue, & aa seta bem talhada,
 Lhe va mostrar a terra, onde se informe
 Da India, & onde a gente se reforme.

Como isto disse o Padre poderoso,
 A cabeça inclinando, consentio
 No que disse Mauorte valeroso,
 E Nectar sobre todos esparzio:
 Pelo caminho Lacteo glorioso,
 Logo cada hum dos Deoses se partio.
 Fazendo seus reaes acatamentos,
 Pera os determinados apousentos.

CANTO PRIMEIRO.

5

Em quanto isto se passa, na fermosa
Casa Eterea do Olimpo omnipotente,
Cortaua o mar a gente belicosa:
Ia lá da banda do Austro, & do Oriente,
Entre a costa Ethiopica, & a famosa
Ilha de sam Lourenço, & o Sol ardente
Queimaua entam os Deuses, que Tifeo
Co temor grande em peixes conuerteo.

Tam brandamente os ventos os leuauam,
Como quem o ceo tinha por amigo:
Serenos o ar, & os tempos se mostrauam
Sem nuuës, sem receyo de perigo:
O promontorio prasso ja passauam,
Na costa de Ethiopia, nome antigo:
Quando o mar descobrindo lhe mostraua,
Novas ilhas que em torno cerca, & lava,

Vasco da Gama, o forte Capitão,
Que a tamanhas empresas se offerece,
De soberbo, & de altuo coraçam,
A quem fortuna sempre fauorece,
Pera se aqui deter nam ve razam,
Que inhabitada a terra lhe parece:
Por diante passar determinaua:
Mas nam lhe soccedeo como cuidaua.

Eis

OS LVSIADAS DE L. DE CA

Eis apparecem logo em companhia,
 Hũs pequenos bateis, que vem daquelle
 Que mais chegada à terra parecia,
 Cortando o longo mar com larga vella:
 A gente se aluoroca, & de alegria
 Nam sabe mais que olhar a causa della:
 Que gente sera esta, em si deziã,
 Que costumes, que ley, que Rei teriam?

As embarcações eram, na maneira
 Muy veloces, estreitas, & compridas,
 As vellas com que vem eram de esteira,
 Dũas folhas de Palma bem tecidas:
 A gente da cor era verdadeira,
 Que Phæton, nas terras acendidas
 Ao mundo deu, de ousado, & nam prudente,
 O Pado o sibe, & Lampetusa o sente.

De panos de algodam vinham vestidos,
 De varias cores, brancos, & listrados,
 Hũs trazem derredor de si cingidos,
 Outros em modo ayroso sobraçados:
 Da cinta pera cima vem de spidos,
 Por armas tem adagas & tarçados:
 Com toucas na cabeça, & nauegando,
 Anafis sonorosos vão tocando.

CANTO PRIMEIRO.

Cos panos, & cos braços acenauam,
 Aas gentes Lusitanas, que esperassem:
 Mas ja as proas ligeiras se inclinauam
 Pera que junto aas Ilhas amainassem:
 A gente, & marinheiros trabalhauam,
 Como se aqui os trabalhos sacabassem:
 Tomão vellas, amainase a verga alta,
 Da ancora o mar ferido, encima salta.

Namerão ancorados, quando a gente
 Estranha, polas cordas ja fobia,
 No gesto ledos vem, & humanamente,
 O Capitão sublime os recebia.
 As mesas manda por em continente,
 Do licor que Lico prantado auia:
 Enchem vasos de vidro, & do que deitão,
 Os de Phaetom queimados nada engeitam.

Comendo alegremente perguntauam,
 Pela Arabica lingua, donde vinham,
 Quem eram, de que terra, que buscavão,
 Ou que partes do mar corrido tinham?
 Os fortes Lusitanos lhe tornauam,
 As discretas repostas que conuinham:
 Os Portugueses somos do Occidente,
 Himos buscando as terras do Oriente:

Do mar temos corrido, & nauegado
Toda a parte do Antartico, & Calisto;
Toda a costa Africana rodeado,
Diuerfos Ceos, & Terras temos visto:
Dum Rei potente somos, tam amado,
Tam querido de todos, & bem quisto:
Que nam no largo Mar, com leda fronte:
Mas no lago entraremos de Acheronte.

E por mandado seu, buscando andamos
A terra Oriental, que o Indo rega,
Por elle o Mar remoto nauegamos,
Que so dos feos Focas se nauega:
Mas ja razam parece que saibamos,
Se entre vós a verdade nam se nega:
Quem sois, que terra he esta que habitais?
Ou se tendes da India algũs sinais?

Somos, hum dos das Ilhas, lhe tornou,
Estrangeiros na terra, Lei, & nação
Que os proprios, sam aquelles que criou
A Natura sem Lei, & sem Razão:
Nos temos a Lei certa que ensinou,
O claro descendente de Abrahão:
Que agora tem do Mundo o senhorio,
A mãy Hebrea teue, & o pay Gentio.

CANTO PRIMEIRO: 15

Esta Ilha pequena que habitamos,
He em toda esta terra certa escala,
De todos os que as Ondas nauegamos,
De Quiloa, de Mombaça, & de Sofala:
E por ser necessaria, procuramos,
Como proprios da terra, de habitala:
E porque tudo em fim vos notifique,
Chamase a pequena Ilha Moçambique,

E ja que de tam longe nauegais,
Buscando o Indo ldaſpe, & terra ardente,
Piloto aqui tereis, por quem sejais
Guiados pelas ondas ſabiamente.
Tambem ſera bem feito que tenhais,
Da terra algum refresco, & que o Regente
Que esta terra gouerna, que vos veja,
E do mais necessario vos proueja.

Isto dizendo, o Mouro ſe tornou
A ſeus bateis com toda a companhia,
Do Capitão & gente ſe apartou,
Com moſtras de deuida cortesia:
Niſto Febo nas agoas encerrou,
Co carro de Chriſtal, o claro dia:
Dando cargo aa Irmaã que alumiaſſe,
O largo Mundo, em quanto repouſaſſe.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Anoyte se passou na lassa frota,
Com estranha alegria, & não cuydada,
Por acharem da terra tam remota,
Nova de tanto tempo desejada:
Qualquer entam consigo cuyda, & nota
Na gente, & na maneira desusada.
E como os que na errada Seita crêrão,
Tanto por todo o mundo se estenderam.

Da Lũa os claros rayos rutilauão,
Polas argenteas ondas Neptuninas,
As Estrellas os Ceos acompanhauão.
Qual campo reuestido de boninas,
Os furiosos ventos repousauão,
Polas conas escuras peregrinas.
Porem da armada a gente vigiaua,
Como por longo tempo costumaua.

Mas asy como a Aurora marchetada,
Os fermosos cabellos espalhou,
No Ceo sereno, abrindo a roxa entrada,
Ao claro Hiperionio que acordou,
Começa a embandeirar-se toda a armada,
E de toldos alegres se adornou:
Por receber com festas, & alegria,
O Regedor das Ilhas que partia.

Partia

Partia alegremente nauegando,
 A ver as naos ligeiras Lusitanas,
 Com refresco da terra, em si cuidando,
 Que sam aquellas gentes inhumanas:
 Que os apouentos Caspios habitando.
 A conquistar as terras Asianas
 Vierão: & por ordem do destino,
 O Imperio tomáram a Costantino.

Recebe o Capitão alegremente,
 O Mouro, & toda sua companhia,
 Dalhe de ricas peças hum presente,
 Que so pera este effeito ja trazia:
 Dalhe conserua doce, & dalhe o ardente
 Nam vsado licor que dá alegria.
 Tudo o Mouro contente bem recebe,
 E muito mais contente come, & bebe.

Está a gente maritima de Luso,
 Subida pela exarcia, de admirada,
 Notando o estrangeiro modo, & uso,
 E a lingoagem tam barbara, & enleada.
 Tambem o Mouro astuto está confuso,
 Olhando a cor, o traço, & a forte armada.
 E perguntando tudo lhe dizia,
 Se porventura vinham de Turquia.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

E mais lhe diz tambem, que ver deseja
Os liuros de sua ley, preceito, ou fê,
Pera ver se conforme à sua sêja,
Ou se sam dos de Christo, como crê:
E porque tudo note, & tudo veja,
Ao Capitão pedia, que lhe dê,
Mostra das fortes armas de que vsauão,
Quando cos inimigos pelejauão.

Respondeo ô valeroso Capitão,
Por hum que a lingua escura bem sabia:
Darte ey Senhor illustre relação
De my, da ley, das armas que trazia:
Nem sou da terra, nem da geraçam,
Das gentes enojosas de Turquia:
Mas sou da forte Europa belicosa,
Busco as terras da India tam famosa?

A ley tenho daquelle, a cujo imperio
Obedece o visibil, & inuisibil,
Aquelle que criou todo o Emispherio,
Tudo o que sente, & todo o insensibil
Que padeceo deshonra, & vituperio,
Sofrendo morte injusta, & insufribil:
E que do ceo aa terra em fim deceo,
Por sobir os mortais da terra ao ceo.

Destte

CANTO PRIMEIRO

11

Deſte Deos homem, alto, & infinito,
Os liuros que tu pedes nam trazia,
Que bem poſſo eſcuſar trazer eſcripto
Em papel, o que na alma andar deuia.
Se as armas queres ver, como tẽs dito,
Comprido eſſe deſejo te ſeria:
Como amigo as veras, porque eu me obrigo,
Que nunca as queiras ver como inimigo.

Iſto dizendo, manda os diligentes
Miniſtros, amoſtrar as armaduras,
Vem arneſes, & peitos reluzentes,
Malhas finas, & laminas ſeguras,
Eſcudos de pinturas diferentes,
Pilouros, eſpingardas de aço puras,
Arcos, & ſagittiferas aljauas,
Partaſanas agudas, chuças brauas,

As bombas vem de fogo, & juntamente
As panellas ſulfuneas, tam danofas,
Porem aos de Vulcano nam conſente
Que dem fogo aas bombardas temeroſas:
Porque o generoſo animo, & valente,
Entre gentes tam poucas, & medroſas,
Não moſtra quanto pode, & com razãõ,
Que he fraqueza entre ouelhas ſer liãõ.

Porem disto que o Mouro aqui notou,
 E de tudo o que vio, com olho atento,
 Hum odio certo na alma lhe ficou,
 Hũa vontade má de pensamento.
 Nas mostras, & no gesto o não mostrou:
 Mas com risosinho, & ledo fingimento,
 Tratalllos brandamente determina,
 Ate que mostrar possa o que imagina.

Pilotos lhe pedia o Capitão,
 Por quem podesse aa India ser leuado,
 Dizlhe, que o largo premio leuarão,
 Do trabalho que nisso for tomado.
 Prometellos o Mouro, com tenção
 De peito venenoso, & tam danado:
 Que a morte se podesse neste dia,
 Em lugar de Pilotos lhe daria.

Tamanho o odio foy, & a má vontade,
 Que aos estrangeiros supito tomou,
 Sabendo ser sequaces da verdade,
 Que o filho de Danid nos ensinou,
 Os segredos daquella Eternidade,
 A quem juyzo algum nam alcançou.
 Que nunca falte hum perfido inimigo,
 A aquelles de quem foste tanto amigo?

Partiose

Partio-se nisto em fim co a companhia,
 Das naos o falso Mouro despedido,
 Com enganosa & grande cortesia,
 Com gesto ledo a todos, & fingido:
 Cortaram os bateis a curta via
 Das agoas de Neptuno, & recebido
 Na terra do obsequente ajuntamento,
 Se foy o Mouro ao cognito aposento.

Do claro assento Etereo, o gram Tebano,
 Que da paternal coxa foy nascido,
 Olhando o ajuntamento Lusitano,
 Ao Mouro ser molesto, & auorrecido:
 No pensamento cuyda hum falso engano
 Com que seja de todo destruydo.
 E em quanto isto so na alma imaginava
 Configo estas palauras praticava.

Esta do fado ja determinado,
 Que tamanhas victorias tam famosas,
 Ajam os Portugueses alcançado,
 Das Indianas gentes belicosas.
 E eu so filho do Padre sublimado,
 Com tantas qualidades generosas:
 Ey de sofrer que o Fado fauoreça
 Outrem, por quem meu nome se escureça?
 la quiserão

OS LUSIADAS DE L. DE CAI

La quiseram os Deoses que tiuesse,
 O filho de Filipo nesta parte,
 Tanto poder, que tudo sometesse
 Debaixo de seu jugo, o fero Martes:
 Mas asse de soffrer que o Fado desse,
 A tam poucos tamianho esforço, & arte
 Quan co gram Macedonio, & Romano,
 Demos lugar ao nome Lusitano?

Não sera assy, porque antes que chegado
 Seja este Capitão, astutamente
 Lhe sera tanto engano fabricado,
 Que nunca veja as partes do Oriente:
 Eu decerey aa terra, & o indignado
 Peito, reuolueray da Maura gente,
 Porque sempre por via yra direita,
 Quem do oportuno tempo se aproueita:

Isto dizendo yrado, & quasi insano,
 Sobre a terra Affricana descendeo,
 Onde vestindo a forma & gesto humano,
 Pera o Prasso sabido se moueo.
 E por milhor tecer o astuto engano,
 No gesto natural se conuerteo,
 Dum Mouro, em Mocambique conhecido,
 Velho, sabio, & co Xequemuy valido.

E entrando

CANTO PRIMEIRO. 14

Entrando assy a falarlhe, a tempo & horas,
 A sua falsidade acomodadas,
 Lhe diz como erão gentes roubadoras,
 Estas que ora de nouo sam chegadas:
 Que das nações na costa moradoras,
 Correndo a fama veio, que roubadas
 Forão por estes homēs que passauam,
 Que com pactos de paz sempre ancorauam.

E sabe mais, lhe diz, como entendido
 Tenho destes Christãos sanguinolentos,
 Que quasi todo o mar tem destruido,
 Com roubos, com incendios violentos:
 E trazem ja de longe engano vrdido,
 Contra nòs, & que todos seus intentos
 Sam pera nos matarem, & roubarem,
 E molheres & filhos captiuarem.

E tambem sey que tem determinado,
 De vir por agoa a terra muito cedo,
 O Capitão dos seus acompanhado,
 Que da tençam danada nasce o medo:
 Tu deues de yr tambem cos teus armado
 Esperallo em cilado, occulto & quedo:
 Porque saindo a gente descuydada,
Cairão facilmente na cilada.

E se inda

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

E se inda nam ficarem deste geito,
 Destruydos, ou mortos totalmente,
 Eu tenho imaginada no conceito,
 Outra manha & ardil que te contente:
 Mandalhe dar Piloto, que de geito
 Seja astuto no engano, & tam prudente,
 Que os leue aonde sejam destruydos,
 Desbaratados, mortos, ou perdidos.

Tanto que estas palauras acabou,
 O Mouro nos taes casos, sabio & velho
 Os braços pelo collo lhe lançou,
 Agradecendo muito o tal conselho:
 E logo nesse instante concertou,
 Pera a guerra o beligeró aparelho:
 Pera que ao Portuguez se lhe tornasse,
 Em roxo sangue a agoa que buscasse.

E busca mais pera o cuydado engano,
 Mouro que por Piloto aa não lhe mande,
 Sagaz, astuto, & sabio em todo dano,
 De quem fiar se possa hum feito grande,
 Dizlhe que acompanhando o Lusitano,
 Por tais costas, & mares co'elle ande:
 Que se daqui escapar, que la diante
 Va cair onde nunca se alienante.

CANTO PRIMEIRO. 13

Ia o rayo Apolineo visitaua,
 Os Montes Nabatheos acendido,
 Quando Gama cos seus determinaua
 De vir por agoa a terra apercebido:
 A gente nos bateis se concertaua,
 Como se fosse o engano ja sabido:
 Mas pode sospeitar-se facilmente,
 Que o coração presago nunca mente.

E mais tambem mandado tinha a terra,
 De antes pelo Piloto necessario:
 E foi-lhe respondido em som de guerra,
 Caso do que cuidaua muy contrario:
 Por isto, & porque sabe quanto erra,
 Quem se cre de seu perfido aduersario,
 Apercebido vay como podia,
 Em tres bateis somente que trazia:

Mas os Mouros que andauão pela praya,
 Por lhe defender a agoa desejada,
 Hum de escudo embarcado, & de azagaya,
 Outro de arco encuruado, & seta eruada:
 Esperão que a guerreira gente saye,
 Outros muytos ja postos em cillada.
 E porque o caso leue selhe faça,
 Poem hũs poucos diante por negaça.

Andão

OS LUSIADAS DE L. DE CAI

Andão pela ribeira alua arenosa,
 Os belicosos Mouros acenando,
 Com a adarga, & co a astea perigosa,
 Os fortes Portuguezes incitando:
 Nam soffre muito a gente generosa,
 Andarlhe os cães os dentes amostrando.
 Qualquer em terra salta, tam ligeiro,
 Que nenhum dizer pode que he primeiro.

Qual no corro sanguino, o ledó amante,
 Vendo a fermosa dama desejada,
 O Touro busca, & pondo se diante,
 Salta, corre, sibila, acena, & brada:
 Mas o animal atroce nesse instante,
 Com a fronte cornigera inclinada,
 Bramando duro corre, & os olhos cerra,
 Derriba, fere, & mata & poem por terra.

Eis nos bateis fogo se leuanta,
 Na furiosa & dura artilheria,
 A plumbea pela mata, o brado espanta:
 Ferido o ar retumba, & affouia:
 O coraçam dos Mouros se quebranta,
 O temor grande o sangue lhe resfria:
 Ia foge o escondido de medroso,
 E morre o descoberto auenturoso.

Não se contenta a gente Portuguesa:
Mas seguindo a vitória estrue, & mata
A pouoaçam sem muro, & sem defesa,
Esbombardea, acende, & desbarata.
Da caualgada ao Mouro ja lhe pesa,
Que bem cuidou comprala mais barata:
La blasfema da guerra, & maldizia,
O velho Inerte, & a mãy que o filho cria.

Fugindo, a seta o Mouro vay tirando,
Sem força, de conarde, & de apressado,
A pedra, o pao, & o canto arremessando,
Dalhe armas o furor desatinado:
La a Ilha, & todo o mais, desemparrando,
Aa terra firme foge amedrontado.
Passa, & corta do mar o estreito braço,
Que a Ilha em torno cerca, em pouco espaço.

Hũs vão nas almádias carregadas,
Hum corta o mar a nado diligente,
Quem se affoga nas ondas encurvadas,
Quem bebe o mar, & o deita juntamente:
Arrombão as meudas bombardadas
Os Pangaios sotis da bruta gente.
Desta arte o Portugues em fim castiga,
A vil malicia, perfida, inimiga.

Tornão

Tornam victoriosos pera a armada,
 Co despojo da guerra, & rica presa,
 E vão a seu prazer fazer agoada,
 Sem achar resistencia, nem defesa,
 Ficava a Maura gente magoada,
 No odio antigo, mais que nunca acesa.
 Evendo sem vingança tanto dano,
 Somente estriba no segundo engano.

Pazes cometer manda arrependido,
 O Regedor daquella inica terra,
 Sem ser dos Lusitanos entendido,
 Que em figura de paz lhe manda guerra:
 Porque o Piloto falso prometido,
 Que toda a má tençam no peito encerra.
 Pera os guiar aa morte lhe mandava,
 Como em final das pazes que tratava.

O Capitam, que ja lhe entam conuinha,
 Tornar a seu caminho acostumado,
 Que tempo concertado, & ventos tinha,
 Pera yr buscar o lndo desejado.
 Recebendo o Piloto que lhe vinha,
 Foy d'elle alegremente agasalhado:
 E respondendo ao mensageiro, atento
 Aas vellas manda dar ao largo vento.

CANTO PRIMEIRO. 17

Desta arte despedida a forte armada,
 As ondas de Anfitriúe diuidia,
 Das filhas de Nereu acompanhada,
 Fiel, alegre, e doce companhia.
 O Capitam, que nam cabia em nada,
 Do enganoso ardil que o Mouro vrdia
 Delle muy largamente se informaua,
 Da India toda, e costas que passaua.

Mas o Mouro instruido nos enganos,
 Que o maléuolo Baco lhe ensinara
 De morte, ou captiueiro nouos danos,
 Antes que aa India chegue lhe prepara
 Dando razam dos portos Indianos,
 Tambem tudo o que pede lhe declara
 Que auendo por verdade o que dizia,
 De nada a forte gente se temia.

E dizlhe mais co falso pensamento,
 Com que Synon os Phrigios enganou,
 Que perto está hũa Ilha, cujo assento,
 Pouo antigo Christão sempre abitou.
 O Capitão que a tudo estaua a tento,
 Tanto co estas nouas se alegrou,
 Que com dadiuas grandes lhe rogaua,
 Que o leue aa terra onde esta gente estaua.

OS LUSIADAS DE L. DE CAI

Ho mesmo o falso Mouro determina,
Que o seguro Christão lhe manda & pede,
Que a Ilha he possuida da malina
Gente, que segue o torpe Mahamede:
Aqui o engano & morte lhe imagina,
Porque em poder & forças muito excede
Aa Moçambique, esta Ilha que se chama
Quiloa, muy conbecida pola fama.

Pera lá se inclinava a leda frota:
Mas a Deosa em Cythere celebrada,
Vento como deixava a certa rota,
Por yr buscar a morte não cuidada,
Nam consente que em terra tam remota
Se perca a gente della tanto amada.
E com ventos contrairos a desuia,
Donde o Piloto falso a leua, & guia.

Mas o maluado Mouro nam podendo,
Tal determinaçam leuar a vante,
Outra maldade inica cometendo,
Ainda em seu proposito constante,
Lhe diz, que pois as agoas discorrendo,
Os leuãrão por força por diante,
Que outra Ilha tem perto, cuja gente,
Eram Christãos com Mouros juntamente:
Tambem

CANTO PRIMEIRO

Tambem nestas palauras lhe mentia,
 Como por regimento em fim leuaua,
 Que aqui gente de Christo nam auia:
 Mas a que a Mahamede celebraua.
 O Capitam que em tudo o Mouro cria;
 Virando as vellas, a Ilha demandaua:
 Mas nam querendo a Deosa guardadora,
 Nam entra pela barra, & surge fora.

Estaua a Ilha aa terra tam chegada,
 Que hum estreito pequeno a diuidia,
 Hũa cidade nella situada,
 Que na frente do mar aparecia,
 De nobres edificios fabricada,
 Como por fora, ao longe descobria,
 Regida por hum Rei de antiqua idade,
 Mombaça he o nome da Ilha, & da Cidade.

E sendo a ella o Capitam chegado,
 Estranhamente ledo, porque espera
 De poder ver o pouo baptizado,
 Como o falso Piloto lhe dissera:
 Eis vem bateis da terra com recado
 Do Rei, que ja sabia a gente que era,
 Que Baco muito de antes o auisara,
 Na forma doutro Mouro que tomara.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

O recado que trazem he de amigos;
 Mas debaxo o veneno vem cuberto,
 Que os pensamentos eram de inimigos,
 Segun lo foy o engano descuberto.
 O grandes & grauiſſimos perigos,
 O caminho de vida nunca certo.
 Que aonde a gente poem ſua eſperança,
 Tenha a vida tam pouca ſegurança.

No mar tanta tormenta, & tanto dano,
 Tantas vezes a morte apercebida,
 Na terra, tanta guerra, tanto engano,
 Tanta neceſſidade auorrecida:
 Onde pode acolher ſe hum fraco humano,
 Onde terã ſegura a curta vida?
 Que não ſe arme, & ſe indigne o ceo ſereno,
 Contra hum bicho da terra tam pequeno.

Johão de Fim...
 Eſtamente ſe...
 De...
 Como o...
 Em...
 Do...
 Que...
 De...

Canto Segundo.



A neste tempo o

lucido Planeta,

Que as horas vay do dia distinguindo,

Chegava aa desejada, e lenta Meta,

A luz celeste aa gentes encobrindo;

E da casa maritima secreta,

Lhe estava o Deos Nocturno a porta-abrido

Quando as fingidas gentes se chegarão

Aas naos, que pouco avia que ancorarão.

Dantre elles hum que traz encomendado,

O mortifero engano, assi dezia:

Capitam valeroso, que cortado

Tens de Neptuno o reyno, e falsa via,

O Rei que manda esta Ilha aluorogada

Da vinda tua tem tanta alegria,

Que nam deseja mais que agasalharte,

Verte, e do necessario reformarte.

OS LUSIADAS DE L. DE CAM

E porque está em estremo deseioso
De te ver, como cousa nomeada,
Te roga que de nada receoso,
Entres a barra, tu com toda armada:
E porque do caminho trabalhoso,
Traras a gente debil, & cansada,
Diz que na terra podes reformala,
Que a natureza obriga a desejala.

E se buscando vas mercadoria,
Que produze o aurifero Leuante,
Canella, Crauo, ardente especiaria,
Ou Droga salutifera, & prestante:
Ou se queres luzente pedraria,
O Rubi fino, o rigido diamante:
Daqui leuaras tudo tam sobejo,
Com que faças o fim a teu desejo.

Ao mensageiro o Capitam responde,
As palauras do Rei agradecendo,
E diz, que porque o Sol no mar se esconde,
Nam entra pera dentro obedecendo,
Porem que como a luz mostrar por onde
Va sem perigo, a frota nam temendo,
Comprirá sem receio seu mandado,
Que a mais por tal senhor está obrigado.

Perguntalbe

Perguntalhe despois, se estam na terra
Christãos, como o Piloto lhe dizia,
O mensageiro astuto que nam erra,
Lhe diz, que a mais da gēte em Christo cri :
Desta sorte do peito lhe desterra
Toda a sospeita, & canta fantasia:
Por onde o Capitam seguramente,
Se fia da infiel, & falsa gente.

E de algũs que trazia condenados,
Por culpas, & por feitos vergonhosos,
Porque podessem ser auenturados
Em casos desta sorte duuidosos:
Manda dous mais sagazes, ensaiados,
Porque notem dos Mouros enganosos,
A Cidade, & poder, & por que vejão,
Os que Christãos, que so tanto ver deseção.

E por estes ao Rei presentes manda,
Por que a boa vontade que mostraua,
Tenha firme, segura, limpa, & branda,
A qual bem ao contrario em tudo estaua.
la a companhia perfida, enefanda
Das naos se despedia, & o mar cortaua,
Foram com gestos ledos, & fingidos,
Os dous da frota em terra recebidos.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

E despois que ao Rei apresentaram,
 Co recado os presentes que trazião,
 A Cidade correram, & notarão
 Muito menos daquillo que querião,
 Que os Mouros cautelosos se guardàram
 De lhe mostrarem tudo o que pedião.
 Que onde reina a malicia, está o receio
 Que a faz imaginar no peito albeio.

Mas aquelle que sempre a mocidade,
 Tem no rosto perpetua, & foy nascido
 De duas mãs: que urdia a falsidade,
 Por ver o nauegante destruydo:
 Estaua nũa casa da Cidade,
 Com rosto humano, & habito fingido,
 Mostrando se Christão, & fabricaua
 Hum altar sumptuoso que adoraua.

Ali tinha em retrato affigurada
 Do alto & Sancto Spirito a pintura,
 A candida Pombinha debuxada,
 Sobre a vnica Fenix Virgem pura,
 A companhia sancta está pintada,
 Dos doze tam toruados na figura,
 Como os que, so das linguas que cayrão,
 De fogo, varias linguas referirão.

Aqu

Aqui os dous companheiros conduzidos,
On le com este engano Baco estava,
Poem em terra os gíolhos, & os sentidos
Naquelle Deos, que o mundo governava
Os cheiros excellentes produzidos,
Na Panchaia odorifera queimava
O Thioneu, & assi por derradeiro
O falso Deos adora o Verdadeiro.

Aqui foram denoite agasalhados,
Com todo o bom, & honesto tratamento
Os dous Christãos, nam vendo que enganado
Os tinha o falso, & sancto fingimento:
Mas assi como os rayos espalhados
Do Sol foram no mundo, & num momento,
Apareceo na rubido Orizonte,
Na moça de Titão a roxa fronte.

Tornam da terra os Mouros co recado,
Do Rei, pera que entrassem, & consigo
Os dous que o Capitam tinha mandado,
A quem se o Rei mostrou sincero amigo:
E sendo o Portugues certificado,
De nam auer receyo de perigo.
E que gente de Christo em terra auia,
Dentro no falso rio entrar queria.

Dizem

OS LUSIADAS DE L. DE CAI

Dizem-lhe os que mandou, que em terra virão,
 Sacras aras, & sacerdote sancto,
 Que ali se agasalhárão, & dormirão,
 Em quanto a luz cubrio o escuro manto:
 E que no Rei, & gentes nam sentirão
 Senam contentamento, & gosto tanto:
 Que nam podia certo auer sospeita.
 Nũa mostra tam clara, & tam perfeita.

Co isto o nobre Gama recebia
 Alegrementemente os Mouros que subiam,
 Que leuemente hum animo se fia,
 De mostras que tão certas pareciam:
 A nao da gente perfida se enchia,
 Deixando a bordo os barcos que traziam:
 Alegres vinhão todos, porque crem
 Que a presa desejada certa tem.

Na terra eautamente aparelhauam,
 Armas, & monições, que como vissem
 Que no Rio os nauios ancorauam
 Nelles ousadamente se sobissem:
 E nesta treição determinauam,
 Que os de Luso de todo destruissem:
 E que incautos pagassem deste geito
 O mal que em Moçambique tinham feito!

CANTO SEGUNDO.

As ancoras tenaces vão leuando,
 Com a nautica grita costumada,
 Da proa as vellas sos ao vento dando,
 Inclina a per a a barra abalisada:
 Mas a linda Ericina, que guardando
 Andava sempre a gente assinalada:
 Vendo a cilada grande, e tam secreta,
 Voa do ceo ao mar como hũa seta.

Conuoca as aluas filhas de Nerèo,
 Com toda a mais cerulea companhia,
 Que porque no salgado mar nasceo,
 Das agoas o poder lhe obedecia.
 E propondo-lhe a causa a que deceo,
 Com todos juntamente se partia:
 Pera estoruar que a armada nam chegasse;
 Aonde pera sempre se acabasse.

La na agoa erguendo vão com grande pressa,
 Com as argenteas caudas branca escuma,
 Cloto co peito corta, e atraueffa
 Com mais furor o mar do que costuma.
 Salta Nise, Nerine se arremessa,
 Por cima da agoa crespa, em força sumo.
 Abrem caminho as ondas encuruadas,
 De temor das Nereidas apressadas.

Nos

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Nos hombros de hum Tritão com gesto aceso,
Vay a linda Dione furiosa,
Nam sente quem a leua o doce peso,
De soberbo, com carga tam fermosa:
Ia chegão perto donde o vento teso.
Enche as vellas da frota belicosa.
Repartense, & rodeão nesse instante;
As naos ligeiras que hão por diante.

Poemse a Deosa com outras em direito
Da proa capitaina, & ali fechando,
O caminho da barra estão de geito,
Que em vão assopra o vento, a vella inchado:
Poem no madeiro duro o brando peito,
Pera detras a forte nao forçando.
Outras em derredor leuandoa estão,
E da barra inimiga a desuião.

Quaes pera a coua as pròuidas formigas,
Leuando o peso grande acomodado,
As forças exercitam, de inimigas,
Do inimigo Inuerno congelado:
Ali sam seus trabalhos, & fadiga;
Ali mostram vigor nunca esperado.
Tais andauão as Nymphas estoruando
Aa gente Portuguesa o fim nefando.

Torna

Torna pera detras a Nao forçada,
 A pesar dos que leua, que gritando,
 Mareão vellas, ferue a gente yrada,
 O leme a hũ bordo, & a outro atraueſſando,
 O Meſtre aſtuto em vão da popa brada,
 Vendo como diante ameaçando
 O eſtũa hum maritimo penedo,
 Que de quebrarlhe a Nao lhe mete medo.

A celeuma medonha ſe aleuanta,
 No rudo Marinheiro que trabalha,
 O grande eſtrondo a Maura gente eſpanta,
 Como ſe viſſem horrida batalha:
 Nam ſabem a razam de furia tanta,
 Nam ſabem neſta preſſa quem lhe valha:
 Cuydão que ſeus enganos ſam ſabidos,
 E que ande ſer por iſſo aqui punidos.

Eilos ſubitamente ſe lançaõ,
 A ſeus bateis veloces que trazião,
 Outros encima o mar aleuantaõ,
 Saltando nagoa a nado ſe acolhião:
 De hum bordo & doutro ſubito saltãõ,
 Que o medo os compelia do que vião.
 Que antes querem ao mar auenturarſe,
 Que nas mãos inimigas entregarſe.

OS LUSIADAS DE I: DE CAI

Assi como em seluatica alagoa,
As rãs no tempo antigo Lycia gente,
Se sentem por ventura vir pessoa,
Estando fora da agoa incantamente,
Daqui, e dali saltando, o charco soa,
Por fogir do perigo que se sente,
E acolhendose ao couto que conhecem,
Sos ás cabeças na agoa lhe aparecem.

Assi fogem os Mouros, e o Piloto,
Que ao perigo grande as naos guiara,
Crendo que seu engano estaua noto,
Tambem foge saltando na agoa amara:
Mas por nam darem no penedo immoto,
Onde percão a vida doce, e cara:
A ancora solta logo a capitaina,
Qualquer das outras junto della amaina.

Vendo o Gama, atentado a estranheza
Dos Mouros, não cuidada, e juntamente,
O Piloto fogir-lhe com presteza,
Entende o que ordenaua a bruta gente,
E vendo sem contrastes, e sem braueza
Dos ventos, ou das agoas sem corrente,
Que a Nao passar auante não podia,
Auendo o por milagre assi dizia.

O caso

O caso grande, estranho, & não cuydado,
O milagre claríssimo, & euidente,
O descuberto engano inopinado,
O perfida inimiga, & falsa gente,
Quem poderà do mal aparelhado
Liurar-se sem perigo sabiamente.
Se lá de cima a guarda soberana,
Não acudir aa fraca força humana?

Bem nos mostra a diuina providencia,
Destes portos a pouca segurança,
Bem claro temos visto na apparencia,
Que era enganada a nossa confiança:
Mas pois saber humano, nem prudencia
Enganos tão fingidos não alcança:
O tu guarda diuina, tem cuidado
De quem sem ti não pôde ser guardado:

E se te moue tanto a piedade,
Desta misera gente peregrina,
Que so por tua altíssima bondade,
Da gente a saluas, perfida & malina,
Nalgum porto seguro de verdade:
Conduzirnos ja agora determina,
Ou nos amosra a terra que buscamos,
Pois so por teu serviço nauégamos.

Ouuiolhe estas polauras piadosas,
 A fermosa Dione, & comouida,
 Dantre as Nymphas se vay, que saudosas
 Ficdr. o desta subita partida:
 la penetra as Estrelas luminosas,
 la na terceyra Esphera recebida:
 Auante passa, & la no sexto ceo,
 Pera onde estaua o Padre se moueo.

E como hia afrontada do caminho,
 Tam fermosa no gesto se mostraua,
 Que as Estrellas, & o Ceo, & o Ar vizinho
 E tudo quanto a via namoraua
 Dos olhos, onde faz seu filho oninho
 Hũs espiritos viuos inspiraua,
 Com que os Polos gelados acendia,
 Eternaua do Fogo a esphera fria,

E por mais namorar o soberano
 Padre, de quem foy sempre amada, & cara
 Se lhapresenta assi como ao Troyano,
 Na selua lde a ja se apresentara:
 Se a vira o coçador, que o vulto humano
 Perdeo, vendo Diana na agoa clara:
 Nunca os famintos galgos o matarão,
 Que primeiro desejos o acabarão.

Os crespos

CANTO SEGUNDO.

37

Os crespos fios d'ouro se esparziam
Pelo colo, que a neve escurecia,
Andando as lacteas tetas lhe tremiam,
Com quem Amor brincava, & nam se via.
Da alua petrina flamas lhe saiam,
Onde o Minino as almas acendia.
Polas lisas colūnas lhe trepauão,
Desejos, que como Era se enrolauão.

Cum delgado cendal as partes cobre,
De quem vergonha he natural reparo,
Porem nem tudo esconde, nem descobre
O vèo dos roxos lĩrios pouco auaro:
Mas pera que o desejo acenda, & dobre,
Lhe poem diante aquelle objecto raro.
La se sentem no ceo, por toda a parte,
Ciumes em Vulcano, Amor em Marte,

E mostrando no angelico sembante,
Co riso hũa tristeza misturada,
Como dama que foi do incauto amante,
Em brincos amorosos mal tratada,
Quê se aqueixa, & se ri, nũ mesmo instante,
E se torna entre alegre magoada.
Desta arte a Deosa, a quem nenhũa iguala,
Mais mimosa que triste ao Padre fala.

DSempre

OS LUSIADAS DE L. DE CAI

Sempre eu cuidey, ò Padre poderoso,
Que pera as cousas, que eu do peito amasse
Te achasse brando, affabil, & amoroso.
Posto que a algum contrairo lhe pesasse:
Mas pois que contra my te vejo yroso,
Sem que to merecesse, nem te errasse.
Façase co no Baco determina,
Assentarey em fim que fuy mofina.

Este pouo que he meu, por quem derramo,
As lagrimas que em vão caidas vejo,
Que assaz de mal lhe quero, pois que o amo,
Sendo tu tanto contra meu desejo:
Por elle a ti rogando choro, & bramo,
E contra minha dita em fim pelejo.
Ora pois porque o amo he mal tratado,
Querolhe querer mal, sera guardado.

Mas moura em fim nas mãos das brutas gentes,
Que pois eu fuy: & niſto de mimosa
O roſto banha, em lagrimas ardentes,
Como co orualho fica a fresca roſa
Calada hum pouco, como ſe entre os dentes
Lhe impedira a falla piadoſa.
Torna a ſeguila, & indo por diante,
Lhe atalha o poderoso, & gram Tonante.

E deſtaſ

E destas brandas mostras con oullo,
Que moueram de hum Tigre o peito duro,
Co vulto alegre, qual do Ceo f'bi lo,
Torna sereno & claro o ar f'ciuro.
As lagrimas lhe alimpa, & acendido
Na face a beija, & abraça o colo puro:
De modo que dali, se so se achãra,
Outro nouo Cupido se gerãra.

E co seu apertando o rosto amado,
Que os saluços, & lagrimas aumenta,
Como minino da ama castigado,
Que quem no affaga o choro lhe acrecentã,
Por lhe por em sossego o peito yrado,
Muitos casos futuros lhe apresenta.
Dos fados as entranhas reuoluendo,
Desta maneira em fim lhe está dizendo.

Fermosa filha minha nam temais
Perigo algum, nos vossos Lusitanos,
Nem que ninguem comigo possa mais,
Que esses chorosos olhos soberanos:
Que eu vos prometo filha que vejais
Esqueceremse Gregos & Romanos.
Pelos illustres feitos que esta gente,
Ha de fazer nas partes do Oriente.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Que se o facundo Vlysses escapou,
De ser na Ogigia Ilha, eterno escravo:
E se Antenor os seios penetrou,
Iliricos, & a fonte de Timauro.
E se o piadoso Eneas nauugou,
De Scila, & de Caribdis o mar brauo.
Os vossos mōres cousas atentando,
Nouos mundos ao mundo yrão mostrando.

Fortalezas, cidades, & altos muros,
Por elles vereis filha edificadas:
Os Turcos belacissimos & duros,
Delles sempre vereis dasbaratados.
Os Reis da India liures, & seguros,
Vereis ao Rei potente sojugados.
E por elles de tudo em fim senhores,
Seram dadas na terra leis milhores.

Vereis este, que agora presuroso,
Por tantos medos o lido vay buscando,
Tremar delle Neptuno de medroso,
Sem vento suas agoas encrespando.
O caso nunca visto, & milagroso,
Que trema, & ferua o Mar em calma estado
O gente forte, & de altos pensamentos,
Que tambem della hão medo os Elementos.

Vereis

CANTO SEGUNDO:

Vereis a terra que a agoa lhe tolhia,
 Que inda ha de ser hum porto muy decente,
 Em que vão descansar da longa via,
 As naos que nauegarem do Occidente:
 Toda esta costa em fim, que agora vrdia,
 O mortifero engano, obediente,
 Lhe pagará tributos, conhecendo,
 Nam poder resistir ao Luso horrendo.

E vereis o Mar roxo tam famoso,
 Tornar selhe amarello de infiado:
 Vereis de Ormuz o Reino poderoso,
 Duas vezes tomado, & sojugado.
 Ali vereis o Mouro furioso,
 De suas mesmas setas traspassado.
 Que quem vay contra os vossos, claro veja,
 Que se resiste, contra si peleja.

Vereis a inexpugnabil Dio forte,
 Que dous cercos terá, dos vossos sendo,
 Ali se mostrará seu preço, & sorte,
 Feitos de armas grandissimos fazendo:
 Enuejoso vereis o gram Mauorte,
 Do peito Lusitano, fero & borendo.
 Do Mouro ali veram que a voz extrema
 Do falso Mahamede ao Ceo blasfema.

Goa vereis aos Mouros ser tomada,
 A qual virà despois a ser senhora,
 De todo o Oriente, & sublimada
 Cos triumphos da gente vencedora.
 Ai soberba altiva, & exalçada,
 Ao Gentio que os Idolos adora.
 Duro freo porà, & a toda a terra,
 Que cuidar de fazer aos vossos guerra.

Nereis a fortaleza sostentar-se,
 De Canan r, com pouca força & gente:
 E vereis Calecu desbaratar-se,
 Cidade popu/osa, & tam potente.
 E vereis em Cochim asbinalar-se,
 Tanto hum peito soberbo, & insolente;
 Que Cítara ja mais cantou victoria,
 Que assi mereça eterno nome, & gloria.

Nunca com Marte, instructo & furioso,
 Se vio feruer Leucate, quando Augusto
 Nas ciuís Actias guerras animoso,
 O Capitam venceo Romano injusto,
 Que dos ponos de Aurora, & do famoso
 Nilo, & do Baetra Scitico, & robusto,
 A victoria trazia, & presa rica,
 Preso da Egipcia linda, & nam pudica.

Como

CANTO SEGUNDO.

Como vereis o mar feruendo aceso,
 Cos incendios dos vossos pelejando,
 Leuando o Idololatra, & o Mouro preso,
 De nações diferentes triumphando.
 E sogeita a rica Aureo Chersoneso,
 Ate o longico China nauegando.
 E as Ilhas mais remotas do Oriente,
 Serlhe a todo o Oceano obediente.

De modo filha minha, que de geito,
 Amosstrarão esforço mais que humano,
 Que nunca se vera tam forte peito,
 Do Gantico mar ao Gaditano,
 Nem das Boreais ondas, ao Estreito,
 Que mostrou o agrauado Lusitano:
 Posto que em todo o mundo, de affrontados
 Resucitassem todos os passados.

Como isto disse, manda o consagrado
 Filho de Mafía aa terra, porque tenha
 Hum pacifico porto, & sossegado,
 Pera onde sem receyo a frota venha.
 E pera que em Mombaça, auenturado
 O forte Capitam se nam detenha,
 Lbe manda mais, q̃ em sonhos lhe mostrasse
 A terra, onde quieto repousasse.

La pelo ar o Cyleneo voaua,
 Com as asas nos pès aa terra deçe,
 Sua vara fatal na mão leuaua,
 Com que os olhos cansados adormece:
 Com esta, as tristes almas reuocaua,
 Do Inferno, & o vento lhe obedece.
 Na cabeça o galêro costumado,
 E desta arte a Melinde foy chegado.

Configo a Fama leua, porque diga,
 Do Lusitano, o preço grande & raro,
 Que o nome illustre a hũ certo amor obriga,
 E faz a quem o tem, amado & caro.
 Desta arte vay fazendo a gente amiga,
 Co rumor famosissimo, & perclaro.
 Ia Melinde em desejos arde todo,
 De ver da gente forte o gesto & modo.

Dali pera Mombaça logo parte.
 Aonde as naos estauão temerosas,
 Pera que aa gente mande que se aparte,
 Da barra imiga, & terras sospetosas:
 Porque muy pouco val esforço & arte,
 Contra infernais vontades enganosas:
 Pouco val coraçam, astucia, & siso,
 Se la dos Ceos nam vem celeste auiso.

Meyo caminho a noite tinha andado,
E as Estrellas no Ceo co a luz albeia,
Tinham o largo Mundo alumiado,
E so co sono a gente se recreia.
O Capitam illustre, ja cansado,
De vigiar a noite que arreceia,
Breue repouso entam aos olhos daua,
A outra gente a quartos vigiaua.

Quando Mercurio em sonhos lhe aparece,
Dizendo , fuge, fuge Lusitano,
Da cilada que o Rei maluado teçe,
Por te trazer ao fim, & extremo dano,
Fuge, que o vento, & o Ceo te fauorece,
Seren o tempo tês, & o Oceano,
E outro Rei mais amigo, noutra parte,
Onde podes seguro agasalharte.

Nam tens aqui senão aparelhado,
O hospicio que o cru Diomedes daua,
Fazendo ser manjar acostumado,
De cauallos a gente que hospedaua:
As aras de Busiris infamado,
Onde os hospedes tristes imolaua.
Teras certas aqui, se muito esperas,
Fuge das gentes perfidas & feras.

Vaite

OS LUSIADAS DE L. DE CAI
Vaite ao longo da costa discorrendo,
E outra terra acharas de mais verdade,
La quasi junto donde o Sol ardendo,
Iguala o dia, & noite em quantidade:
Ali tua frota alegre recebendo
Hum Rei, com muitas obras de amizade,
Casalhado seguro te daria,
E pera a India certa & sabia guia.

Isto Mercurio disse, & o sono leua
Ao Capitam, que com muy grande espanto
Acorda, & ve ferida a escura treua,
De hũa subita luz, & rayo sancto:
E vendo claro quanto lhe releua,
Nam se deter na terra iniqua tanto.
Com nouo sprito ao Mestre seu mandaua,
Que as vellas desse ao vento que assoprava.

Day vellas, disse, day ao largo vento,
Que o Ceo nos fauorece, & Deos o manda,
Que hum mensageiro vi do claro assento
Que so em fauor de nossos passos anda:
Aleuantase nisto o mouimento
Dos marinheiros, de hũa & de outra banda
Leuam gritando as ancoras acima
Mostrando a ruda força que se estima.

Neste

Neste tempo, que as ancoras leuauam,
Na sombra escura os Mouros escondidos,
Mansamente as anarras lhe cortauam,
Por serem, dando aa costa, destruydos:
Mas com vista de Lincez vigiauan,
Os Portugueses sempre apercebidos.
Elles como acordados os sentiram,
Voando, & nam remando lhe fogiram.

Mas ja as agudas proas apartando,
Hião as vias humidas de argento,
Assopralhe galerno o vento, & brando,
Com suaue & seguro mouimento,
Nos perigos passados vam fallando,
Que mal se perderám do pensamento,
Os casos grandes, donde em tanto aperto
A vida em saluo escapa por acerto.

Tinha hũa volta dado o Sol ardente,
E noutra começaua, quando viram
Ao longe dous nauios, brandamente
Cos ventos nauegando, que respiram,
Porque auíam de ser da Maura gente,
Pera elles arribando, as vellas viram.
Hum de temor do mal que arreceaua,
Por se saluar a gente aa costa dana.

Não

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Não he o outro que fica tam manhoso:
Mas nas mãos vay cair do Lusitano,
Sem o rigor de Marte furioso,
E sem a furia horrenda de Vulcano,
Que como fosse debil & medroso,
Da pouca gente o fraco peito humano:
Nam teue resistencia, & se a tiuera
Mais dāno resistindo recebera.

E como o Gama muito desejasse,
Piloto pera a India que buscava,
Cuidou que entre estes Mouros o tomasse:
Mas nam lhe soccedeo como cuidava,
Que nenhum delles ha que lhe insinasse
A que parte dos Ceos a India estaua.
Porem dizem lhe todos, que tem perto,
Melinde onde acharām Piloto certo.

Louuão do Rei os Mouros a bondade,
Condiçam liberal, sincero peito,
Magnificencia grande, & humanidade,
Com partes de grandissimo respeito.
O Capitam o affella por verdade,
Porque ja lho dissera deste geito,
O Cyleneo em sonhos, & partia,
Pera onde o sonho, & o Mouro lhe dizia.

Era

Era no tempo alegre quando entraua,
No roubador de Europa a luz Febea,
Quando hum, & o outro corno lhe aquetava,
E Flora derramava o de Almathea:
A memoria do dia renouava,
O presuroso Sol, que o Ceo rodea.
Em que aquelle, a quem tudo está s'geito,
O sello pos a quanto tinha feito.

Quando chegaua a frota aaquella parte,
Onde o Reino Melinde ja se via,
De toldos adornada, & leda de arte,
Que bem mostra estimar o Sancto dia:
Treme a Banleira, voa o Estandarte,
Acor porpurea ao longe apparecia.
Soão os atambores & pandeiros,
E assi entrauam ledos & guerreiros.

Enchese toda a praya Melindana,
De gente que vem ver a leda armada,
Gente mais verdadeira, & mais humana
Que toda a doutra terra atras deixada.
Surge diante a frota Lusitana,
Pega no findo a ancora pesada.
Mandão fora hũ dos Mouros que tomaram,
Por quem sua vinda ao Rei manifestaram.

O Rei

OS LYSIADAS DE L. DE CAM

O Rei que ja sabia da nobreza
que tanto os Portugueses engrandece,
Tomarem o seu porto tanto preza,
quanto a gente fortissima merece;
E com verdadeiro animo, & pureza,
que os peitos generosos enobrece.
Lhe manda rogar muito que saisssem,
Pera que de seus Reinos se seruisssem.

Sam offerecimentos verdadeiros,
E palauras sinceras, nam dobradas,
As que o Rei manda aos nobres caualleiros,
que tanto mar & terras tem passadas:
Mandalhe mais lanigeros carneiros,
E galinhas domesticas ceuadas,
Com as fructas que entam na terra auia,
E a vontade aa dadiua excedia.

Recebe o Capitam alegremente
O mensageiro ledo, & seu recado,
E logo manda ao Rei outro presente,
que de longe trazia aparelhado:
Escarlata purpurea, cor ardente,
O ramoso coral fino, & prezado,
que debaxo das agoas mole crece,
E como he fora dellas se endurece.

E manda

Manda mais hum na pratica elegante,
que co Rei nobre as pazes concertasse,
E que de nam sair naquelle instante,
De suas naos em terra o desculpasse.
Partido a si o embaixador prestante,
Como na terra ao Rei se apresentasse:
Com estillo que Palas lhe ensinava,
Estas palauras tais fallando orava.

Sublime Rei, a quem do Olimpo puro,
Foy da suma lusiça concedido,
Refrear o soberbo pouo duro,
Nam menos delle amado que temido,
Como porto muy forte, & muy seguro,
De todo o Oriente conhecido:
Te vimos a buscar, pera que achemos
Em ti o remedio certo que quæremos.

Nam somos roubadores, que passando
Pelas fracas cidades descuidadas,
A ferro, & a fogo, as gentes vão matando,
Por roubarlhe as fazendas cubicadas:
Mas da soberba Europa nauegando,
Himos buscando as terras apartadas
Da India grande & rica, por mandado
De hum Rei que temos, alto, & sublimado:

Que

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Que geraçam tam dura abi de gente?
Que barbaro costume, & vsança fea,
Que não vedem os portos, tam somente:
Mas inda o hospicio da deserta area?
Que ma tençam? que peito em nós se sente?
Que de tam pouca gente se arrecea.
Que com laços armados tam fingidos,
Nos ordenassem vernos destruydos?

Mas tu, em quem muy certo confiamos
Achar-se mais verdade, ô Rei benigno,
E aquella certa ajuda em ti esperamos,
Que teue o perdido Itaco em Alcino:
A teu porto seguros nauegamos,
Conduzidos do Interprete diuino:
Que pois a ti nos manda, està muy claro,
Que es de peito sincero, humano, & raro.

Enam cuydes, ô Rei, que nam saísse,
O nosso Capitam esclarecido
A verte, ou a servirte, porque visse,
Ou sospeitasse em ti peito fingido:
Mas saberas que o fez porque compriísse,
O regimento em tudo obedecido,
De seu Rei, que lhe manda que nam saia,
Deixando a frota em nenhũ porto, ou praia.
E porque

E porque he de vassallos, o exercicio,
Que os membros tem regidos da cabeça,
Nam quereras, pois tões de Rei o officio,
Que ninguem a seu Rei desobedeça:
Mas as merces, & o grande beneficio,
Que ora acha em ti, promete que conheça,
Em tudo aquillo que elle & os seus poderem
Em quanto os rios pera o mar correrem.

Assi dizia, & todos juntamente,
Hūs com outros em pratica f. llando
Louuauam muito o estamago da gente,
Que tantos ceos & mares vai passando,
E o Rei illustre, o peito obediente,
Dos Portugueses, na alma imaginando.
Tinha por valor grande, & muy subido,
O do Rei que he tam longe obedecido.

E com risonha vista, & ledo aspeito,
Responde ao Embaixador, que tão to estima
Toda a sospeita mã tiray do peito,
Nenhum frio temor em vos se imprima:
Que vosso preço, & obras sam de geito,
Pera vos ter o mundo em muita estima.
E quem vos fez molesto tratamento,
Nam pode ter sobido pensamento.

E

De

OS LUSIADAS DE L. DE CAM

Denam sair em terra toda a gente,
 Por observar a usada preminencia,
 Ainda que me pese estranhamente,
 Em muito tenho a muita obediencia:
 Mas se lho o regimento nam consente,
 Nem eu consentirey que a excellencia,
 De peitos tam leais em si desfaca,
 So porque a meu desejo satisfaca.

Porem como a luz crastina chegada
 Ao mundo for, em minhas alnadias,
 Eu irey visitar a forte armada,
 Que ver tanto desejo, ha tantos dias.
 E se vier do mar desbaratada,
 Do furioso vento, & longas vias:
 Aqui tera, de limpos pensamentos
 Piloto, munições, & mantimentos.

Isto disse, & nas agoas se escondia,
 O filho de Latona, & o mensageiro,
 Co a embaxada alegre se partia
 Pera a frota, no seu batel ligeiro:
 Enchemse os peitos todos de alegria,
 Por terem o remedio verdadeiro,
 Pera acharem a terra que buscavam,
 E si ledos a noite festejavam.

Nam

CANTO SEGUNDO.

Não faltam ali os raios de artificio,
Os tremulos Cometas imitando,
Fazem os Bombardeiros seu officio:
O ceo, a terra, e as ondas atroando.
Mostrase dos Cyclopas o exercicio,
Nas bombas que de fogo estam queimando,
Outros com vozes, com que o Ceo ferião,
Instrumentos altissonos tangiam.

Respondenlhe da terra juntamente,
Co rayo volteando, com zonido,
Anda em giros no ar a roda ardente,
Estoura o po sulfureo escondido:
A grita se aleuanta ao Ceo, da gente,
O Mar se via em fogos acendidos:
E não menos a terra, e assi festeja
Hum ao outro a maneira de peleja.

Mas ja o Ceo inquieto reuoluendo,
A gentes incitava a seu trabalho,
E ja a mãy de Menon a luz trazendo,
Ao sono longo punha certo atalho:
Hiãose as sombras lentas desfazendo,
Sobre as flôres da terra, em frio orualho,
Quando o Rei Milindano se embarcaua
A ver a frota que no mar estava.

S LVSIADAS DE L. DE CA

Vião se em derredor feruer as prayas
Da gente, que a ver so concorre leda,
Luzem da fina purpura as cabaia,
Luſtram os panos da tecida ſeda:
Em lugar de guerreiras azagaias.
E do arco, que os cornos arremeda
Da Lũa, trazem ramos de Palmeira,
Dos que vencem coroa verdadeira.

Hum batel grande & largo, que toldado
Vinha de ſedas de diuerſas cores,
Tras o Rei de Melinde, acompanhado
De nobres de ſeu Reino, & de ſenhores:
Vem de ricos veſtidos adornado,
Segundo ſeus coſtumes, & primores.
Na cabeça hũa fota guarneſcida,
De ouro, & de ſeda, & de algodam tecida.

Cabaya de Damasco rico, & dino,
Da Tiria cor, entre elles eſtimada,
Hum colar ao peſcoço de ouro fino,
Onde a materia da obra he ſuperada,
Cum reſplandor reluze Adamantino,
Na cinta, a rica adaga bem laurada.
Nas alparcas dos pès, em fim de tudo,
Cobrem ouro, & aljoſar ao veludo.

Com hum redondo emparo alto de seda,
Nua alta & dourada aſtea enxerido,
Hum miniſtro aa ſolar quentura veda,
Que nam offenda & queime o Rei ſobido:
Muſica tras na proa, eſtranha & leda,
De aſpero ſom, horriſſimo ao ouuido:
De trombetas arcadas em redondo,
Que ſem concerto fazem rudo eſtrondo.

Não menos guarnecido o Luſitano,
Nos ſeus bateis da frota ſe partia,
A receber no mar o Milindano,
Com luſtroſa & honrada companhia,
Veſtido o Gama vem ao modo Hiſpano
Mas Franceſa era a roupa que veſtia,
De cetim da Adriatica Veneza,
Carmeſi, cor, que a gente tanto preza:

De botões douro as mangas vem tomadas,
Onde o Sol reluzindo a viſta cega:
As calças ſoldadeſcas, recamadas,
Do metal que Fortuna a tantos nega,
E com pontas do meſmo delicatas,
Os golpes do gibam ajunta, & achega:
Ao Italico modo a aurea eſpada,
Pruma na gorra, hum pouco diclinada.

OS LVSIADAS DE L. DE CAI

Nos de sua companhia se mostrava,
 Da tinta que dão Múrice excellente,
 A varia cor, que os olhos alegrava,
 E a maneira do trajo diferente:
 Tal o fermoso esmalte se notava,
 Dos vestidos olhados juntamente:
 Quil aparece o arco rutilante,
 Da bella Nimpha filha de Thaumante.

Sonorosas trombetas incitauam,
 Os animos alegres resonando,
 Dos Mouros os bateis o Mar coalhauam,
 Os toldos pelas agoas arrojando:
 As bombardas horriffonas bramando,
 Com as nuuës de fumo o Sol tomando,
 Ameudam se os brados acendidos,
 Tapão com as mãos os Mouros os ouvidos.

Ia no batel entrou do Capitam
 O Rei, que nos seus braços o leuava,
 Elle co a cortesia, que arazam
 (Por ser Rei) requeria, lhe fallava.
 Cũas mostras de espanto, & admiraçam
 O Mouro o gesto, & o modo lhe notava,
 Como quem em muy grande estima tinha
 Gente que de tam longe à India vinha.

E com

E com grandes palauras lhe offerece,
Tudo o que de seus Reinos lhe comprisse,
E que se mantimento lhe fallece,
Como se proprio fosse lho pedisse:
Dizlhe mais, que por fama bem conhece
A gente Lusitana, sem que a visse.
Que ja ouuio dizer, que noutra terra
Com gente de sua ley tiuesse guerra.

E como por toda Africa se soa,
Lhe diz, os grandes feitos que fizeram,
Quando nella ganharam a coroa
Do Reimo, onde as Hesperidas viueram:
E com muitas palauras apregoa,
O menos que de Luso mereceram:
E o mais que pela fama o Rei sabia:
Mas desta sorte o Gama respondia.

O tu que so tiueste piedade
Rei benigno, da gente Lusitana,
Que com tanta miseria, & aduersidade,
Dos mares experimenta a furia insana,
Aquella alta, & diuina eternidade,
Que o Ceo reuolue, & rege a gente humana:
Pois que de ti tais obras recebemos,
Te pague o que nos outros nam podemos.

OS LVSIADAS DE L. DE CA:

Tu so de todos quantos queima Apolo,
 Nos recebes em paz do Mar profundo
 Em ti, dos ventos horridos de Eolo,
 Refugio achamos bom, fi-lo & jocundo:
 Em quanto apacentar o largo Polo,
 As Estrellas, & o Sol der lu ne ao Mundo,
 Onde quer que eu viuer, com fama & gloria
 Viuirão teus lououres em memoria.

Isto dizendo, os barcos vam remando,
 Pera a frota, que o Mouro ver deseja,
 Vam as naos, bũa & bũa rodeando,
 Porque de todas tudo note, & veja:
 Mas pera o Ceo Vulcano fuzilando,
 A frota co as bombardas o festeja,
 E as trombetas canoras lhe tangiam,
 Cos anafis os Mouros respondiam.

Mas deſpois de ſer tudo ja notado,
 Do generoſo Mouro, que paſmaua,
 Ouindo o inſtrumento inuſitado,
 Que tamanho terror em ſi moſtraua,
 Mandaua eſtar quieto, & ancorado,
 Nagoa o batel ligeiro que as leuaua,
 Por fallar de vagar co forte Gama,
 Nas couſas de que tem noticia, & fama.

Em

Em praticas o Mourro differentes,
Se deleitava, perguntando agora,
Pelas guerras famosas & excellentes,
Co pouo auidas, que a Mafoma adora:
Agora lhe pergunta pelas gentes
De toda a Hispberia vltima, onde mora:
Agora pelos pouos seus vezinhos,
Agora pelos humidos caminhos.

Mas antes valeroso Capitam,
Nos conta, lhe dizia, diligente,
Da terra tua o clima, & regiam,
Do mundo onde morais distintamente,
E assi de vossa antiga geraçam,
E o principio do Reino tam potente:
Cos successos das guerras do começo,
Que sem sabellas, sey que sam de preço.

E assi tambem nos conta dos rodeios
Longos, em que te tras o Mar yrado,
Vendo os costumes barbaros alheios,
Que a nossa Africa ruda tem criado
Conta: que agora vem cos aureos freios,
Os cauallos que o carro marchetado,
Do nouo Sol, da fria Aurora trazem,
O Vento dorme, o mar & as ondas jazem:

Enam

OS LUSIADAS DE L. DE CAI

Enão menos co tempo se parece,
O desejo de ouirte o que contares,
Que quem ha, que por fama nam conhece
As obras Portuguezas singulares:
Nam tanto desuiado resplandece,
De nos o claro Sol, pera julgares.
Que os Milindanos tem tam rudo peito,
Que nam estimem muito hum grande feito.

Cometeram soberbos os Gigantes,
Com guerra vão, o olimpo claro, & puro,
Tentou Peritho, & Theseu, de ignorantes,
O reino de Plutani horrendo & escuro,
Se ouue feitos no mundo tam possantes,
Não menos he trabalho illustre, & duro
Quanto foi cometer Inferno, & Ceo,
Que outrem cometa a furia de Nereo;

Queimou o sagrado templo de Diana,
Do sotil Tesifonio fabricado,
Horostrato, por ser da gente humana
Conhecido no mundo, & nomeado:
Se tambem com tais obras nos engana,
O desejo de hum nome auentajado.
Mais razam ha que queira eterna gloria
Quem faz obras tam dignas de memoria.

Fim.

Canto Terceiro.



Gora tu Caliope

me ensina,

O que contou ao Rei, o illustre
Gama:

Inspira immortal canto, & voz diuina,

Neste peito mortal, que tanto te ama.

Aßi o claro inuentor da Medicina,

De quem Orpheo pariste, o lin-la dama:

Nunca por Daphne, Clicie, ou Leucothõe

Te negue o Amar diuido como soe.

Poem tu Nimfa em effeito meu desejo,

Como merece a gente Lusitana,

Que veja & saiba o mundo que do Tejo

O licor de Aganipe corre & mana,

Deixa as flores de Pindo, que ja vejo

Banharme Apolo na agoa soberana.

Senam direy, que tẽs algum receio,

Que se escureça o teu querido Orpheio.

Promptos

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Promptos estauam todos escuitando,
O que o sublime Gama contaria
Quando, de spois de hum pouco estar cuidãdo
Aleuantando o rosto, assi dizia:
Mandasme, o Rei, que conte declarando,
De minha gente a gram geanalosia:
Nãõ me manda cantar estranha historia:
Mas mandas me louuar dos meus a gloria.

Que outrem possa louuar esforço alheio,
Cousa he que se costuma, & se deseja:
Mas louuar os meus proprios, arreceio,
Que louuor tam sospeito mal me esteja,
E pera dizer tudo, temo & creio,
Que qualquer longo tempo curto seja:
Mas pois o mandas, tudo se te deue,
Irey contra o que deuo, & serey breue.

Alem disso, o que a tudo em fim me obriga,
He nam poder mentir no que disser,
Porque de feitos tais, por mais que diga,
Mais me ha de ficar inda por dizer:
Mas porque nisto a ordem leue & siga,
Segundo o que desejas de saber.
Primeiro tratarey da larga terra,
De spois direy da sangumosa guerra.

Entre

Entre a Zona que o Cancro senhorea,
Meta Septentrional do Sol luzente,
E aquella, que por fria se arrecea
Tanto, como a do meyo por ardente,
Iaz a soberba Europa, a quem rodea,
Pela parte do Arcturo, & do Occidente:
Com suas salsas ondas o Oceano,
E pela Austral, o Mar Mediterraneo.

Da parte donde o dia vem nascendo,
Com Azia se auizinha: mas o Rio
Que dos montes Rifeios vay correndo,
Na alagoa Meotis, curuo & frio
As diuide: & o Mar, que fero & horrendo
Vio-dos Gregos o yrado senhorio:
Onde agora de Troia triumphante,
Nam vê mais que a memoria o nauegante.

La onde mais debaxo està do Polo,
Dos montes Hyperboreos aparecem,
E aquelles onde sempre sopra Eolo,
E co nome do sopros, se ennobrecem,
Aqui tam pouca força tem de Apolo,
Os rayos que no mundo reſplandecem.
Que a neuue està contino pelos montes,
Geledo o mar, geladas sempre as fontes:

Aqui

OS LUSIADAS DE L. DE CAI

Aqui dos Cytas , grande quantidade
Viuem, que antigamente grande guerra
Tiueram, sobre a humana antiguidade,
Cos que tinham entam a Egipcia terra:
Mas quem tam fora estava da verdade,
(la que o juyzo humano tanto erra:)
Pera que do mais certo se informara,
Ao campo Damasceno o perguntara.

Agora nestas partes se nomea,
A Lapia fria , a inculta Noroega,
Escandinauia llha, que se ar rea,
Das victorias que Italia nam lle nega
Aqui, em quanto as agoas nam refrea,
O congelado Inuerno, se nauega.
Hum braço do Sarmatico Oceano,
Pelo Brusio, Suecio, & frio Dano:

Entre este Mar, & o Tanais viue estranha
Gente, Ruthenos, Moscos, & Liunios,
Sarmatas outro tempo, & na montanha
Hircinia, os Marcomanos sam Polonios
Sujeitos ao Imperio de Alemanha,
Sam Saxones, Boemios, & Panonios,
E outras varias nações, que o Reno frio
Laua, & o Danubio, Amasis, & Albis Rio.

Entre

CANTO TERCEIRO. 277

Entre o remoto Istro, & o claro estreito,
 Aonde Hele deixou, co nome, a vida,
 Estam os Traces de robusto peito,
 Do fero Marte, patria tam querida,
 Onde co Hemo, o Rodope sogeito
 Ao Otomano està, que sometida,
 Bizancio tem a seu serviço indino,
 Boa injuria do grande Costantino.

Logo de Macedonia estam as gentes,
 A quem lava do Axio a agoa fria:
 E vos tambem, o terras excellentes,
 Nos costumes, engenhos, & ousadia,
 Que criastes os peitos eloquentes,
 E os juizos de alta fantasia:
 Com quem tu clara Grecia o Ceo penetras,
 Enão menos por armas que por letras.

Logo os Dalmatas vinem, & no seio,
 Onde Antenor ja muros leuanto,
 A soberba Veneza està no meio
 Das agoas, que tam baxa começou
 Da terra, hum braço vem ao mar, que cheio
 De esforço, nações varias sogeitou,
 Braço forte, de gente sublimada,
 Não menos nos engenhos que na espada.

Em torno

OS LVSIADAS DE L. DE CA:

Em torno o cerca o Reino Neptonino,
Cos muros naturais, por outra parte,
Pelo meyo o diuide o Apinino,
Que tam illustre fez o patrio Marte:
Mas despois que o porteiro tem diuino,
Perdendo o esforço veio, & bellica arte:
Pobre està ja de antiga potestade,
Tanto Deos se contenta de humildade:

Galia ali se verà, que nomeada,
Cos Cesarios Triumfos foy no mundo,
Que do Sequana, & Rôdano he regada,
E do Garuna frio, & Reno fundo:
Logo os montes da Nimpha sepultada
Pyrene se aleuantam, que segundo
Antiguidades contam, quando arderam,
Rios de ouro, & de prata antam corrêrão.

Eis aqui se descobre a nobre Eſpanha,
Como cabeça ali de Europa toda,
Em cujo ſenhorio & gloria eſtranha,
Muitas voltas tem dado a fatal roda:
Mas nunca poderà, com força, ou manha
A fortuna inquieta porlhe noda:
Que lha nam tire o esforço & ouſadia,
Dos belicoſos peitos, que em ſi cria.

CANTO TERCEIRO.

71

Com Tingitania entesta, & ali parece
Que quer fechar o mar Mediterraneo,
Onde o sabido estreito se ennobrece,
Co extremo trabalho do Thebano:
Com nações diferentes se engrandece,
Cercadas com as ondas do Oceano.
Todas de tal nobreza, & tal valor,
Que qualquer dellas cuida que he melhor.

Tem o Tarragones, que se fez claro,
Sejeitando Partenope inquieta,
O Nauarro, as Austrias, que reparo
La f ram, contra a gente Mahometta,
Tem o Galego cauto, & o grande & raro
Castelhano, a quem fez o seu Planeta
Restituidor de Espanha, & senhor della,
Bethis, Lião, Granada, com Castella.

Eis aqui quasi cume da cabeça,
De Europa toda, o Reino Lusitano,
Onde a Terra se acaba, & o Mar começa;
E onde Febo repousa no Oceano:
Este quis o Ceo justo, que floresa
Nas armas, contra o torpe Mauritano,
Deitando de si fora, & la na ardente
Africa estar quieto o nam conf. nte.

F Esta he

OS LVSIADAS DE L. DE CAI

Esta he a ditosa patria minha amada,
Aa qual se o Ceo me da, que eu sem perigo
Torne, com esta empresa ja acabada,
Acabese esta luz ali comigo.
Esta foy Lusitania diriuada,
De Luso, ou Lysa, que de Baco antigo,
Filhos foram parece, ou companheiros,
Enella entam os Incolas primeiros.

Desto o Pastor n'isceo, que no seu nome
Se vê, que de homem forte os feitos teue,
Cuja fama, ninguem virá que dome,
Pois a grande de Roma nam se atreue:
Esta, o velho que os filhos proprios come,
Por decreto, do Ceo ligeiro, & leue,
Veio a fazer no mundo tanta parte,
Criando a Reino illustre, & foi desta arte.

Hum Rei, por nome Affonso, foy na Espanha
Que fez aos Sarracenos tanta guerra,
Que por armas sanguinas, força & manha
A muytos fez perder a vida, & a terra:
Voando deste Rei a fama estranha,
Do Herculano Calpe aa Caspia serra,
Muitos pera na guerra esclarecerse,
Vinham a elle, & aa morte offerecerse:

E com

E com hum amor intrinseco acendidos
Da Fè, mais que das honras populares,
Erão de varias terras conduzidos,
Deixando a patria amada, & proprios lares
Despois que em feitos altos & subidos,
Se mostrarão nas armas singulares.
Quis o famoso Affonso, que obras taes,
Leuassem premio digno, & dões iguaes.

Destes Anrique dizem que segundo,
Filho de hum Rei de Vngria experimentado,
Portugal ouue em sorte, que no mundo
Entam não era illustre, nem prezado:
E pera mais final damor profundo,
Quis o Rei Castelhana, que casado,
Com Teresa sua filha o Conde fosse,
E com ella das terras tomou posse.

Este despois que contra os descendentes,
Da escrava Ayar, victorias grandes teue,
Ganhando muitas terras adjacentes,
Fazendo o que a seu forte peito deue.
Em premio destes feitos excellentes,
Deuthe o supremo Deos, em tempo breue
Hum filho, que illusir sse o nome vfanos
Do belicoso Reino Lusitano.

OS LUSIADAS DE L. DE CAI

Ia tinha vindo Anrique da conquista,
 Da cidade Hyerosolima sagrada,
 E do lordão a area tinha visto,
 Que vio de Deos a carne em si lavada,
 Que nam tendo Goffredo a quem resistia,
 Depois de ter Iudea sojugada.
 Muitos que nestas guerras o ajudaram,
 Pera seus senhorios se tornaram.

Quando chegado ao fim de sua idade,
 O forte e famoso Vngaro estremado,
 Forçado da fatal necessidade,
 O espirito deu, a quem lho tinha dado:
 Ficou o filho em tenra mocidade,
 Em quem o pay deixava seu traslado:
 Que do Mundo os mais fortes igualava,
 Que de tal pay tal filho se esperava.

Mas o velho rumor, nam sey se errado,
 Que em tanta antiguidade nam ha certeza,
 Conta que a mãy tomando todo o estado
 Do segundo Hymeneo, nam se despreza:
 O filho orfão deixava deserdado,
 Dizendo que nas terras, a grandeza
 Do senhorio todo, so sua era,
 Porque pera casar seu pay lhas dera.

Mas

CANTO TERCEIRO. V. 1 39

Mas o Principe Affonso, que desta arte
Se chamaua, do Auo tomando o nome,
Vendo-se em suas terras nam ter parte,
Que a mãy cõ seu marido as mãda & come,
Feruendolhe no peito o duro Marte,
Imagina consigo como as tome.
Reuoluidas as causas no conceito,
Ao proposito firme segue o effeito.

De Guimarães o campo se tingia,
Co sangue proprio da intestina guerra,
Onde a mãy que tam pouco o parecia,
A seu filho negaua o amor, & a terra
Co elle posta em campo ja se via,
E nam ve a soberba, o muito que erra
Contra Deos, contra o maternal amor:
Mas nella o sensual era o mayor.

O Progne crua, o magica Medea,
Se em vossos proprios filhos vos vingais
Da maldade dos pais, da culpa alheia,
Olhay que inda Ter:sa peca mais:
Incontinencia ma, cubica fea,
Sam as causas deste erro principais.
Scilla por hũa mata o velho pay,
Esta por ambas, contra o filho vay.

OS LUSIADAS DE L. DE CA:

Mas ja o Principe el ro, o vencimento,
Do padraſto & da inica mãy leuaua,
Lalhe obedece a terra num momento,
Que primeiro contra elle pelejaua:
Porem vencido de lra o entendimento,
A mãy em ferros aſperos ataua:
Mas de Deos foi vingada em tempo breue
Tanta veneraçam aos pais ſe deue.

Eis ſe ajunta o ſberbo Caſtelhano,
Para vingar a injuria de Tereſa,
Contra o tam raro em gente Luſitano,
A quem nenhum trabalho agraua, ou peſa:
Em trabalho cruel, o peito humano,
Ajudado da Angelica deſeſa
Nam ſo contra tal furia ſe ſuſtenta:
Mas o inimigo aſperrimo aſſugenta.

Não paſſa muito tempo, quando o forte
Principe, em Guimarães eſtã cercado,
De infinito poder, que deſta ſorte,
Foy refazer ſe o inimigo magoado:
Mas com ſe offerecer aa dura morte,
O ſiel Egas amo, foy liurado.
Que de outra arte podera ſer perdido,
Segundo eſtãua mal apercebido.

Mas

CANTO TERCEIRO. V. J. 244

Mas o leal vassallo conhecendo,
 Que seu senhor nam tinha resistencia,
 Se vay ao Castelhana, prometendo,
 Que elle faria darlhe obediencia.
 Leuanta o inimigo o cerco horrendo,
 Fiado na promessa, e consciencia
 De Egas Moniz: mas nam consente o preito
 Do mogo illustre, a outrem ser sogeito.

Chegado tinha o prazo prometido,
 Em que o Rei Castelhana j. aguardava,
 Que o Principe a seu mando sometido,
 Lhe desse a obediencia que esperava.
 Vendo Egas, que ficava fementido,
 O que d'elle Castella nam cuidava,
 Determina de dar a doce vida,
 A troco da palavra mal comprida.

E com seus filhos e molher se parte,
 A aleuancar co elles a fiança,
 Descalços, e despidos, de salarte,
 Que mais moue a piedade que a vingança.
 Se pretendes Rei alto de vingarte,
 De minha temeraria confianga,
 Dizja, eis aqui venho offerecida,
 A te pagar co a vida o prometido.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Ves aqui trago as vidas innocentes,
 Dos filhos sem peccado, & da consorte,
 Se a peitos generosos, & excellentes,
 Dos fracos satisfaz a feroz morte.
 Ves aqui as mãos, & a lingua delinquentes,
 Nellas foy exprimentada, toda forte
 De tormentos, de mortes, pelo estillo
 De Scimis, & do touro de Perillo.

Quil diante do algoz o condemnado,
 Que ja na vida a morte tem bebido,
 Poem no cepo a garganta: & ja entregado,
 Espera pelo golpe tam temido:
 Tal diante do Principe indinado,
 Egas estava a tudo offerecido:
 Mas o Rei vendo a estranha lealdade,
 Mais pode em fim que a bra a piedade.

O grão fidelidade Portuguesa,
 De vassallo que a tanto se obrigaua,
 Que mais o Persa fez naquella empresa,
 Onde rosto & narizes se cortaua,
 Do que ao grande Dario tanto pesa,
 Que mil vezes dizendo suspiraua,
 Que mais o seu Zopiro são prezara,
 Que vinte Babilonias que tomara.

Mas

CANTO TERCEIRO. 45

Mas ja o Principe Affonso aparelhaa,
 O Lusitano exercito diuoso,
 Contra o Mouro que as terras habitaua,
 Dalem do claro Tejo deleitoso:
 Ia no campo de Ourique se assentaua,
 O arraial soberbo, & belicoso:
 De frente do inimigo Sarraceno,
 Posto que em força & gente tam pequeno.

Em nenhũa outra cousa confiado,
 Senam no summo Deos, que o Ceo regia,
 Que tam pouco era o pouo baptizado,
 Que pera hum so cem Mouros aueria:
 Iulga qualquer iuyz sosegado
 Por mais temeridade que ousadia,
 Cometer hum tamanho ajuntamento,
 Que pera hum canalleiro ouuesse cento.

Cinco Reis Mouros sam os inimigos,
 Dos quaes o principal Ismar se chama,
 Todos experimentados nos perigos
 Da guerra, onde se alcança a illustre fama:
 Seguem guerreiras Damas seus amigos,
 Imitando a fermosa & forte Dama,
 De quem tanto os Troianos se ajudaram
 E as que o Termodonte ja gostaram.

A matutina

OS LYSIADAS DE L. DE CA.

A matutina luz serena, & fria,
As estrellas do Polo ja apartaua,
Quando na Cruz o filho de Maria,
Amostrandose a Affonso o animaua;
Elle adorando quem lhe apparecia,
Na Fe todo inflamado assi gritaui.
Aos infieis Senhor, aos infieis,
Enam a my que creio o que podeis.

Com tal milagre, os animos da gente
Portuguesa, inflamados leuantauam,
Por seu Rei natural, este excellente
Principe, que do peito tanto amauam;
E diante do exercito potente,
Dos inimigos, gritando o ceo tocauam:
Dizendo em alta voz, real, real,
Por Affonso alto Rei de Portugal.

Qual cos gritos & vozes incitado,
Pola montanha o rabido Molefo,
Contra o Touro remete, que fiado
Na forza está do corno temeroso;
Ora pega na urelha, ora no lado,
Latindo mais ligeiro que fogo,
Ate que em fim rompendolhe a garganta,
Do brando a forza horrenda se quebranta.

CANTO TERCEIRO: 73

Tal do Rei nouo, o estamago acendido,
 Por Deos, & polo pouo juntamente,
 O barbaro comete apercebido,
 Co animoso exercito rompente,
 Leuantam nist os perros o larido
 Dos gritos, tocam a arma, serue a gente,
 As lanças & arcos tomão, tubas soão,
 Instrumentos de guerra tudo atroão.

Bem como quando a flama que ateadada,
 Foi nos aridos campos (asoprando
 O sibilante Boreas) animada
 Co vento, o seco mato vay queimando:
 A pastoral companhia, que deitada
 Co doce sono estava, despertando,
 Ao estridor do fogo que se atea,
 Recolhe o fato, & foge pera a aldeia.

Destarte o Mouro atonito & toruado,
 Toma sem tento as armas muy de pressa
 Nam fuge: mas espera confiado,
 E o ginete belligero arremessa:
 O Portugues o encontra denodado,
 Pelos peitos as lanças lhe atrauessa.
 Hús caem meios mortos, & outros vão
 A ajula conuocando do Alcorão.

OS LVNIADAS DE L. DE CA.

Ali se vem encontros temerosos,
 Pera se desfazer bũa alta seira,
 E os animais correndo furiosos,
 Que Neptuno amostrou ferindo a terra:
 Golpes se dão medonhos, & forçosos,
 Por toda a parte andaua acesa a guerra:
 Mas o de Luso, arnes, couraça & malha,
 Rompe, corta, desfaz, abola & talha.

Cabeças pelo campo vam saltando,
 Braços, pernas, sem dono & sem sentido,
 E doutros as entranhas palpitando,
 Palida a cor, o gesto amarecido,
 Ia perde o campo o exercito nefando
 Correm rios de sangue diſparzido
 Com que tam.bem do campo a cor se perde,
 Tornando carmesi de branco & verde.

Ia fica vencedor o Lusitano
 Recalhendo o troſeos & preſarica,
 Desbaratado & roto o Mairo Hispano,
 Tres dias o gram Reino campo fica:
 Aqui pinta no branco eſcudo vſano,
 Que agora eſta victoria certifica:
 Cinco eſcudos azues eſclarecidos,
 Em ſinal deſtes cinco Reis ven. idos.

En eſtes

Enestes cinco escudos pinta os tintos
Dinheiros, porque Deos fora vendido;
Escreuendo a memoria em varia tinta,
Daquelle de quem foy fauorecido,
Em cada hum dos cinco, cinco pinta,
Porque assi fica o numero comprido:
Contando duas vezes o do meio,
Dos cinco azues que em Cruz pintando veio.

Passado ja algum tempo, que passada
Era esta gram victoria, o Rei sobido
A tomar vay Leiria, que tomada
Fora muy pouco auia, do vencido:
Com esta forte Arronches sojugada
Foy juntamente: e o sempre ennobrecido
Scabelicastro, cujo campo ameno,
Tu claro Tejo regas tam sereno.

A estas nobres villas sometidas,
Ajunta tambem Mafra, em pouco espaço,
En as serras da Lũa conhecidas,
Sojuga a fria Sintra, o duro braço,
Sintra onde as Naiades escondidas
Nas fontes, vão fugindo ao doce laço:
Onde Amor as enreda brandamente,
Nas agoas acendendo fogo ardente.

OS LVSIADAS DE L. DE CA:

E tu nobre Lixboa, que no Mundo,
Facilmente das outras es princeza,
Que edificada foste do facundo,
Por cujo engano foy Dardania acesa:
Tu a quem obedece o Mar profundo,
Obedeceste aa força Portuguesa:
Ajudada tambem da forte armada,
Que das Boreais partes foy mandada.

La do Germanico Albis, & do Reno,
E da fria Bretanha conduzidos,
A destruir o pouo Sarraceno,
Muitos com tençam sancta erão partidos,
Entrando a boca ja, do Tejo ameno,
Co arrayal do grande Affonso vnidos:
Cuja alta fama antam subia aos ceos,
Foy posto cerco aos muros Vlysseos.

Cinco vezes a Lũa se escondêra,
E outras tantas mostrara cheio o rosto,
Quando a Cidade entrada se rendêra,
Ao duro cerco, que lle estava posto.
Foy a batalha tam sanguina & fera,
Quanto obrigaua o firme presuposto:
De vencedores asperos, & ousados,
E de vencidos, ja desesperados.

Desla

Desta arte em fim tomada se rendeo,
 Aquella que nos tempos ja passados
 Aa grande força nunca obedeceo,
 Dos frios pouos Sciticos oufados:
 Cujo poder a tanto se estendeo,
 Que o Ibero o vio, & o Tejo amedrontados.
 E em fim co Betis tanto algum podèram,
 Que aa terra de Vandalia nome dêram.

Que cidade tam forte, por ventura
 Auera que resista, se Lisboa
 Nam pode resistir aa força dura
 Da gente, cuja fama tanto voa.
 Ia lhe obedece toda a Estremadura,
 Obidos, Alanquer, por onde soa
 O tom das freças agoas, entre as pedras,
 Que murmurando lava, & Torres vedras.

E vos também, o terras transtaganas,
 Affamdas co dom da flaua Ceres,
 Obedeceis aas forças mais que humanas,
 Entregandolhe os muros & os poderes.
 E tu laurador Mouro, que te enganas,
 Se sustentar a fertil terra queres.
 Que Eluás, & Moura, & Serpa conhecidas
 E Alcaçare do sal, estão rendidas.

Eis

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Eis a nobre Cidade, certo assento,
Do rebelde Sertorio antigamente,
Onde era as agoas nitidas de argenta,
Vem sostentar de longo a terra & a gente,
Pelos arcos reaes, que cento & cento
Mos ares se aleuantam nobremente.
Obedeceo, por meio & ousadia
De Giraldo, que medos nam temia.

Ia na cidade Beja vay tomar,
Vingança de Tranciso destruida,
Affonso que nam se be sossegar,
Por estender co a fama a curta vida:
Nam selbe pode muito sostentar
A Cidade: mas sendo ja rendida,
Em toda a corja vira, a gente yrada,
Prouando os fios vay da dura espada.

Com estas sujugada foy Polmella,
E a piscosa Cizimbra, & juntamente
Sendo ajudado mais de sua estrella
Desbarata hum exercito potente:
Sentio o a Villa, & vio o a serra della,
Que a socorrella vinha diligente.
Pela fralda da serra deschnyado,
Do temeroso encontro inopinado.

O Rei

O Rei de Badajoz era alto Mouro,
Com quatro mil caualllos furiosos,
Innumeros piões, darmas & de ouro
Guarnecidos, guerreiros & lustrosos:
Mas qual no mes de Maio o brauo Touro
Cos ciúmes da vaca, arreceosos,
Sentindo gente o bruto & cego amante
Saltea o descuidado caminhante.

Desta arte Affonso subito mostrado
Na gente da, que passa bem segura,
Fere, mata, derriba denodado,
Foge o Rei Mouro, & so da vida cura,
Dum Panico terror todo asombrado,
So de seguillo o exercito procura.
Sendo estes que fizeram tanto aballo,
Nomaís que so se senta de cauallo.

Logo segue a victoria sem tardança,
O gram Rei incarsabil, ajuntando
Gentes de todo o Reino, cuja usança
Era andar sempre terras conquistando,
Cercar vay Badajoz, & logo alcança
O fim de seu desejo, pelijando
Com tanto esforço & arte, & valentia,
Que a faz fazer aas outras companhia.

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Mas o alto Deos, que pera longe guarda,
 O castigo daquelle que o merece,
 Ou pera que se emmende aas vezes tarda,
 Ou por segredos que homem nam conhece
 Se ate qui sempre o forte Rei resguarda,
 Dos perigos a que elle se offerece.
 Agora lhe nam deixa ter defesa,
 Da maldicam da mãy que estaua presa.

Que estando na cidade que cercára,
 Cercado nella foy dos Lioneses,
 Por que a conquista della lhe tomára,
 De Lião sendo, & nam dos Portugueses:
 A pertinacia aqui lhe custa cara,
 Assim como acontece muytas vezes,
 Que em ferros quebra as pernas, indo aceso,
 Na batalha onde foy vencido & preso.

O famoso pompeyo nam te pene,
 De teus feitos illustres a ruyna,
 Nem ver que a justa Nemesis ordene,
 Ter teu sogro de ti victoria dina,
 Posto que o frio Fasis, ou Syene
 Que pera nenhum cabo a sombra inclina:
 O Bootes gellado, & a linha ardente,
 Temessem o teu nome geralmente.

Posto

Posto que arica Arabia, & que os ferozes,
 Eniocos: & Colcos, cuja fama
 O veo dourado estende: & os Capadoces,
 E Iudea, que hum Deos adora & ama,
 E que o molles Sofenes, & os Atroces,
 Silicios, com a Armenia, que derrama,
 As agoas dos dous Rios, cuja fonte
 Está noutro mais alto & sancto Monte.

E posto em fim que desdo mar de Atlante,
 Ate o Scitico Tauro, monte erguido
 La vencedor te vissem, nam te espante
 Se o campo Emathio so te vio vencido,
 Porque Affonso veras soberbo & ouante
 Tudo render, & ser despois rendido.
 Assim o quis o conselho alto celeste,
 Que vença o sogro a ti, & o genro a este.

Tornado o Rei sublime finalmente,
 Do diuino juyzo castigado,
 Despois que em Santarem soberbamente,
 Em vão dos Sarracenos foy cercado.
 E despois que do Martyre Vicente,
 O sanctissimo corpo venerado.
 Do sacro promontorio conhecido
 Aa cidade Vlysssea foy trazido.

OS LUSIADAS DE L. DE CA:

Porque leuasse auante seu desejo,
Ao forte filho manda o lasso velho,
Que as terras se passasse dalentejo,
Com gente, & co beligero aparelho:
Sancho, desforço & danimo sobejo,
Auante passa, & faz correr vermelho,
O rio que Seuilha vay regando,
Co sangue Mauro, barbaro & nefando.

E com esta victoria cobiceoso,
La nam descansa o moço ate que veja,
Outro estrago como este, temeroso
No barbaro que tem cercado Beja.
Nam tar.la muito o Principe ditoso,
Sem ver o fim daquillo que deseja.
Assi estragado o Mouro, na vingança
De tantas perdas poem sua esperança.

La se ajuntam do monte, a quem Medusa
O corpo fez perder, que tene o Ceo:
la vem do promontorio de Ampelusa,
E do Tinge que assento foy de Anteo.
O morador de Abila nam se escusa,
Que tambem com suas armas se moueo:
Ao som da Mauritana & ronca tuba,
Todo o Reino que foy do nobre Iuba.

Entrana

Entrava com toda esta companhia,
 O Miralmomini em Portugal,
 Treze Reis mouros leua de valia,
 Entre os quaes tem o ceptro Imperial:
 E assi fazendo quanto mal podia,
 O que em partes podia fazer mal.
 Dom Sancho vay cercar em Santarem,
 Porem nam lhe soccede muito bem.

Dalhe combates asperos, fazendo
 Ardis de guerra mil, o Mouro yroso,
 Nam lhe aproueita ja trabuco horrendo,
 Mina secreta, Ariete forçoso:
 Porque o filho de Affonso, nam perdendo
 Nada do esforço, & acordo generoso,
 Tudo prouê com animo & prudencia,
 Que em toda a parte ha esforço & resistêcia

Mas o velho a quem tinham ja obrigado
 Os trabalhosos annos ao sossego,
 Estando na cidade, cujo prado
 Enuerdecem as agoas do Mondego:
 Sabendo como o filho está cercado,
 Em Santarem, do Mauro pouo cego,
 Se parte diligente da Cidade,
 Que nam perde a presleza co a idade.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

E co a famosa gente à guerra usada,
Vay socorrer o filho, & assi ajuntados,
A Portuguesa furia costumada,
Em breue os Muros tem desbaratados:
A campina que tola está qualbada
De marlotas, capuzes variados,
De cauallos, jaezes, presa rica,
De seus senhores martos chea fica:

Logo todo o restante se partio,
De Lusitania, postos em fugida,
O Miralmonini so nam fogio,
Porque antes de fogir lhe foge a vida,
A quem lhe esta victoria permitio,
Dão louvores & graças sem medida:
Que em casos tam estranhos claramente,
Mais peleja o fauor de Deos que a gente.

De tamanhas victorias triumphaua,
O velha Affonso, Principe sobido,
Quando quem tudo em fim vencendo andaua,
Da larga, & muita idade foy vencido,
A palida doenca lhe tocava,
Com fria mão o corpo enfraquecido:
E pagarão seus annos deste geito,
As triste Libitina seu direito.

Os altos

CANTO TERCEIRO!

Os altos promontorios o chorarão,
 E dos rios as agoas saudosas,
 Os semeados campos alagarão,
 Com lagrimas correndo piadosas:
 Mas tanto pelo mundo se alargarão,
 Com fama suas obras valerosas,
 Que sempre no seu Reino chamarão,
 Affonso, Affonso os eccos, mas em vão.

Sancho forte mancebo, que ficára
 Imitando seu pay na valontia,
 E que em sua vida ja se exprimentára,
 Quando o Betis de sangue se tingia,
 E o barbaro poder desbaratára,
 Do Ismaelita Rei de Andaluzia.
 E mais quando os que Beja em vão cercarão
 Os golpes de seu braço em si prouarão.

Despois que foy por Rei aleuantado,
 Auendo poucos annos que reinaua,
 A cidade de Silues tem cercado,
 Cujos campos o barbaro lauraua:
 Foy das valentes gentes ajudado,
 Da Germanica armada que passaua:
 De armas fortes & gente apercebida,
 A recobrar Iudea ja perdida.

Passauam a ajudar na sancta empresa,
 O roxo Federico, que moueo
 O poderoso exercito, em defesa
 Da cidade onde Christo padeeo,
 Quando Guido co a gente em sede acesa,
 Ao grande Saladino se rendeo:
 No lugar onde aos Mouros sobejauam,
 As agoas que os de guido desejauam.

Mas a fermosa armada, que viera
 Por contraste de vento, aaquella parte
 Sancho quis ajudar na guerra fera,
 Ia que em seruico vay, do sancto Marte
 Assim como a seu pay acontecera,
 Quando tomou Lixboa, da mesma arte,
 Do Germano ajudado Silues toma,
 E o brauo morador destrue e doma.

E se tantos tropheos do Mahometa,
 Aleuando vay tambem do forte
 Liones, nam consente estar quieta
 A teirra usada aos casos de Mauorte:
 Ate que na ceruiz seu jugo meta
 Da soberba Tui, que a mesma sorte,
 Vio ter a muitas villas suas vizinhas
 Que por armas tu Sancho humildes tinhas.

Mac

Mas entre tantas palmas salteado
Da temerosa morte, fica erdeiro,
Hum filho seu de todos estimado,
Que foy segundo Affonso, & Rei terceir
No tempo deste, aos Mauros foi tomado
Alcacere do sal por derradeiro:
Porque dantes os Mouros o tomaram,
Mas agora estruidos o pagaram.

Morto deſpois Affonso lhe succede
Sancho segundo, manso & descuidado,
Que tanto em seus descuidos se desmede,
Que de outrem quẽ mandaua era mandado,
De gouernar o Reino que outro pede,
Por causa dos priuados foi priuado,
Porque como por elles se regia,
Em todos os seus vicios consentia.

Nam era Sancho nam tam desonesto,
Como Nero, que hum moço recebia
Por molher, & deſpois horrendo incesto,
Com a mãy Agripina cometia:
Nem tam cruel aas gentes & moleſto,
Que a cidade queimasse onde viuia,
Nem tam mao como foi Helio gabalo,
Nem como o mole Rei Sardanapalo.

Nem

OS LUSIADAS DE L. DE CA

Nemerà o pouo seu tiranizado,
Como Sicilia foy de seus tyranos,
Nem tinha como Phalaris achado,
Genero de tormentos inhumanos:
Mas o Reino de altiuo, & costumado
A senhores em tudo soberanos.
A Rei nam obedece, nem consente,
Que nam for mais que tudo excellente.

Por esta causa o Reino gouernou,
O Conde Bolonhes, de spois alçado
Por Rei, quando da vida se apartou,
Seu yrmão Sancho, sempre ao ocio dado
Este que Affonso o brano se chamou,
De spois de ter o Reino segurado:
Em dilatalo cuida, que em terreno
Nam cabe o altiuo peito tam pequeno.

Da terra dos Algarues, que lhe fora
Em casamento dada, grande parte,
Recupèra co braço, & deita fora
O Mouro mal querido ja de Marte:
Este de todo fez liure & senhora
Lusitania, com força & bellica arte:
E acabou de oprimir a naçam forte,
Na terra que aos de Luso coube em sorte.

Eis despois vem Dinis, que bem parece,
Do brauo Affonso estirpe nobre & dina,
Com quem a fama grande se escurece,
Da liberdade Alexandrina.
Coeste o Reino prospero florece,
(Alcançada ja a paz aurea diuina)
Em constituições, leis & costumes,
Na terra ja tranquila claros lumes.

Fez primeiro em Coimbra exercitar-se,
O valer so officio de Minerva,
E de Helicon a Musas fez passar-se,
Apisar de Mondego a fertil erua:
Quanto pode de Athenas desejar-se,
Tudo o soberbo Apolo aqui reserva.
Aqui as capellas da tecidas de ouro,
Do Bacaro, & do sempre verde louro.

Nobres villas de nouo edificou,
Fortalezas, castellos muy seguros,
E quasi o Reino todo reformou,
Com edificios grandes, & altos muros:
Mas despois que a dura Atropos cortou,
O fio de seus dias ja maduros:
Ficoulhe o filho pouco obediente,
Quarto Affonso: mas forte & excellente.

Este

Este sempre as soberbas Castelhanas,
 Co peito desprezou firme & sereno,
 Porque nam he das forças Lusitanas,
 Temer poder maior, por mais pequeno:
 Mas porem quando as gentes Mauritanas
 A possuir o Esperico terreno,
 Entraram pelas terras de Castella,
 Foy o soberbo Affonso a socorrella.

Nunca com Semirâmis, gente tanta
 Veio ôs campos Idaepicos enchendo,
 Nem Atila, que Italia toda espanta,
 Chamandose de Deos acoite horrendo,
 Gottica gente trouxe tanta, quanta
 Do Sarraceno barbaro estupendo,
 Co poder excessivo de Granada
 Foy nos campos Tartesios ajuntada,

Evendo o Rei sublime Castelhano,
 A força inexpugnabil, grande & forte,
 Temendo mais o fim do povo Hispano,
 Ia perdida hũa vez, que a propria morte
 Pedindo ajuda ao forte Lusitano,
 Lhe mandava a carissima consorte,
 Molher de quem a manda, & filha amada
 Daquelle a cujo Reino foy mandada.

Entrava

Entrava a fermosissima Maria,
Polos paternais paços sublimados,
Lindo o gesto: mas fora de alegria,
E seus olhos em lagrimas banhados,
Os cabellos Angelicos trazia,
Pelos heburneos hombros espalhados:
Diante do pay ledo, que a agasalha,
Estas palavras tais chorando espalha.

Quantos pouos a terra produzio
De Africa toda gente fera & estranha,
O gram Rei de Marrocos conduzio
Pera vir possuir a nobre Espinha:
Poder tamanho junto nam se vio,
Despois que o salso Mar a terra banha.
Trazem ferocidade, & furor tanto,
Que a viuos medo, & a mortos faz espanto.

Aquelle que me deste por marido,
Por defender sua terra amedrontada,
Co pequeno poder, offerecido
Ao duro golpe esta, da Maura espada,
E se nam for contigo socorrido,
Verme as delle & do Reino ser priua da,
Viua & triste, & posta em vida escura,
Sem marido, sem Reino, & sem ventura.
Por tanto

OS LIVSIADAS DE L. DE CA.

Portanto, ô Rei, de quem com puro medo,
O corrente Muluca se congella,
Rompe toda a tardança, acude cedo,
Aa miseranda gente de Castella.
Se esse gesto que mostras claro & ledo,
De pay o verdadeiro amor affella:
Acude & corre pay, que se nam corres,
Pode ser que nam aches quem socorres.

Não de outra sorte a timida Maria
Fallando está, que a triste Venus, quando
A Iupiter seu pay favor pedia,
Pera Eneas seu filho, nauegando
Que a tanta piedade o comouia,
Que caído das mãos o rayo infando.
Tudo o clemente Padre lhe concede,
Pesandolhe do pouco que lhe pede.

Mas ja cos esquadrões da gente armada,
Os Eborenses campos vão qualhados,
Lustra co Sol o arnes, a lança, a espada,
Vam rinchando os cauallos jaezados:
Acanora trombeta embandeirada
Os corações aa paz acostumados:
Vay ás fulgentes armas incitando
Pelas concavidades retumbando.

Entre

Entre todos no meio se sublima,
Das insignias Reais acompanhado,
O valeroso Affonso, que por cima
De todos, leua o collo aléuantado,
E somente co gesto esforça & anima,
A qualquer coraçam amedrontado.
Assi entra nas terras de Castella,
Com a filha gentil Rainha della.

Juntos os dous Affonsos finalmente,
Nos campos de Tarifa, estam defronte
Da grande multidam da cega gente,
Pera quem sam pequenos campo & monte.
Nam ha peito tam alto & tam potente,
Que de desconfiança nam se afionte
Em quanto nam conheça, & clero veja,
Que co braço dos seus Christo peleja.

Estam de Agar os netos casi rindo,
Do poder dos Christãos fraco & pequeno,
As terras como suas repartindo,
Ante mão, ante o exercito Agareno:
Que com titulo falso possuindo
Estã o famoso nome Sarraceno.
Assi tambem com falsa conta & uua,
Aa nobre terra alhea chamam sua.

Qual

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Qual o membrudo & barbaro Gigante,
Do Rei Saul, com causa tam temido,
Vendo o Pastor inerte estar diante,
So de pedras & esforço apercebido,
Com palavras soberbas & arrogante,
Despreza o fraco moço mal vestido:
Que rodeando a funda o desfengana,
Quanto mais pode a Fè que a força humana:

Desta arte o Mouro perfido despreza
O poder dos Christãos, & nam entende,
Que está ajudado da alta fortalez,
A quem o Inferno horrifico se rende.
Co ella o Castelhana, & com destreza
De Marrocos o Rei comete & offende.
O Portugues que tudo estima em nada,
Se faz temer ao Reino de Granada.

Eis as lanças & espadas reteniam,
Por cima dos arneses, brauo estrago,
Chamão (segundo as leis que ali seguiam,)
Hús Mafamede, & os outros Sanctiago,
Os feridos com grita ao Ceo feriam,
Fazendo de seu sangue bruto lago,
Onde outros meios mortos se afogauam,
Quando do ferro as vidas escapauam.

Com

Com esforço tamanho estrue & mata,
 O Luso ao Granadil, que em pouco espaço,
 Totalmente o poder lhe desbarata,
 Sem lhe valer defesa, ou peito de aço:
 De alcançar tal vitória tam barata,
 Inda nam bem contente o forte brço,
 Vay ajudar ao brauo Castelhana,
 Que pelejando está co Mauritano.

Ia se hia o Sol ardente recolhendo,
 Pera a casa de Thetis, & incliado,
 Pera o Ponente o vespero trazendo,
 Estaua o claro dia memorado,
 Quão o poder do Mauro grande & horrêdo
 Foi pelos fortes Reis desbaratado,
 Com tanta mortindade, que a memoria,
 Nunca no mundo viu tam gram victoria.

Não matou a quarta parte o forte Mario,
 Dos que morreram neste vencimento,
 Quando as agoas co sangue do aduersario
 Fez beber ao exercito sedento,
 Nemo Peno asperissimo contrario,
 Do Romano poder de nascimento:
 Quando tantos matou da illustre Roma,
 Que alqueires tres de aneis dos mortos toma.

H

E se

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

E se tu tantas almas so podeste,
Mandar ao Reino escuro de Cocito,
Quando a sancta Cidade desfizeste
Do pouo pertinaz no antigo rito:
Permissam & vingança foy celeste,
E nam força de braço, o nobre Tito,
Que assi dos Vates foy profetizado,
E despois de I E S V certificado.

Passada esta tam prospera victoria,
Tornado Affonso aa Lusitana terra,
A se lograr da paz com tanta gloria,
Quanta soube ganhar na dura guerra:
O caso triste, & dino da memoria,
Que do sepulchro os homẽs desenterra,
Aconteceo da misera, & mezquinha
Que despois de ser morta foy Rainha.

Tu so, tu puro amor com força crua,
Que os corações humanos tanto obriga,
Deste causa aa molesta morte sua,
Como se fora perfida inimiga:
Se dizem fero Amor que a sede tua,
Nem com lagrimas tristes se mitiga:
E porque queres aspero & tirano
Tuas aras banhar em sangue humano:

Estaus

Estavas linda lnes posta em sossegô
 De teus annos, colhendo doce fructo,
 Naquelle engano da alma, ledô & cego,
 Que a fortuna nam deixa durar muito,
 Nos saudôsos campos do Mondego,
 De teus fermosos olhos nunca enxuto,
 Aos montes insinuando, & às eruinhas
 O nome que no peito escripto tinhas.

Do teu Principe ali te respondiam,
 As lembranças que na alma lhe morauão,
 Que sempre ante seus olhos te traziam,
 Quando dos teus fermosos se apartauão
 Denoite em doces sonhos, que mentiam,
 De dia em pensamentos que voauão.
 E quanto em fim cuidaua, & quanto via,
 Eram tudo memorias de alegria.

De outras bellas senhoras, & Princezas,
 Os desejados tálamos engeita,
 Que tudo em fim, tu puro amor desprezas,
 Quando hum gesto suaue te sogeita:
 Vendo estas namoradas estranhezas,
 O velho pay sesudo, que respeita
 O murmurar do pouno & a fantasia
 Do filho, que casar se nam queria.

Tirar Ines ao mundo determina,
 Por lhe tirar o filho que tem preso,
 Crendo co sangue so da morte indina,
 Matar do firme amor o fogo aceso:
 Que furor consentio, que a espada fina,
 Que pode sustentar o grande peso
 Do furor Mauro, fosse aleuantada,
 Contra hũa fraca dama delicada

Traziam aos horrificos algozes,
 Ante o Rei, ja mouido a piedade:
 Mas o pouo com falsas, & ferozes
 Razões, aa morte crua o persuade:
 Ella com tristes & piadosas vozes,
 Sai-las so da magoa, & jaudade
 Do seu Principe, & filhos que deixaua
 Que mais que a propria morte a magoaua.

Pera o Ceo cristalino aleuantando,
 Com lagrimas os olhos piadosos,
 Os olhos, porque as mãos lhe estaua atando,
 Hum dos duros ministros rigurosos:
 E despois nos mininos atentando,
 Que tam queridos tinha, & tam minosos,
 Cuja orfin lade como mãy temia,
 Pera o anô cruel aspi dizia.

Seja

Se ja nas brutas feras, cuja mente
 Natura fez cruel de nascimento,
 Enas aues agrestes, que samente
 Nas rapinas aerias tem o intento,
 Com pequenas criações vio a gente,
 Terem tam piadoso sentimento,
 Como co a mãy de Nino ja mostráráo,
 E cos yrmãos que Roma edificáram.

O tu que tês de humano o gesto & o peito,
 (Se de humano he, matar hũa donzella
 Fraca & sem força, so por ter subjeito
 O coraçam, a quem soube vencella.)
 Aestas criancinhas tem respeito,
 Pois o nam tês aa morte escura della,
 Mouate a piedade sua & minha,
 Pois te nam moue a culpa que nam tinha.

E se vencendo a Maura resistencia,
 A morte sabes dar com fogo & ferro,
 Sabe tambem dar vida com clemencia,
 A quem pera perdella nam fez erro:
 Mas se to así merece esta inocencia,
 Poem me em perpetuo & misero de sterro,
 Na Scitia fria, ou la na Lybia ardente,
 Onde em lagrimas vira eternamente.

OS LUSIADAS DE L. DE CA:

Poemme onde se vſe toda a feridade,
Entre Liões, & Tigres, & verey
Se nelles achar posso a piedade
Que entre peitos humanos nam acheys:
Ali co amor intrinſeco & vontade,
Naquelle por quem mouro, criarey
Estas reliquias ſuas que aqui viſte,
Que refrigerio ſejam da mãy triſte.

Queria perdoarlhe o Rei benigno,
Mouido das palauras que o magoão:
Mas o pertinaz pouo, & ſeu deſtino
(Que deſta ſorte o quis) lhe nam perdoão,
Arrancão das eſpadas de aço fino,
Os que por bom tal feito ali apregoão,
Contra hũa dama, ô peitos carniceiros
Feros vos mostrais, & caualleiros.

Qual contra a linda moça Policena,
Conſolacam extrema da mãy velha,
Porque a ſombra de Achilles a condena,
Co ferro o duro Pirro ſe aparelha:
Mas ella os olhos com que o ar ſerena,
(Bem como paciente, & manſa ouelha)
Na miſer: mãy poſtos, que endoudece
Ao duro ſacrificio ſe offerece.

Tais contra Inês os brutos matadores,
 No colo de alabaastro, que sostinha
 As obras com que amor matou de amores
 Aquelle que depois a fez Rainha:
 As espadas banhando, & as brancas flores,
 Que ella dos olhos seus regadas tinha,
 Se encarnicauam, feruidos & yrosos,
 No futuro castigo nam cuidosos.

Bem poderas, ô Sol, da vista destes
 Teus rayos apartar aquelle dia,
 Como da seua mesa de Tiestes,
 Quando os filhos por mão de Atreu comia:
 Vos, ô concauos valles que poderdes,
 A voz extrema ouuir da boca fria
 O nome do seu Pedro que ouuistes,
 Por muito grande espaço repetistes.

Assi como a bonina que cortada,
 Antes do tempo foy, candida & bella,
 Sendo das mãos laciuas mal tratada,
 Da minina que a trouxe na capella:
 O cheiro traz perdido, & a cor murchada:
 Tal està morta a palida donzella,
 Secas do rosto as rosas, & perdida
 A branca & viua cor, co a doce vida:

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

As filhas do Mondego, a morte escura,
 Longo tempo chorando memorarans,
 E por memoria eterna em fonte pura
 As lagrimas choradas transformaram:
 O nome lhe poseram, queinda dura,
 Dos amores de Ines que ali passaram.
 Vede que fresca fonte rega as flores,
 Que lagrimas sam a agoa, & o nome amores.

Não correo muito tempo que a vingança
 Nam visse Pedro das mortais feridas,
 Que em tomando do Reino a governança,
 A tomou dos fugidos humicidas:
 Do outro Pedro cruiſſimo os alcança,
 Que ambos inimigos das humanas vidas,
 O concerto fizeram duro & injusto,
 Que com Lepido, & Antonio fez Augusto.

Este castigador foy reguroſo,
 De latrocinios, mortes & adulterios,
 Fazer nos maos cruezas, fero & yroſo,
 Eram os ſeus mais certos refrigerios:
 As cidades guardando juſtiçoſo,
 De todos os soberbos vituperios,
 Mais ladrões castigando aa morte deu,
 Que o vagabundo Alcides, ou Theſeu.

Do juſto

CANTO TERCEIRO: 61

Do justo & duro Pedro nasce o brando
 (Vede da natureza o desconcerto)
 Remisso, & sem cuidado algum Fernando
 Que todo o Reino pos em muito aperto
 Que vindo o Castelhana deuastando
 As terras sem defesa, esteue perto
 De destruirse o Reino totalmente,
 Que hum fraco Rei faz fraca a forte gente

Ou foy castigo claro do peccado,
 De tirar Lianor a seu marido,
 E casarse com ella de enleuado,
 Num falso parecer mal entendido:
 Ou foy que o coraçam sogeito, & dado
 Ao vicio vil, de quem se vio rendido,
 Molle se fez, & fraco, & bem parece
 Que hum baxo amor os fortes enfraquece.

Do peccado tiueram sempre a pena
 Muitos, que Deos o quis, & permitio:
 Os que foram roubar a bella Elena,
 E com Apio tambem Tarquino o vio:
 Pois por quem Dauid Sancto se condena?
 Ou quem o Tribo illustre destruiu
 De Benjamin? bem claro nolo insina,
 Por Sarra Farão, Sychem por Dina.

E pois

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

E pois se os peitos fortes enfraquece
Hum inconcesso amor desatinado,
Bem no filho de Almena se parece,
Quando em Omfale andava transformado,
De Marco Antonio a fama se escurece,
Com ser tanto a Cleopatra afeiçãoado:
Tu tam|bem! Peno prospero o sentiste,
Despois que hũa moça vil na Apulia viste.

Mas quem pode liurar-se por ventura,
Dos laços que amor arma brandamente
Entre as rosas & a neve humana pura,
O ouro, & o labastro transparente
Quem de hũa peregrina fermosura
De hum vulto de Medusa propriamente
Que o coraçam conuerte que tem preso,
Em pedra nam: mas em desejo acefo.

Quem vio hum olhar seguro, hum gesto brando
Hũa suaue & Angelica excellencia,
Que em si està sempre as almas trãformado
Que tiuesse conyra ella resistencia:
Desculpado por certo està Fernando,
Pera quem tem de amor experiencia:
Mas antes tendo liure a fantasia,
Por muito mais culpado o julgaria.

Fim.

CANTO QVARTO.

 Canto Quarto.



Es pois de procello

sa tempestade,
Nocturna sombra, & sibilante
vento,

Traz a manbaã serena claridade,
Esperança de porto, & saluamento:
Aparta o Sol a negra escuridade,
Remouendo o temor ao pensamento:
Assi no Reino forte aconteeço,
Des pois que o Rei Fernando falleceo.

Por que se muito os nossos desejarão,
Quem os danos & offensas va vingando,
Naquelles que também se aproueitarão,
Do descuido remisso de Fernando,
Des pois de pouco tempo o alcançarão,
Ioanne sempre illustre alevantando
Por Rei, como de Pedro unico erdeiro
(Ainda que bastardo) verdadeiro.

Ser isto

OS LUSIADAS DE L. DE CA

Ser isto ordenaçam dos ceos diuina,
Por sinais muito claros se mostrou
Quando em Euora a voz de hũa minina,
Ante tempo falando o nomeou:
E como cousa em fim que o Ceo destina,
No berço o corpo, & a voz alevantou,
Portugal, Portugal, alçando a mão,
Disse, polo Rei nouo Dom loão.

Alteradas entam do Reino as gentes,
Co odio que occupado os peitos tinha,
Absolutas cruezas & euidentes
Faz do pouo o furor por onde vinha,
Matando vão amigos & parentes,
Do adultero Conde, & da Rainha,
Com quem sua incontinencia desonesto
Mais (depois de viuua) manifesta.

Mas elle em fim com causa de sonrado,
Diante della a ferro frio morre,
De outros muitos na morte acompanhado
Que tudo o fogo erguido queima & corre:
Quem como Astianas precipitado
(Sem lhe valerem ordões) de alta torre
A quem ordões, nem aras, nem respeito,
quem nu por ruas & em pedaços feito.

Podense

Podense por em longo esquecimento,
 As cruezas mortais que Roma viu
 Feitas do feroz Mario, & do cruento
 Sylva, qum lo o contrario lhe fogio:
 Por isso Lianor, que o sentimento
 Do morto Conde ao mundo descobrio,
 Faz contra Lusitania vir Castella,
 Dizendo ser sua filha herdeira della.

Beatriz era a filha, que casada
 Co Castelhano está, que o Reino pede,
 Por filha de Fernando reputada,
 Se a corrompida fama lho concede.
 Com esta voz castella aleuantada,
 Dizendo que esta filha ao pay succede:
 Suas forças ajunta pera as guerras
 De varias regiões & varias terras.

Vem de toda a prouincia que de hum trigo,
 (Se foy) ja teue o nome diriuado
 Das terras que Fernando, & que Rodrigo
 Ganharam do tirano & Mauo estado:
 Nam estimão das armas o perigo,
 Os que cortando vão co duro arado
 Os campos Lioneses, cuja gente,
 (Os Mouros foi nas armas excellente.

Os Vandalos, na antiga valentia
 Ainda confiados, se ajuntauam
 Da cabeça de toda Andaluzia,
 Que do Goadalquivir as agoas lauam
 A nobre Ilha tambem se apercebia,
 Que antigamente os Tírios habitauam
 Trazendo por insignias verdadeiras
 As Herculeas columnas nas bandeiras.

Tambem vem la do Reino de Toledo,
 Cidade nobre & antiga, a quem cercando
 O Tejo em torno vay suave & ledo,
 Que das ferras de Conca vem manando:
 A vos outros tambem não tolhe o medo,
 O sordidos Galegos, duro bando,
 Que pera resistirdes, vos armastes,
 Aaquelles, cujos golpes ja prouastes.

Tambem mouem da guerra as negras furias
 A gente Bizcainha, que careçe
 De polidas razões, & que as injurias
 Muito mal dos estranhos compadeçe:
 A terra de Guipuscua, & das Asturias
 Que com minas de ferro se ennobreçe,
 Armou delle, os soberbos matadores,
 Pera ajudar na guerra a seus senhores.

CANTO QVARTO 64

Ioanne, a quem do peito o esforço crece,
 Como a Sansam Hebreo da guedelba,
 Posto que tudo pouco lhe parece
 Cos poucos de seu Reino se aparelha,
 E nam por que conselho lhe falece,
 Cos principaes senhores se aconselha:
 Mas so por ver das gentes as sentenças,
 Que sempre ouue entre muitos differenças.

Nam falta com razões quem desconferte,
 Da opiniam de todos, na vontade,
 Em quem o esforço antigo se conuerte
 Em desusada & ma deslealdade,
 Podendo o temor mais, gelado, inerte
 que a propria & natural fidelidade
 Negão o Rei & a patria, & se conuem
 Negaram(como Pedro) o Deos que tem.

Mas nunca foy que este erro se sentisse,
 No forte dom Nuno aluarez: mas antes
 Posto que em seus Irmãos tam cláro o visse,
 Reprouando as vontades inconstantes:
 Aaquellas duuidosas gentes disse,
 Com palauras mais duras que elegantes,
 A mão na espada irado, & nam facundo,
 Ameaçando a terra, o mar, & o mundo.

Como

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Como da gente illustre Portuguesa,
Ha de auer quem refuse o patrio Marte?
Como, desta prouincia que princeza
Foy das gentes na guerra em toda parte,
Ha de sair quem negue ter defesa,
Quem negue a Fe, o amor, o esforço & arte
De Portugues, & por nenhum respeito
O proprio Reino queira ver sojeito.

Como, nam sois vos inda os descendentes
Daquelles, que debaixo da bandeira,
Do grande Enriquez, feros & valentes
Vencestes esta gente tam guerreira?
Quando tantas bandeiras, tantas gentes
Poseram em fugida, de maneira,
Que sete illustres Condes lhe trouxeram
Presos, o fora a presa que tiueram?

Com quem foram contino sopeados
Estes, de quem o estais agora vos,
Por Dinis & seu filho, sublimados
Se nam cos vossos fortes pais & aúds?
Pois se com seus descuidos, ou peccados,
Fernando em tal fraqueza assi vos pos,
Torne vos vossas forças o Reino nouo,
Se he certo que co Rei se muda o povo.

CANTO QUARTO: 61

Rei tendes tal, que se o valor tiuerdes
Igual ao Rei que agora aleuantastes,
Desbaratareis tudo o que quizerdes,
Quanto mais a quem ja desbaratastes:
E se com isto em fim vos não mouerdes,
Do penetrante medo que tomastes,
Atay as mãos a vosso vão receio,
Que eu so resistirey ao jugo alheio.

Eu so com meus vassallos, & com esta,
(E dizendo isto arranca mea espada)
Defenderey da força dura, & infecta
A terra nunca de outrem sojugada,
Em virtude do Rei, da patria meſta,
Da lealdade ja por vos negada,
Vencerey (nam so estes aduersarios.)
Mas quantos a meu Rei forem contrarios.

Bem como entre os mancebos recolhidos,
Em Camisio, reliquias sos de Canas,
La pera se entregar quasi mouidos
A fortuna das forças Affricanas:
Cornelio moço os faz, que compelidos
Da sua espada jurem, que as Romanas
Armas, nam deixarão em quanto a vida
Os nam deixar, ou nellas for perdida.

I Destarte

OS LUSIADAS DE L. DE CA:

Destarte a gente força, & esforça Nuno,
Que com lhe ouuir as vltimas razões,
Remouem o temor frio importuno,
Que gelados lhe tinha os corações:
Nos animais caualgam de Neptuno,
Brandindo & volteando arremessoes,
Vão correndo & gritando a boca aberta,
Viu o famoso Rei que nos liberta.

Das gentes populares, hũs aprouam
A guerra com que a patria se sostinha,
Hũs as armas alimpão & renouam,
Que a ferrugem da paz gastadas tinha:
Capacetes estofam, peitos prouão,
Armase cada hum como conuinha.
Outros fazem vestidos de mil cores,
Com letras & tenções de seus amores.

Com toda esta lustrosa companhia,
Ioanne forte sae da fresca Abrantes,
Abrantes, que tambem da fonte fria
Do Tejo logra as agoas abundantes:
Os primeiros armigeros regia,
Quem pera reger era os muy possantes,
Orientais exercitos, sem conto
Com que passaua Xerces o Helesponto:

CANTO QVARTO: 11

Dom Nuno Aluarez digo, verdadeiro
 Açoute de soberbos Castelhanos,
 Como ja o forte Huno o foy primeiro
 Pera Franceses, pera Italianos,
 Outro tambem famoso caualleiro,
 Que a ala direita tem dos Lusitanos,
 Apto pera mandalos, & regelos,
 Men Rodriguez se diz de Vasconcelos.

E da outra ala que a esta corresponde,
 Antão varquez de Almada he Capitão,
 Que despois foy de Abranches nobre Conde,
 Das gentes vay regendo a seſtra mão,
 Logo não retagoarda não se esconde,
 Das quinas & castellos o pendão,
 Com loanne Rey forte em toda parte,
 Que escurecendo o preço vay de Marte.

Estauam pelos muros temerosas,
 E de hum alegre medo quasi frias,
 Rezando as mãis, irmãs, damas, & esposas
 Prometendo jejús, & romarias:
 Ia chegam as esquadras bellicosas,
 Defronte das imigas companhias,
 Que com grita grandissima os recebem,
 E todas grande duuida concebem.

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Respondem as trombetas mensageiras,
Pifaros sibilantes, & atambores,
Alferezes volteam as bandeiras
Que variadas sam de muitas cores:
Era no seco tempo, que nas eiras
Ceres o fructo deixa aos lauradores,
Entra em Astrea o Sol, no mes de Agosto,
Baco das vuas tira o doce mosto.

Deu sinal a trombeta Castelhana,
Horrendo, fero, ingente, & temeroso,
Ouuiu o o monte Artabrô, & Guadiana,
A tras tornou as ondas de medroso:
Ouuiu o Douro, & a terra transtagana,
Correo ao mar o Tejo duuidoso:
Eas mãis que o som terribil escuitarão,
Aos peitos os filhinhos apertarão.

Quantos rostos ali se vem sem cor,
Que ao coração acode o sangue amigo,
Que nos perigos grandes, o temor,
He mayor muitas vezes que o perigo,
E se o não he, pareceo, que o furor
De offender, ou vencer o duro inimigo,
Faz não sentir, que he perda grãde & rara
Dos membros corporais da vida cara.

Começase

CANTO QVARTO! 27

Começase a trauar a incerta guerra;
De ambas partes se moue a primeira ala;
Hũs leua a defensam da propria terra,
Outros as esperanças de ganhala:
Logo o grande Pereira em quem se encerra
Todo o valor, primeiro se aßinala
Derriba, & encõira, & a terra ẽ fim semea
Dos que a tanto de sejam, sendo alhea.

La pelo espesso ar, os estridentes
Farpões, setas, & varios tiros voão,
Debaxo dos pés duros dos ardentes
Cauallos, treme a terra, os vales soão:
Espedação se as lanças, & as frequentes
Quedas, co as duras armas tudo atroão.
Recre, em os inimigos sobre a pouca
Gente, do fero Nuno que os apouca.

Eis ali seus yrmãos contra elle vão,
(Caso feo & cruel:) mas nam se espanta,
que menos he querer matar o yrmão,
quem contra o Rei & a patria se aleana:
Dostes arrenegados muitos sam,
No primeiro esquadraõ, que se adianta
Contra yrmãos & parentes (caso estranho)
guas nas guerras Ciuis de Iulio Magno.

OS LUSIADAS DE L. DE CAI

O tu Sertorio, o nobre Coriolano,
Catilina, & vos outros dos antigos,
Que contra vossas patrias, com profano
Coraçam, vos fizestes inimigos:
Se lá no reino escuro de Sumano,
Receber les grauißimos castigos,
Dizeilhe que tambem dos Portugueses
Algũs tredores ouue algũas vezes.

Rompem se aqui dos nossos os primeiros,
Tantos dos inimigos a elles vam:
Esta ali Nuno, qual pelos outeiros
De Ceita está o fortissimo lião,
Que cercado se ve dos caualleiros,
Que os campos vão correr de Tutuão,
Perseguemno com as lanças, & elle iroso
Tornado hũ pouco está, mas nam medroso.

Com torua vista os vê, mas a natura
Ferina, & a yra não lhe compadecem
Que as costas dê, mas antes na espessura
Das lanças se arremessa, que recrecem:
Tal está o caualleiro que a verdura
Tinge co sangue alheyo, ali perecem
Algũs dos seus, que o animo valente,
Perde a virtude contra tanta gente.

Sentio loane a afronta que passaua
 Nuno, que como sabio capitam,
 Tudo corria, e via, e a todos daua,
 Com presenca e palauras coraçam:
 Qual parida Lioa, fera e braua,
 Que os filhos que no ninho sos estam
 Sencio, que em quanto pasto lhe buscara.
 O pastor de Masilia lhos furtara.

Corre rainosa, e freme, e com bramidos,
 Os montes sete Irmãos atroa e abala,
 Tal Ioanne com outros escolhidos
 Dos seus correndo acode aa primeira ala:
 O fortes companheiros, o subidos
 Caualleiros, a quem nenhum se ygoala,
 Defendey vossas terras que a esperança
 Da liberdade, esta na vossa lanca.

Vedes me aqui, Rey vosso, e companheiro
 Que entre as lanças e setas, e os arneses
 Dos inimigos corro, e vou primeiro:
 Peleja y verdadeiros Portugueses:
 Isto disse o magnanimo guerreiro,
 E sopeando a lanca quatro vezes,
 Com força tira e deste vnico tiro
 Muitos lançarão o vltimo sospiro.

Porque eis os seus acesos nouamente
 Dhũa nobre vergonha & honroso fogo
 Sobre qual mais com animo valente,
 Perigos vencerá, do Marcio jogo
 Porfiam: tinge o ferro o fogo ardente,
 Rompem malhas primeiro, & peitos logo
 Assim recebem junto, & dão feridas
 Como a quem ja não doe perder as vidas.

A muitos mandam ver o Estigio lago
 Em cujo corpo a morte, & o ferro entrava,
 O Mestre morre ali de Sanctiago,
 Que fortissimamente pelejava:
 Morre tambem, fazendo grande estrago
 Outro Mestre cruel de Calatrava,
 Os Pereiras tambem arrenegados
 Morrem, arrenegando o Ceo & os fados.

Muitos tambem do vulgo vil sem nome
 Vão, & tambem dos nobres ao profundo,
 Onde o Trifauce Cão perpetua fome
 Tem, das almas que passam deste mundo:
 E porque mais aqui se amanse & dome
 A soberba do imigo furibundo,
 A sublime bandeira Castellhana,
 Foy derribada os pés da Lusitana.

Aqui

CANTO QVARTO 169

Aqui a fera batalha se encruce,
 Com mortes, gritos, sangue & cutiladas,
 A multidão da gente que perece,
 Tem as flores da propria cor mudadas:
 Ia as costas dam & as vidas : ja falece
 O furor, & sobejam as lançadas,
 Ia de Castella o Rey desbaratado
 Se vee, & de seu proposito mudado.

O campo vay deixando ao vencedor,
 Contente de lhe nam deixar a vida,
 Seguemno os que ficaram, & o temor
 Lhe da nam pès, mas alas aa fugida:
 Encobrem no profundo peito a dor
 Da morte, da fazenda despendida,
 Da magoa, da desonra, & triste nojo
 De ver outrem triumphar de seu despojo.

Algũs vão maldizendo & blasfemando
 Do primeiro que guerra fez no mundo
 Outros a sede dura vão culpando
 Do peito cobiçoso & sitibundo:
 Que por tomar o alheo, o miserando
 Pouo aventura aas penas do profundo,
 Deixando tantas mãis, tantas esposas
 Sem filhos, sem maridos desditosas.

OS LYSTADAS DE L. DE CA;

O vencedor Ioanne estene os dias

Costumados no campo, em grande gloria

Com offertas despois, & romarias

As graças deu a quem lhe deu victoria:

Mai Nano que nam quer por outras vias,

Entre as gentes deixar de si memoria,

Senam por armas sempre soberanas,

Pera as terras se passa Translaganas.

Ajudao seu destino de maneira

Que fez igoal o effrito ao pensamento,

Porque a terra dos Vandalos fronteira

Lhe concede o despojo & o vencimento

la de Siuilba a Betica bandeira,

E de varios senhores num momento

Se lhe derriba aos pés sem ter defesa,

Obrigados da força Portuguesa.

Destas & outras victorias longamente,

Eram os Castelhanos opprimidos,

Quando a paz desejada ja da gente

Derão os vencedores aos vencidos:

D despois que quis o Padre omnipotente,

Dar os Reis inimigos por maridos,

Aas duas Illustrissimas Inglesas,

Gentis, fermosas, inclitas princezas.

Nam

CANTO QVARTO: 70

Não soffre o peito forte usado aa guerra
 Nam ter imigo ja a quem faça dano,
 E assi nam tendo a quem vencer na terra
 Vay cometer as ondas do Oceano
 Este he o primeiro Rey que se desterra
 Da patria, por fazer que o Africano,
 Conheça pollas armas, quanto excede
 A ley de Christo aa ley de Mafamede.

Eis mil nadantes aues polo argento
 Da furiosa Tetis inquieta,
 Abrindo as pandas asas vão ao vento
 Pera onde Alcides pos a extrema meta:
 O monte Abila, & o nobre fundamento
 De Ceita toma, & o torpe Mahometa
 Deita fora, & segura toda Espanha
 Da Iuliana, má, & desleal manha.

Nam consentio a morte tantos annos,
 Que de Heroe tam ditoso se lograsse
 Portugal, mas os coros soberanos
 Do ceo supremo, quis que pouoasse:
 Mas pera defensam dos Lusitanos
 Deixou quem o leuou, quem gouernasse,
 E aumentasse a terra mais que dantes,
 Inclita geraçam, altos Infantes.

Não

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Não foy do Rey Duarte tam ditoso,
O tempo que ficou na summa alteza,
Que asy vay alternando o tempo iroso
O bem co mal, o gosto co a tristeza:
Quem vio sempre hum estado deleitoso?
Ou quem vio em fortuna auer firmeza?
Pois inda neste Reino, e neste Rey
Nam vson ella tanto desta ley.

Vio ser captiua o sancto yrmão Fernando:
Que a tam altas empresas aspirava,
Que por saluar o pouo miserando
Certado, ao Sarraceno sentregava:
Sô por amor da patria està passando
A vida de senhora feita escrava,
Por nam se dar por elle a forte Ceita
Mais o publico bem que o seu respeito.

Codro porque o inimigo não vencesse,
Deixou antes vencer da morte a vida,
Regulo porque a patria nam perdesse,
Quis mais a liberdade ver perdida:
Este porque se Espanha nam temesse
A captiueiro eterno se conuida:
Codro, nem Curcio, ouuido por espanto,
Nem os Decios leai fizeram tanto.

CANTO QVARTO.

71

Mas Affonso do Reino vnico herdeiro,
Nome em armas ditoso; em nossa Hesperiæ
Que a soberba do barbaro fronteiro,
Tornou em baxa & humilima miseria,
Fora por certo inuicto caualleiro,
Se nam quisesa yr ver a terra Iberia:
Mas Affrica dira ser impossibil,
Poder ninguem vencer o Rei terribil.

Este pode colher as maçãs de ouro,
Que somente o Terintio colher pode,
Do jugo que lhe pos o brauo Mouro,
A cerviz inda agora nam sacode:
Na fronte a palma leua, & o verde louro,
Das victorias do barbaro, que acode
A defender Alcaçer forte villa,
Tangere populoso, & a dura Arzilla.

Porem ellas em fim por força entradas,
Os muros abaxarão de Diamante,
Aas Portuguesas forças costumadas,
A derribarem quanto acham diante,
Marauilhas em armas estremadas,
E de escriptura dinas elegante,
Fizeram caualleiros nesta empresa
Mais, affinando a fama Portuguesa.

Porem

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Porem despois tocado de ambicam,
E gloria de mandar amara & bella,
Vay cometer Fernando de Aragam,
Sobre o potente Reino de Castella,
Ajuntase a inimiga multitudam,
Das soberbas & varias gentes della,
Desde Caliz ao alto Perineo,
Que tudo ao Rei Fernando obedeceo.

Nam quis ficar nos Reinos occioso,
O mancebo loanne, & logo ordena
De ir ajudar o pay ambicioso,
Que entam lhe foy ajuda não pequena,
Saiose em fim do trançe perigoso,
Com fronte nam toruada: mas serena
Desbaratado o pay sanguinolento:
Mas ficou duuidoso o vencimento.

Porque o filho sublime & soberano,
Gentil, forte, animoso caualleiro,
Nos contrarios fazendo imenso dano,
Todo hum dia ficou no campo inteiro:
Desta arte foy vencido Octauiano,
E Antonio vencedor seu companheiro,
Quando daquelles que Cesar mataram
Nos Philipicos campos se vingaram.

Porem

Porem despois que a escura noite eterna,
Affonso aposentou no Ceo sereno,
O Principe que o Reino entam gouernaz,
Foy Ioanne segundo, & Rei terzeno:
Este por auer fama sempiterna,
Mais do que tentar pode homem terreno
Tentou, que foy buscar da roxa Aurora
Os terminos, que eu vou buscando agora.

Manda seus mensageiros que passaram
Espanha, França, Italia celebrada,
E la no illustre porto se embarcaram,
Onde ja foy Partenope enterrada,
Napoles onde os fados se mostraram,
Fazendoa a varias gentes subjugada,
Pola illustrar no fim de tantos annos,
Co senhorio de inclitos Hispanos.

Polo mar alto Siculo nauegam,
Vãose aas praias de Rodas arenosas,
E dali aas ribeiras altas chegam,
Que com morte de Magno sam famosas:
Vão a Menfis, & aas terras que se regão,
Das enchentes Niloticas vndosas,
Sobem aa Ethiopia, sobre Egipto,
Que de Christo la guarda o sancto rito.

Passam

OS LVSAIDAS DE L. DE CA.

Passam tambem as ondas Eritreas,
Que o pouo de Israel sem Nao passou,
Ficão lhe a tras as serras Nabateas,
Que o filho de Ismael co nome ornou:
As costas odoríferas Sabeas,
Que a mãy do bello Adonis tanto honrou
Cercão, com toda a Arabia descuberta
Feliz, deixando a Petrea, & a Deserta.

Entram no estreito Persico, onde dura
Da confusa Babel, inda a memoria,
Ali co Tigre o Eufrates se mestura,
Que as fontes onde nascem tem por gloria:
Dali vão em demanda da agoa pura,
Que causa inda sera de larga historia,
Do Indo, pellas ondas do Oceano,
Onde nam se atreueo passar Trajano

Virão gentes incognitas, & estranhas
Da India, da Carmania, & Gedrosia,
Vendo varios costumes, varias manhas
Que cada Região produz e cria,
Mas de vias tam ásperas, tamanhas
Tornarse facilmente nam podia,
La morreram em fim, & la ficaram.
Que aa desejada patria nam tornaram.

Parece

Parece que guardava o claro Ceo
A Manoel, & seus merecimentos,
Esta empresa tam ardua, que o moneo
A subidos & illustres maquimentos;
(Manoel, que a Ioanne soccedeo
No reino, & nos altiuos pensamentos)
Logo como tomou do reino targo,
Tomou mais a conquista do mar largo.

O qual, como do nobre pensamento
Daquella obrigaçam, que lhe ficara
De seus antepassados, (cujo intento,
Foy sempre acrecentar a terra chara)
Nam deixasse de ser hum so momento
Conquistado: No tempo que a luz clara
Foge, & as estrellas nitidas que saem
A repouso conuidão, quando caem.

Estando ja deitado no aureo leito,
Onde imaginações mais certas sam,
Reuoluendo continuo no conceito
De seu officio, & sangue a obrigaçam,
Os olhos lhe occupou o sonno aceito,
Sem lhe desfoccur o coraçam:
Porque tanto que lasso se adormece
Morfeo en varias formas lhe aparece.

K

Aqui

OS LUSTADAS DE L. DE CA:

Aqui se lhe apresenta que subia
Tam alto que tocava aa prima Esphera
Donde diante varios mundos via
Nações de muita gente estranha, & fera:
E laa bem junto donde nace o dia
Despois que os olhos longos estendera,
Vio de antiquos longinquos & altos montes
Nacerem duas claras & altas fontes.

Aues agrestes, feras & alimarias
Pello monte seluatico habitauam,
Mil arvores syluestres & ervaas varias.
O passo & o trato aas gentes atalbauam:
Estas duras montanhas aduersarias,
De mais conuersaçam, por si mostrauam
Que desdeque Alão peccou aos nossos annos
Nam as romperão nunca pês humanos.

Das agoas se lhe antolha que sũão
Por elle os largos passos inclinando,
Dous homẽs, que muy velhos parecião
De aspeito, inda que agreste, venerando:
Das pontas dos cabellos lhe saião
Gotas, que o corpo todo vão banhando,
A cor da pelle baça & denegrida
A barba birfuta, intonsa, mas comprido,
Dambos

CANTO QVARTO. 74

Dambos de dous a fronte coroada
 Ramos nam conhecidos, e' eruas tinha,
 Hum delles a presença tras cansada
 Como quem de mais longe ali caminha,
 E a si a agoa com impeto alterada
 Parecia que doutra parte vinha,
 Bem como Alfeo de Arcadia em Syracusa
 Vay buscar os abraços de Aretusa.

Este que era o mais graue na pessoa
 Destarte pera o Rey de longe brada,
 O tu a cujos reinos e' coroa
 Grande parte do mun. lo está guardada,
 Nos outros, cuja fama tanto voa
 Cuja cerviz bem nunca foy domada,
 Te auisamos que he tempo que ja mandes
 A receber de nos tributos grandes.

Eu sou o illustre Ganges, que na terra
 Celeste, tenho o berço verdadeiro,
 Estou tro he o Indo Rey, que nesta serra
 Que vês, seu nascimento tem p'imeiro:
 Gustar temos com tudo dura guerra,
 Mas insustindo tu por derradeiro,
 Com nam vistas victorias, sem receyo,
 A quantas gentes vês poras o freyo.

OS LUSIADAS DE L. DE CA:

Não disse mais o rio Illustre & sancto,
 Mas ambos desparecem num momento,
 Acorda E nmanuel cum nouo espanto
 E grande alteraçam de pensamento:
 Estendeo niſto Febo o claro manto:
 Pello escuro Emisperio ſomnolento:
 Veyo a menham no ceo pintando as cores
 De pudibunda roſa & roxas flores.

Chama o Rei os ſonhores a conſelho,
 E prôpoemlhe as figuras da viſam,
 As palauras lhe diz do ſancto velho,
 Que a todos foram grande admiraçam:
 Determinam o nautico aparelho,
 Pera que com ſublime coraçam
 Vaa a gente que mandar cortando os mares
 A buscar nouos climas, nouos ares.

Eu que bem mal cuidaua que em effeito
 Se poſeſſe o que o peito me pedia,
 Que ſempre grandes couſas deſte geito
 Preſago o coraçam me prometia:
 Nam ſey, porque razão, porque reſpeito,
 Ou porque bom ſinal que em mi ſe via,
 Me poem o inchyto Rei nas mãos a chaue
 Deſte cometimento grande, & graue.

E com rogo & palauras amor-fas.
 Que he hũa mão nos Reis que a mais obriga,
 Me disse: As cousas arduas & lustrôfas
 Se alcançam com trabalho & com fadiga:
 Faz as pessoas altas & famosas,
 A vida que se perde & que periga,
 Que quando ao medo infame não se rende
 Então, se menos dura mais se estende.

Eu vos tenho entre todos escolhido
 Para hũa empresa qual a vos se deue,
 Trabalho illustre, duro & esclarescido,
 O que eu sey que por mi vos sera leue:
 Não s. fri mais, mas logo: O Rey subido,
 Auenturarme a ferro, a fogo, a neue,
 He tam pouco por vos, que mais me pena
 Ser esta vida cousa tam pequena.

Imaginay tamanhas auenturas
 Quaes Euristêo a Alcides inuentava,
 O lião Cleonêo, Arpias duras
 O porco de Erimanto, a Ydra braua:
 Decer em fim aas sombras vans & escuras
 Onde os campos de Dite a Estige lava,
 Porque a mayor perigo, a môr affronta
 Por vos, o Rey, o sprito & carne he própria.

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Com merces sumptuosas me agardece,
 E com razões me louua esta vontade,
 Que a virtude louuada vine & crece,
 E o louvor altos casos persuade:
 A acompanhar-me logo se offerece
 Obrigado damor & damizade,
 Não menos cobiçoso de honra & fama,
 O charo meu irmão Paulo da Gama.

Mais se me ajunta Nicolao Coelho,
 De trabalhos muy grande soffredor,
 Ambos sam de valia & de conselho
 Dexperiencia em armas & furor:
 Ia de manceba gente me aparelho
 Em que crece o desejo do valer,
 Todos de grande esforço, & assi parece
 Quem a tamanhas cousas se offerece.

Forão de Emanuel remunerados,
 Por que com mais amor se apercebessem,
 E com palauras altas animados
 Pera quantos trabalhos soccedessem:
 Assi foram o Mynias ajuntados,
 Pera que o veo dourado combatessem,
 Na Fatulça nao, que ousou primeira
 Tentar o mar Euxinio, aventureira.

E já no porto da inclita *Ulissea*,
Cum aliuorogo nobre, & cum desejo,
(Onde o licor mestura & branca areia
Co salgaao *Neptuno* o doce Tejo.)
As naos prestes estão, & não refreia
Temor nenhum o iuuenil despejo,
Porque a gente maritima & a de *Marte*
Estam pera seguirme a toda parte.

Pellas prayas vestidos os soldados,
De varias cores vem, & varias artes,
Enão menos de esforço aparelhados
Pera buscar do mundo nouas partes:
Nas fortes naos os ventos sossegados,
Ondeão os aerios estandartes,
Ellas prometem vendo os mares largos
De ser no *Olimpo* estrellas como a de *Argos*.

Despois de aparelhados desta sorte
De quanto tal viagem pede & manda,
Aparelhamos a alma pera a morte,
Que sempre aos nautas ante os olhos anda:
Pera o sumo poder que a *Etherea* corte
Sostenta so coa vista veneranda,
Imploramos fauor que nos guiasse,
E que nossos começos aspirasse.

Partimonos assi do sancto templo,
 Que nas Praias do mar està assentado,
 Que o nome tem da terra, pera exemplo,
 Donde Deos foy em carne ao mundo dado:
 Certificote, o Rey, que se contemplo
 Como fuy destas prayas apartado
 Cheyo dentro de duuida & receyo,
 Que a penas nos meus olhos ponho o freyo

A gente da cidade aquelle dia
 (Hús por amigos, outros por parentes,
 Outros por ver fomento) concorria
 Suidosos na vista, & descontentes:
 E nos coa virtuosa companhia
 De mil religiosos diligentes,
 Em procissam solene a Deos orando
 Pera os bateis viemos caminhando.

Em tam longo caminho & duuidoso,
 Por perdidos as gentes nos julgauam
 As molheres cum choro piadoso,
 Os homes com suspiros que arrancauam:
 Mães, Esposas, Irmãs, que o temeroso
 Amor mais desconfia, acrecentauam
 A desesperaçam, & frio medo
 De ja nos nam tornar a ver tam cedo.

Qual

Qual vay dizendo: O filho a quem eu tinha
 So pera refrigerio, & doce emparo
 Desta cansa la ja velhice minha,
 Que em choro acabará, penoso & amaro:
 Porque me deixas, misera & mezquinha?
 Porque de mi te vas, o filho charo
 A fazer o funero enterramento,
 Onde sejas de peixes mantimento?

Qualem cabello: O doce & amado esposo
 Sem quem não quis amor que viuer possa,
 Porque is auenturar ao mar iroso
 Essa vida que he minha, & nam he vossa?
 Como por hum caminbo duuidoso
 Vos esquece a afeicam tam doce nossa?
 Nosso amor, nosso vão contentamento,
 Quereis que com as vellas leue o vento.

Nestas & outras palauras que diziam
 De amor, & de piadosa humanidade,
 Os velhos & os mininos os seguiam,
 Em quem menos es forço poe a ydade:
 Os montes de mais perto respondiam
 Quasi moidos de alta piedade,
 A branca areia as lagrimas banhauam,
 Que em multidam co ellas se igoalauam.

Nos

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Nos outros sem a vista aleuantarmos,
Nem a Mãe, nem a Espôsa, neste estado;
Por nos não magoarmos, ou mudarmos
Do proposito firme começado:
Determiney de assi nos embarcarmos
Sem o despedimento custumado,
Que posto que he de amor vsança boa
A quem se aparta, ou fica, mais magoa.

Mas hum velho daſpeito venerando,
Que ficaua nas prayas, entre a gente,
Postos em nos os olhos, meneando
Tres vezes a cabeça, descontente,
A voz pesada hum pouco aleuantando,
Que nos no mar ouuimos claramente,
Cum saber ſo d'experiencias feyto
Tais palauras tirou do experto peito:

O gloria de mandar, o vã cobiça
Deſta vaidade, a quem chamamos Fama;
O fraudulentto gosto, que ſe atica
Cũ a aura popular, que honra ſe chama:
Que caſtigo tamanho & que juſtiça
Fazes no peito vã que muito te ama,
Que mortes, que perigos, que tormentas
Que crueldades nelles eſprimentas.

Dura

Dura inquietaçam da alma & da vida
Fonte de desemparos & adulterios,
Sagaz consumidora conhecida
De fazendas, de reynos, & de imperios:
Chamante illustre, chamante subida,
Sendo dina de infames vituperios,
Chamante Fama, & Gloria soberana,
Nomes com quem se o pouo nescio engana.

A que nouos desastres determinas
De leuar estes reynos & esta gente?
Que perigos, que mortes lhe destinas
Debaixo dalgum nome preminente?
Que promessas de reynos, & de minas
Douro, que lhe faras tam facilmente?
Que famas lhe prometeras, que historias?
Que triumphos, que palmas, que victorias?

Mas ô tu geraçam daquelle insano
Cujó peccado & desobediencia
Não somente do reino soberano
Te pos neste desterro & triste ausencia:
Mas inda doutro estado mais que humano
Da quieta & da simpres innocencia,
Idade douro tanto te priou
Que na de ferro & darmas te deitou.

OS LVSIADAS DE L. DE CA

la que nesta gostosa vaidade
Tanto enleuas a leue fantasia,
la que aa bruta crueza & feridade
Posste nome esforço & valentia:
la que prezas em tanta quantidade
O desprezo da vida, que deuia
De ser sempre estimada, pois que ja
Temeo tanto perdella quem a dà.

Não tens junto com tigo o Ismaelita
Com quem sempre teras guerras sobejas?
Não segue elle do Arabio a ley maldita,
Se tu polla de Christo so pellejas?
Nam tem cidades mil, terra infinita
Se terras & riqueza mais desejas?
Nam he elle por armas esforçado
Se queres por victorias ser louuado.

Deixas criar aas portas o inimigo
Por yres buscar outro de tam longe,
Por quem se despoouo o reino antigo
Se enfraqueça & se vaa deitando a longe:
Buscas o incerto & incognito perigo
Porque a fama te exalte & te lisonje,
Chamando te senhor com larga copia
Da India, Persia, Arabia, & de Ethiopia.
O maldito

CANTO QVARTO. 77

O maldito o primeiro que no mundo
 Nas ondas vellas pos em seco lenho,
 Dino da eterna pena do profundo,
 Se he justa a justa ley que sigo & tenho:
 Nunca juyzo algum alto & profundo,
 Nem cythara sonora, ou viuo engenho,
 Te dê por isso fama, nem memoria:
 Mas contigo se acabe o nome & a gloria.

Trouxe o filho de Iapeto do Ceo
 O fogo que ajuntou ao peito humano,
 Fogo que o mundo em armas accendeo
 Em mortes, em desonras (grande engano)
 Quanto milhor nos fora Promoteo,
 E quanto pera o mundo menos dano,
 Que a tua estatua illustre nam tiuera
 Fogo de altos desejos, que a mouera.

Nam cometera o moço miserando
 O carro alto do pay, nem o ar vazio
 O grande Achitecôr co filho, dando
 Hum, nome ao mar, & o outro fama ao rio:
 Nenhum cometimento alto & nefando
 Por fogo, ferro, agoa, calma & frio,
 Deixa intentado a humana geraçam:
 Misera sorte, estranha condição.

F I M.

Canto Quinto.



Stas sentenças tais

o velho honrado
Vociferando estaua, quando a
brimos

As asas ao sereno & sossegado
Vento, & do porto amado nos partimos;
E como he ja no mar costume usado
A vella desfraldando o ceo ferimos,
Dizendo Boa viagem, logo o vento
Nos troncos fezo usado mouimento.

Entraua neste tempo o eterno lume,
No animal Nemeyo truculento,
E o mundo que com tempo se consume
Na seista idade andaua enfermo & lento;
Nella ve, como tinha por costume
Cursos do Sol quatorze vezes cento,
Com mais nouenta & sete, em que corria
Quando no mar a armada se estendia.

CANTO QUINTO: 86

Ja a vista pouco & pouco se desterra
 Daquelles patrios montes que ficauam,
 Ficaua o charo Tejo, & a fresca serra
 De Sintra, & nella os olhos se alongauam.
 Ficauanos tambem na amada terra
 O coraçam, que as magoas lá deixauam,
 E ja despois que toda se escondio
 Não vimos mais em fim que mar & ceo.

Assi fomos abrindo aquelles mares
 Que geraçam algũa nam abrio,
 As nouas ilhas vendo & os novos ares,
 Que o generoso Enrique descobrio
 De Mauritania os montes & lugares
 Terra que Anteo num tempo possuyio,
 Deyxando aa mão esquerda, que aa direita
 Não ha certeza doutra, mas sospeita.

Passamos a grande Ilha da madeira
 Que do muito aruoredo assi se chama,
 Dis que nos pouoamos, a primeira,
 Mais celebre por nome, que por fama:
 Mas nem por ser do mundo a derradeira
 Se lhe auenta jão quantas Venus ama,
 Antes sendo esta sua se esquecera
 De Cypro, Guido, Pafos, & Cythèra.

Deixamos

Deixamos de Massilia a esteril costa,
 Onde seu gado os Azenegues pastão,
 Gente que as frescas agoas nunca gosta
 Nem as ervas do campo bem lhe abastão:
 A terra a nenhum fruto em fim desposta,
 Onde as aues no ventre o ferro gastão,
 Padecendo de tudo extrema inopia
 Que aparta a Barbaria de Etiopia.

Passamos o lemite aonde chega
 O Sol, que pera o Norte os carros guia,
 Onde jazemos pouos, a quem nega
 O filho de Climene a cor do dia:
 Aqui gentes estranhas lava & rega
 Do negro Sanaga a corrente fria,
 Onde o Cabo Arsinario o nome perde
 Chamando se dos nossos Cabo verde.

Passadas tendo ja as Canarias ilhas
 Que tiuerão por nome Fortunadas,
 Entramos nauegando pollas filhas
 Do velho Hesperio, Hesperidas chamadas
 Terras por onde nouas maravilhas
 Andaram vendo ja a nossas armadas,
 Ali tomamos porto com bom vento
 Por tomarmos da terra mantimento.

A aquelles

CANTO QUINTO.

A aquella ilha aportamos, que tomou
 O nome do guerreiro Sanctiago,
 Sancto que os Espanhoes tanto ajudou
 A fazerem nos Mouros brauo estrago:
 Daqui tanto que Boreas nos ventou
 Tornarimos a cortar o immenso lago,
 Do salgado Oceano, & assi deixamos
 A terra onde o refresco doce achamos.

Por aqui rodeando a larga parte
 De Africa, que ficaua ao Oriente
 A prouincia Ialoso, que reparte
 Por diuersas nações a negra gente:
 A muy grande Mandinga, por cuja arte,
 Logramos o metal rico & luzente,
 Que do curuo Gambea as agoas bebe
 As quaes o largo Atlantico recebe.

As Dorcadas passamos, pouoadas
 Das Irmaãs, que outro tempo ali viuião;
 Que de vista total sendo priuadas
 Todas tres dhum so olho se seruião:
 Tu so, tu cujas tranças em tres espadas
 Neptuno la nas agoas acendião,
 Tornada ja de todas a mais fea
 De binoras encheffe a ardente areia.

L

Sempre

OS LYSIADAS DE L. DE CA.

Sempre em fim pera o Austro a aguda proa
No grandíssimo golfão nos metemos,
Deixando a serra asperíssima Lyoa
Co Cabo a quem das Palmas nome demos:
O granderio, onde batendo jóa
O mar nas prayas notas, que ali temos,
Ficou, co a Ilha illustre que tomou
O nome dhum que o lado a Deos toca u.

Ali o muy grande reyno está de Congo
Por nós ja conuertido á fee de Christo,
Por onde o Zaire passa claro & longo
Rio pellos antigos nunca visto:
Por este largo mar em fim me alongo
Do conhecido pollo de Calisto,
Tendo o termino ardente ja passado
Onde o meyo do mundo he limitado.

Ia descoberto tinhamos diante
La no nouo Hemisferio noua estrella,
Não vista de outra gente, que ignorante
Alguns tempos esteue incerta della:
Vimos a parte menos rutilante
E por falta de estrellas menos bella,
Do Polo fixo, onde inda se nam sabe
Que outra terra comece, ou mar acabe.

Assim passando aquellas regiões
 Por onde duas vezes passa Apolo,
 Dous inuernos fazendo & dous verões
 Em quanto corre dhum ao outro Polo:
 Por calmas, por tormentas & opressões
 Que sempre faz no mar o yrado Eolo,
 Vimos as Vrsas a pesar de luno
 Banbarem-se nas agoas de Neptuno.

Contarte longamente as perigosas
 Cousas do mar, que os homẽs não entendem,
 Subitas tronoçadas, temerofas,
 Relampados que o ar em fogo acendem:
 Negros chuueiros, noites tenebrosas,
 Bramidos de tronões que o mundo fendem,
 Não menos he trabalho, que grande erro
 Ainda que tiuesse a voz de ferro.

Os casos vi que os rudos marinheiros
 Que tem por mestra a longa experiencia,
 Contão por certos sempre & verdadeiros
 Julgando as cousas so polla apparencia:
 E que os que tem j. izos mais inteiros
 Que so por puro engenho & por ciencia,
 Vem do mundo, os segredos escondidos
 Julgão por falsos, ou malentendidos.

OS LVSIADAS DE L. DE CA

Vi claramente visto o lume viua
 Que a maritima gente tem por santo,
 Em tempo de tormenta & vento esquiuo
 De tempestade escura & triste pranto:
 Não menos foy a todos excessiuo
 Milagre, & cousa certo de alto espanto,
 Ver as nuuës do mar com largo cano.
 Soruer as altas agoas do Oceano.

Euo vi certamente (& não presumo
 Que a vista me enganaua) levantar-se,
 No ar hum vaporzinbo & sutil fumo.
 E do vento trazido, rodear-se:
 De aqui leuado hum cano ao Polo sumo
 Se via, tão delgado que enxergar-se
 Dos olhos facilmente nam podia,
 Da materia das nuuës parecia.

Hia-se pouco & pouco acrescentando
 E mais que hum largo masto se engrossaua,
 Aqui se estreita, aqui se alarga, quando
 Os golpes grandes de agoa em si chupaua:
 Estaua-se co as ondas ondeando,
 Encima delle hũa nuuem se espessaua,
 Fazendo-se mayor, mais carregada
 Co cargo grande d'agoa em si tomada.

Qual

Qual roxa sangue suga se veria
 Nos beixos da alimaria (que imprudente;
 Bebendo a recolheo na fonte fria)
 Fartar co sangue alheyo a sede ardente:
 Chupando mais & mais se engrossa & cria,
 Ali se enche & se alarga grandemente,
 Tal a grande columna, enchendo aumenta
 A si, & a nuuem negra que sustenta.

Mas despois que de todo se fartou
 O pé que tem no mar a si recolhe,
 E pello ceo chouendo em fim voou
 Porque coa agoa a jacente agoa molhe:
 Aas ondas torna as ondas que tomou:
 Mas o sabor do sal lhe tira, & tolhe,
 Vejam agora os sabios na escriptura
 Que segredos sam estes de Natura.

Se os antigos Philosophos, que andaram
 Tantas terras, por ver segredos dellas,
 As maravilhas que eu passei, passaram
 A tam diuersos ventos dando as vellas:
 Que grandes escripturas que deixaram
 Que influçam de sinos & de estrellas,
 Que estranhezas, que grandes qualidades,
 E tudo sem mentir, puras verdades.

OS LIVSIADAS DE L. DE CAI

Mas ja o Planeta que no ceo primeiro
Habita, cinco vezes apressada,
Agora meyo rosto, agora inteiro
Mostrara, em quãto o mar cortava a armada
Quando da Etereagauea hum marinheiro
Prompto coa vista, terra, terra brada,
Salta no bordo aluorocada a gente
Cos olhos no Orizonte do Oriente.

A maneira de nuuës se comecam
A descubrir os montes que enxergamos;
As ancoras pesadas se adereçam,
As vellas ja chegados amainamos:
E pera que mais certas se conheçam
As partes tam remotas onde estamos,
Pello nouo instrumento do Astrolabio
Inuencam de futil juizo & sabio.

Desembarcamos logo na espacosa
Parte, por onde a gente se espalhou,
De ver cousas estranhas deseiosa
Da terra que outro pouo nam pisou:
Porem en cos pilotos na arenosa
Praya, por vermos em que parte estou,
Me detenho, em tomar do sol a altura
E compassar a vniuersal pintura.

Achamos

Achamos ter de todo já passado
Do Semicapro pexe a grande meta,
Estando entre elle & o circulo gelado
Austral, parte do mundo mais secreta:
Eis de meus companheiros rodeado
Vejo hum estranho vir de pelle preta,
Que tomarão per força, em quanto apanha
De mel os doces fauos na montanha.

Tornado vem na vista, como aquelle
Que nam se vira nunca em tal estremo,
Nem elle entende a nos, nem nos a elle,
Seluagem mais que o bruto Polifemo:
Começolhe a mostrar da rica pelle
De Colcos o gentil metal supremo,
A prata fina, a quente especiarias:
A nada disto o bruto se mouia.

Mando mostrar-lhe peças mais somenos
Contas de Christalino transparente,
Alguns soantes cascaueis pequenos,
Hum barrete vermelho, cor contente:
Vi logo por sinais & por acenos
Que com isto se alegra grandemente,
Mando o soltar com tudo & assi caminha
Pera a pouoaçam, que perto tinha.

OS LVSIADAS DE L. DE CA:

Mas logo ao outro dia seus parceiros
Todos nhs, & da cor da escura treua,
Decendo pellos asperos outeiros
As peças vem buscar que estoutro leua:
Domesticos ja tanto & companheiros
Se nos mostrão, que fazem que se atreua,
Fernão Velloso a yr ver da terra o trato
E partir se co elles pello mato.

He Velloso no braço confiado
E de arrogante cre que vay seguro,
Mas, sendo hum grande espaço ja passado,
Em que algum bom sinal saber procuro:
Estando, a vista alçada, co cuidado
No aventureyro, eis pello monte duro
Aparece, & segundo ao mar caminha
Mais apressado do que fora vinha.

O batel de Coelhe foy de pressa
Pollo tomar, mas antes que chegasse,
Hum Etiope ousado se arremessa
A elle, porque nam se lhe escapasse:
Outro & outro lhe saem: vesse em pressa
Velloso, sem que alguém lhe ali ajudasse,
Acudo eu logo, & em quanto o remo aperto
Se mostra hum bando negro descoberto.

Da

CANTO QUINTO.

85

Da espessa nuuem setas & pedradas
Chouem sobre nos outros sem medida,
E nam foram ao vento em vão deitadas
Que esta perna trouxe eu dali ferida:
Mas nos como pessoas magoadas
A reposta lhe demos tam tecida,
Que em mais que nos barretes se sospeita
Que a cor vermelha leuão desta feita.

E sendo ja Velloso em saluamento
Logo nos recolhemos pera a armada,
Vendo a malicia fea & rudo intento
Da gente bestial, bruta & maluada:
De quem nenhun milhor conhecimento
Podemos ter da India desejada,
Que estarmos inda muyto longe della
E assi torney a dar ao vento a vella.

Disse entam a Velloso hum companheiro
(Começando se todos a sorrir)
Oula Velloso amigo, aquelle outeiro
He milhor de decer que de subir:
Si he, responde o ousado aventureiro
Mas quando eu pera ca vi tantos vir,
Daquelles cães, de pressa hum pouco vim
Por me lembrar que estauis ca sem mim.

Contos

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Contou entam que tanto que passaram
Aquelle monte, os negros de quem fallo,
Auante mais passar o nam deixaram,
Querendo, se não torna, ali matallo;
E tornando se, logo se emboscaram
Porque saindo nos pera tomallo,
Nos podessem mandar ao reino escuro
Por nos roubarem mais a seu seguro.

Porem ja cinco Soes eram passados
Que dali nos partiramos, cortando
Os mares nunca doutrem nauegados,
Prosperamente os ventos assoprando:
Quando bũa noite estando descuidados
Na cortadora proa vigiando
Hũa nuuem que os ares escurece
Sobre noffas cabeças aparece,

Tão temerosa vinha & carregada,
Que pos nos corações hum grande medo,
Bramindo o negro mar, de longe brada
Como se desse em vão nalgum rochedo:
O potestade, disse, sublimada
Que ameago diuino, ou que segredo,
Este clima, & este mar nos apresenta,
Que môr cousa parece que tormenta?

Não

Não acabaua, quando hũa figura
Se nos mostra no ar, robusta & valida,
De disforme & grandissima estatura,
O rosto carregado, a barba esqualida:
Os olhos encolados, & a postura
Medonha & máa, & a cor terrena & palida
Cheos de terra & crespos os cabellos,
A boca negra, os dentes amarellos.

Tão grande era de membros, que bem posso
Certificarte, que este era o segundo
De Rodes estranhissimo Colosso,
Que hum dos sete milagres foy do mundo:
Cum tã de voz nos falla horrendo & grosso
Que pareceo sair do mar profundo,
Arrepião se as carnes & o cabello
A mi, & a todos, soo de ounillo & vello.

E disse: O gente ousada mais que quantas
No mundo cometerão grandes cousas,
Tu que por guerras cruas, taes & tantas
E por trabalhos vãos nunca repousas:
Pois os vedados terminos quebrantas
E nauegar meus longos mares ousas,
Que en tãto tempo ha que guardo & tenho
Nunca arados de estranho, ou proprio lenho:

Pois

OS LUSIADAS DE L. DE CA

Pois vens ver os segredos escondi los
Da natureza, & do humido elemento,
A nenhum grande humano concedidos
De nobre, ou de immortal merecimento:
Ouue os danos de mi, que apercebidos
Estam, a teu sobejo atreuimento,
Por todo o largo mar & polla terra
Que inda has de sojugar com dura guerra.

Sabe que quantas naos esta viagem
Que tu fazes, fizerem de atreuidas
Inimiga teram esta paragem
Com ventos & tormentas desmedidas:
E da primeira armada que passagem
Fizer por estas ondas insuffridas,
Eu farey dimprouiso tal castigo
Que seja môr o dano que o perigo:

Aqui espero tomar se não me engano
De quem me descobrio suma vingança,
E nam se acabará so nisto o dano
De vossa pertinace confiança:
Antes em vossas naos vereys cada anno
Se he verdade o que meu juyzo alcança,
Naufragios, perdições de toda sorte,
Que o menor mal de todos seja a morte.
E do

E do primeiro Illustre, que a ventura
 Com fama alta fizer tocar os Ceos,
 Serey eterna & noua sepultura
 Por juizos incognitos de Deos:
 Aqui porà da Turca armada dura
 Os soberbos & prosperos tropheos,
 Comigo de seus danos o ameaça
 A destruida Quiloa com Mombaça.

Outro tambem virá de honrada fama
 Liberal, caualeiro, enamorado
 E consigo trará a fermosa dama
 Que Amor por grã merce lhe terà dado:
 Triste ventura, & negro fado os chama
 Neste terreno meu, que duro & yrado,
 Os deixará dhum crû naufragio viuos
 Pera verem trabalhos excessiuos.

Verão morrer com fome os filhos charos
 Em tanto amor gêrados & nacidos,
 Verão os Cafres asperos & auaros
 Tirar aa linda dama seus vestidos:
 Os cristalinos membros & perclaros
 Aa calma, ao frio, ao ar verão de spidos,
 Depois de ter pisada longamente
 Cos delicados pês a areia ardente.

E verão

E verão mais os olhos que escaparem
 De tanto mal, de tanta desventura,
 Os dous amantes miseros ficarem
 Na feruida & implacabile espessura:
 Ali de spois que as pedras abrandarem
 Com lagrimas de dôr, de magoa pura,
 Abraçados as almas so'taram
 Da fermosa & miserrima prisa.

Mais hia por diante o monstro horrendo
 Dizendo nossos fados, quando alçado
 Lhe disse eu: Quem es tu? que esse estupendo
 Corpo, certo me tem marauilhado.
 A boca, & os olhos negros retorcendo,
 E dando hum espantoso & grande brado,
 Me respondeo, com voz pesada & amara
 Como quem da pergunta lhe pesara.

Eu sou aquelle occulto & grande Cabo
 A quem chamais vos outros Tormentorio;
 Que nũca a Ptolomeu, Pomponio, Estrabo,
 Plinio, & quantos passaram fuy notorio:
 Aqui toda a Africana costa acabo
 Neste meu nunca visto Promontorio,
 Que per o Polo Antartico se estende
 A quem vossa curiosidade tanto offende.

Fuy

Fuy dos filhos asperrimos da terra
Qual Encelado, Egeo, & o Centimano,
Chameime Adamastor, & fuy na guerra
Contra o que vibra os rayos de Vulcano:
Nam que possesse serra sobre serra
Mas conquistando as ondas do Oceano,
Fuy capitam do mar, por onde andaua
A armada de Neptuno, que eu buscava.

Amores da alta esposa de Peleo
Me fizeram tomar tamanha empresa,
Todas as Deosas desprezey do ceo
So por amar das agoas a Princeza:
Hum dia a vi coas filhas de Nereo
Sair nua na praya, & logo presa,
A vontade senti, de tal maneira
Que in-la não sinto cousa que mais queira.

Como fosse cousa impossibil alcançalla
Polla grandeza fea de meu gesto,
Determiney por armas de tomalla
E a Doris este caso manifestô:
De medo a Deosa entam por mi lhe falla
Mas ella cum fermoso riso honesto,
Respondeo: Qual sera o amor bastante
De Nimpha que sustente o dhum Gigante.

Coma

OS LUSIADAS DE L. DE CA:

Com tudo por liurarmos o Occeano
De tanta guerra, eu buscarey maneira,
Com que com minha honra escuse o dano.
Tal resposta me torna a mensageira:
Eu que cair nam pude neste engano,
(Que he grande dos amantes a cigueira)
Encherão-me com grandes abundanças
O peito de desejos & esperanças.

La nescio, ja da guerra desistindo
Hũa noite de Doris prometida,
Me aparece de longe o gesto lindo
Da branca Thetis vnica de spida:
Como doudo corri de longe, abrindo
Os braços, pera aquella que era vida
Deste corpo, & começo os olhos bellos
A lhe beijar, as faces & os cabellos,

O que não sey de nojo como o conte
Que crendo ter nos braços quem amaua,
Abraçado me achey cum duro monte
De aspero mato, & de espessura braua:
Estando cum penedo fronte a fronte
Queu pollo rosto angelico apertaua,
Não fiquey homem não, mas mudo & queido
E junto dhum penedo outro penedo.

O nim pha

O Nimpha a mais fermosa do Occeano
la que minha presença nam te agrada,
Que te custaua terme neste engano,
Ou fosse monte, nuuem, sonho, ou nada:
Daqui me parto irado, & quasi insano
Da magoa & da desonra ali passada
A buscar outro mundo, onde nam visse
Quem de meu pranto, & de meu mal se risse.

Erão ja neste tempo meus Irmãos
Vencidos & em miséria estrema postos,
E por mais segurar-se os Deoses vãos
Alguns a varios montes sottopostos:
E como contra o Ceo nam valem mãos,
Eu que chorando andaua meus desgostos,
Comecey a sentir do fado amigo
Por meus atreuimentos o castigo.

Conuertefeme a carne em terra dura,
Em penedos os ossos se fizeram,
Estes membros que ves & esta figura
Por estas longas agoas se estenderam:
Em fim minha grandissima estatura
Neste remoto cabo conuerteram
Os Deoses, & por mais dobradas magoas
Me anda Thetis cercando destas agoas.

Assi contava & cum medonho choro
 Subito dante os olhos se apartou,
 Desfez se a nuuem negra, & cum sonoro
 Bramido, muito longe o mar soou:
 Eu, levantando as mãos ao sancto coro
 Dos Anjos, que tam longe nos guiou,
 A Deos pedi que remouesse os duros
 Casos, que Alamastor contou futuros.

La Phlegon, & Pyreis vinham tirando
 Cos outros dous o carro radiante,
 Quando a terra alta se nos foy mostrando
 Em que foy conuertido o gram gigante:
 Ao longo desta costa, começando
 Ia de cortar as ondas do Levante,
 Por ella a abaixo hum pouco nauegamos
 Onde segunda vez terra tomamos.

A gente que esta terra possuya
 Posto que todos Etiopes eram,
 Mais humanos no trato parecia
 que os outros, que tão mal nos receberão:
 Com bailos & com festas de alegria
 Pella praya arenosa a nos vierão,
 As molheres confizo & o manso gado
 Que apacentauão, gordo & bem criado:

As

As molheres queimadas vem encimã
Dos vagarosos bois, ali sentadas
Animais que elles tem em mais estima
Que todo o outro gado das manadas:
Cantigas pastoris, ou prosa, ou rima,
Na sua lingua cantão concertadas,
Co doce som das rusticas auenas
Imitando de Titiro as Camenas.

Estes como na vista prazenteiros
Fossem, humanamente nos trataram,
Trazendonos galinhas & carneiros
Atroco doutras peças que leuaram:
Mas como nunca em fim meus companheiros
Palavra sua algũa lhe alcançaram
Que desse algum final do que buscamos,
As vellas dando, as ancoras leuamos.

La aqui tinhamos dado hum gram rodeyo
Aa costa negra de Africa, & tornaua
A proa a demandar o ardente meyo
Do Ceo, & o Polo Antartico ficaua:
Aquelle ilheo deixamos, ande veyo
Outra armada primeira, que b'scaua
O tormentorio Cabo, & descuberto,
Naquelle ilheo fez seu limite certo.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Daqui fomos cortando muitos dias
Entre tormentas tristes e bonanças,
No largo mar fazendo nouas vias
So conduzidos de arduas esperanças:
Co mar hum tempo andamos em porfias
Que como tudo nelle sam mudanças,
Corrente nelle achamos tão possante
que passar não deixaua por diante.

Era mayor a força em demasia
Segundo pera tras nos obrigaua,
Do mar, que contra nos ali corria
que por nos a do vento que assopraua:
Injuriado Noto da porfia
Em que co mar (parece) tanto estaua
Os assopros esforça iradamente
Com que nos fez vencer a gram corrente

Trazia o Solo dia celebrado
Em que tres Reis das partes do Oriente,
Forão buscar hum Rey de pouco nado
No qual Rey outros tres ha juntamente:
Neste dia outro porto foy tomado
Por nos, da mesma ja contada gente,
Num largo rio, ao qual o nome demos
Do dia em que por elle nos metemos.

Destá

CANTO QUINTO. 99

Deſta gente refreſco algum tomamos,
E do rio freſca agoa, mas com tudo
Nenhum ſinal aqui da India achamos
No pouo com nos outros caſi mudo:
Ora vê Rey quamanha terra andamos
Sem ſair nunca deſte pouo rudo,
Sem vermos nunca noua, nem ſinal,
Da deſejada parte Oriental.

Ora imagina agora quam coitados
Andariamos todos, quam perdidos,
De fomes, de tormentas quebrantados
Por climas & por mares nam ſabidos:
E do eſperar com prido tam caſados
Quanto a deſeſperar ja compellidos,
Per ceos não naturais, de qualidade
Inimiga de noſſa humanidade.

Corrupto ja & danado o mantimento
Danoſo & mao ao fraco corpo humano,
E alem diſſo nenhum contentamento
Que ſe quer da eſperança fſſe engano:
Cres tu que ſe eſte noſſo ajuntamento
De ſoldados, nam ſera Luſitano,
Que durara elle tanto obediente
Por ventura a ſeu Rey & a ſeu regente?

OS LUSIADAS DE L. DE CA:

Cres tu que já nam forão leuautodas
 Contra seu capitam se os resistira,
 Fazendo se Piratas, obrigados
 De desesperaçam, de fome, de iras
 Grandemente, por certo estão prouados
 Pois que nenhum trabalho grande os tira
 Daquella Portuguesa altaeccellencia
 De lealdade firme, & obediencia.

Deixando o porto em fim do doce rio
 E tornando a cortar a agoa salgada,
 Fizemos desta costa algum desvio
 Deitando pera o pego toda a armada:
 Porque ventando Noto manso & frio
 Não nos apinhasse a agoa da enseada,
 Que a costa faz ali daquella banda.
 Donde a rica Sofala o ouro manda.

Esta passada, logo o leue leme
 Encomendado ao sauro Nicolao,
 Pera onde o mar na costa brada & geme
 A proa inclina dhua & doutra nao.
 Quando in lo o coração que espera & teme
 E que tanto fion dhum fraco pao,
 Do que esperaua já desesperado
 Foy dhua novidade aluorçado.

E se

CANTO QUINTO:

E foy, que estando ja da costa perto
 Onde as prayas & valles bem se vião,
 Num rio, que ali se ao mar aberto
 Bateis aa vela eniração & sayão:
 Alegria muy grande foy por certo
 Acharmos ja pessoas que sabião
 Nauegar, porque entrellas e speramos
 De achar nouas algũas, como achamos.

Eethiopes sam todos, mas parece
 Que com gente muihor comunicauão,
 Palaura algũa Arabia se conhece
 Entre a linguaagem /ua que falauão.
 E com pano delgado que se tece
 De algodão, as cabeças apertauão,
 Com outro que de tinta azul se tinge
 Cada hum as vergonhosas partes cinge.

Pella Arabica lingua que mal falão,
 E que Fernão martinz muy bem entende
 Dizem, que por nos, que em grãdeza igoalã
 As nossas, o seu mar se certo & fñde.
 Mas que la donde sae o Sol, se abalão
 Pera onde a costa ao Sul se alarga, & estẽde
 E do Sul pera o Sol, terra onde auia
 Gente assi como nos da cor do dia.

OS LVSIADAS DE L. DE CAI

Muy grandemente aqui nos alegramos
Coa gente, & com as nouas muito mais.
Pellos sinais que neste rio achamos
O nome lhe ficou dos bõs sinais:
Hum padrão nesta terra aleuamos
Que para asfinalir lugares tais
Trazia alguns, o nome tem do bello
Guiador de Tobias a Gabello.

Aqui de limos, cascas & dostrinhos,
Nojosa criaçam das agoas fundas,
Alimpamos as naos, que dos caminhos
Longos do mar, vem fordidas & immundas
Dos hospedes que tinhamos vezinhos
Com mostras apraziveis & jocundas,
Ouuemos sempre o vsado mantimento
Limpos de todo o falso pensamento.

Mas nam foy, da esperança grande & immensa
Que nesta terra ouuemos, limpa & pura
A alegria: mas logo a recompensa
A Ramnusi: com noua desventura:
Assi no ceo sereno se dispensa,
Coesta condiçam pesada & dura
Nacemos, o pesar tera firmeza,
Mas o bem logo muda a natureza:

E foy

CANTO QUINTO. 29

E foy que de doença crua & feya
 A mais que eu nunca vi, desampararão
 Muitos a vila, & ã terra estranha & alheia
 Os ossos pera sempre sepultarão:
 Quem auerá que sem o ver o creya
 Que tam di formemente ali lhe incharão,
 As ginzuias na boca, que crecia
 A carne, & juntamente apodrecia.

Apodrecia cum fetido & bruto
 Cheiro, que o ar vizinho inficionaua,
 Não tinhamos ali medico astuto,
 Sururgião sutil menos se achaua:
 Mas qualquer neste officio pouco instructo
 Pella carne ja podre assi cortaua,
 Como se fora morta, & bem conuinha
 Pois que morto ficaua quem a tinha.

Em fim que nesta incognita espessura
 Deixamos pera sempre os companheiros,
 Que em tal caminho & em tanta desuetura
 Forão sempre com nosco auentureiros
 Quam facil he ao corpo a sepultura
 Quaesquer ondas do mar, quaesquer outeiros
 Estranhos, assi mesmo como aos nossos,
 Receberam de todo o illustre os ossos.

Assi

OS LVSTADAS DE L. DE CA:

Afi que desle portonos partimos
Com maior esperança & mór tristeza,
E pela costa abaixo o mar abrimos
Buscando algum final de mais firmeza:
Na dura Moçambique em fim surgimos,
De cuja falsidade & má vileza
la sejas sabedor, & dos enganos
Dos pouos de Mombaca pouo humanos.

Ate que aqui no teu seguro porto,
Cuja brandura & doce tratamento,
Darà saúde a hum viuo, & vida a hū morto,
Nos trouxe a piedade do alto assento:
Aqui repousou, aqui doce conforto,
Noua quietacam do pensamento
Nos deste, & vès aqui se atente cuniste,
Te contey tudo quanto me pediste.

Iulgas agora Rey se ouue no mundo
Gentes que tais caminhos cometessem?
Crès tu que tanto Eneas & o facundo
Ulisses, pello mundo se estendessem?
Ou sou algum a ver do mar profundo
Por mais versos que delle se screnessem,
Do que eu vi, a poder desforço & de arte
E do que inda ei de ver, a oitana parte?

Esse

Esse que bebo tanto da agoa Aonia
 Sobre quem tem contenda peregrina,
 Entre si, Rodes, Smirna, & Colofonia,
 Atenas, Yos, Argo, & Salamina:
 E soutro que esclarece toda a Ausonia,
 A cuja voz altifona & diuina
 Ouuindo, o patrio Mincio se adormece,
 Mas o Tibre co som se ensoberuece.

Canthem, louuem, & escreuão sempre estremos
 Desses seus Semideoses, & encareção,
 Fingindo Magas, Circes, Polifemos,
 Syrenas que co canto os adormecção:
 Dem lhe mais nauegar à vella & remos
 Os Cicones, & a terra on.le se esquecem
 Os companheiros em gostando o Loto,
 Dem lhe perder nas agoas o Piloto.

Ventos soltos lhe finjão & imaginem
 Dos odres, & Calipsos namoradas,
 Harpias, que o manjar lhe contaminem
 Decer das sombras nuas ja passadas:
 Que por muito & por muito que se afinem
 Nestas Fabulas vaãs tambem sonhadas,
 A verdade que eu conto nua & pura
Vence toda grandiloca e scriptura.

OS LYSTADAS DE L. DE CA.

Da boca do ficundo capitam
Pendendo estauam todos embebidos,
Quando deu fim aa longa narraçam
Dos altos feitos grandes & subidos:
Louua o Rey o sublime coraçam
Dos Reis em tantas gueroas conhecidos,
Da gente louua a antiga fortaleza,
A lealdade danimo & nobreza.

Vay recontando o pouo que se admira
O caso cada qual que mais notou,
Nenhum delles da gente os olhos tira
Que tam longos caminhos rodeou:
Mas ja o mancebo Delio as redeas vira
Que o irmão de Lampecia mal guiou,
Por vir a descansar nos Thetios braços
E el Rey se vay do mar aos nobres paços.

Quam doce he o louuor & a justa gloria
Dos proprios feitos, quando sam soados,
Qualquer nobre trabalha que em memoria
Vença, ou ygoale os grandes ja passados:
As enuejas da illustre & albea historia
Fazem mil vezes feitos sublimados,
Quem valerosas obras exercita
Louuor albeo muito o esperta & encita.

Não

Não tinha em tanto os feitos gloriosos
De Achilles, Alexandro na pelleja,
Quanto de quem o canta, os numerosos
Versos, isso so louua, isso deseja:
Os tropheos de Melciades famosos
Temistocles despertam so de enueja,
E diz, que nada tanto o deleitava
Como a vez que seus feitos celebraua:

Trabalha por mostrar Vasco da Gama
Que essas nauegações que o mundo canta,
Não merecem tamanha gloria & fama:
Como a sua, que o ceo & a terra espanta:
Si mas aquelle Heroe que estima & ama
Com dões, merces, fauores, & honra tanta
A lira Mantuana faz que soe
Eneas, & a Romana gloria voe.

Dà a terra Lusitana Scipiões,
Cesares, Alexandros, & da Augustos,
Mas não lhe dà com tudo aquelles dões
Cuja falta os faz duros & robustos
Oclauio, entre as mayores opressões
Compunha versos doutos & venustos,
Não dirá Fulvia certo que he mentira
Quando a deixana Antonio por Glasira.
Vay

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Vay Cesar sojugando toda França
E as armas não lhe empedem a sciencia,
Mas nũa mão a pena, & noutra a lança
Igoalaua de Cicero a eloquencia:
O que de Scipião se sabe & alcança
He nas comedias grande experiencia,
Lia Alexandro a Homero de maneira
Que sempre se lhe sabe aa cabeceira.

Em fim não ouue forte capitão
Que não fosse tambem douto & sciente,
Da Lacia, Grega, ou Barbara nação
Se nam da Portuguesa tam somente:
Sem vergonha o não digo, que a rezão
Dalgun nam ser por versos excelente,
He não se ver prezado o verso & rima,
Porque quem não sabe arte não na estima:

Por isso & não por falta de natura
Não ha tambem Virgilios nem Homeros,
Nem auerá se este costume dura
Pios Eneas, nem Achiles feros:
Mas o pior de tudo he que a ventura
Tam asperos os fez, & tam Austeros,
Tão rudos, & de ingenho tam remisso
Que a muitos lhe dá pouco, ou nada disso.

Aas

CANTO QUINTO.

96

Aas Musas agardeça o nosso Gama

O muito amor da patria, que as obriga

A dar aos seus na lira nome & fama

De toda a illustre & bellica fadiga:

Que elle, nem quem na estirpe seu se chama,

Caliope nam tem por tam amiga,

Nem as filhas do Tejo, que deixassem.

As tellas douro fino, & que o cantassem.

Porque o amor fraterno & puro gosto

De dar a todo o Lusitano feito

Seu louvor, he somente o pro suposto

Das Tagides gentis, & seu respeito:

Porem nam deixe em fim de ter desposto

Ninguem a grandes obras sempre o peito,

Que por esta, ou por outra qualquer via

Não perdera seu preço & sua valia.

FIM.

Canto Seisto.



A M sabia em que

modo festejasse

O Rey Pagão os fortes nauegan-
tes,

Pera que as amizades alcançasse

Do Rey Christão, das gentes tam possantes:

Pesalhe que tam longe o apousentasse

Das Europeas terras abundantes,

Aventura, que nam no fez vizinho

Donde Hercules ao mar abrio o caminho.

Com jogos, danças, & outras alegrias

A segundo a policia Melindana

Com vsadas & ledas pescarias

Com que a Lageia Antonio alegre & engana

Este famoso Rey todos os dias

Festeja a companhia Lusitana,

Com banquetes, manjares desusados

Com frutas, aues, carnes, & pescados.

Mas

CANTO QUINTO. 227

Mas vendo o Capitão que se detinha
 Ia mais do que deuia, & o fresco vento
 O conuida que parta & tome asinha,
 Os Pilotos da terra & mantimento,
 Não se quer mais deter, que ainda tinha
 Muito pera cortar do falso argento,
 Ia do Pagão benigno se despede
 Que a todos amizade longa pede.

Pedelhe mais, que aquelle porto seja
 Sempre com suas Froas visitado,
 Que nenhum outro bem mayor deseja
 Que dar a tais barões seu reino & estado:
 E que em quanto seu corpo o sprito reja
 Estar à de continuo aparelhado,
 A pôr a vida & reino totalmente
 Por tão bom Rey, por tam sublime gente.

Outras palauras tais lhe respondia
 O Capitão, & logo as vellas dando,
 Pera as terras da Aurora se partia,
 Que tanto tempo ha ja que vay buscando:
 No Piloto que leua nam auia
 Falsidade, mas antes vay mostrando
 A nauégacão certa, & assi caminha
 Ia mais seguro do que dantes vinha.

OS LVSIADAS DE L. DE CA:

As ondas nauegiuam do Oriente
La nos mares da India, & encxergauam
Os salamos do Sol, que nace ardente,
La quasi seus desejos se acabauam:
Mas o mao de Tioneo, que na alma sente
As venturas, que entam se aparelhauam,
Aa gente Lusitana dellas dina,
Arde, morre, blasphema & defatina.

Via estar todo o Ceo determinado
De fazer de Lisboa noua Roma,
Nam no pode estirruar, que destinado
Esta doutro poder que tudo doma,
Do Olimpo dece em fim desespchado,
Nouo remeio em terra busca & toma,
Entra no humilde reino, & vaise da corte
Daquelle a quem o mar cayo em sorte.

No mais interno fundo das profundas
Cauernas altas, onde o mar se esconde,
La donde as ondas saem furibundas,
Quando aas iras do vento o mar responde,
Neptuno mora, & moram as jocundas
Nereidas, & outros Deoses do mar, onde
As agoas e tempo deixam aas cidaes,
Que habitao estas humidas deidades.

Descobre

CANTO SEXTO.

Descobre o fundo nunca descoberto
 As areas ali de prata fina,
 Torres altas se vem no campo aberto
 Da transparente massa cristalina,
 Quanto se chegão mais os olhos perto,
 Tanto menos a vista determina
 Se he crystallo que vê, se diamante.
 Que assi se mostra cl-ro & radiante.

As portas d'ouro fino, & marchetadas
 Do rico aljofiz que nas conchas nasce,
 De esculptura fermosa estão laudadas,
 Na qual do irado Baco a vista paze:
 E vê primeiro em cores variadas
 Do velho Caos a tam confusa face,
 Vem se os quatro elementos trasladados
 Em diuersos officios occupados.

Ali sublime o Fogo estaua encima,
 Que em nebulha materia se sustinha,
 Daqui as causas viuas sempre anima,
 Depois que Prometeo furtado o tinha:
 Logo apos elle leue se sublima
 O inuisibilizar, que mais asinha
 Tomou lugar, & nem por quente, ou frio,
 Algum deixa no mundo estar vazio.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Estaua a terra em montes reuestida
De verdes eruas & aruores floridas,
Dando pasto diuerso & dando vida
Aas alimarias nella produzidas.
A clara forma ali estaua esculpida
Das agoas entre a terra desparzidas,
De pescados cri mto varios modos,
Com seu humor mantendo os corpos todos.

Noutra parte esculpi-la estaua a guerra
Que ouerão os Deoses cõs Gigantes,
Ea Tifeo debaxo da alta ferra
De Etna, que as flamas lanca crepitantes.
Esculpido se vê ferindo a terra
Neptuno, quando as gente ignorantes.
Delle o cunilho ouerão, & a primeira
De Minerva pacifica Oulueira.

Pouca tardança faz Leyeo irado
Na vista destas cousas, me sentrando
Nos paços de Neptuno, que auisado
Da vinda sua, o estaua ja aguardando.
Aas portas o recebe, acompanhado
Das Nymphas, que se estão marauilhando,
De ver que cometendo tãl caminho,
Entre no reino dagoa o Rey do vinho.
O Neptuno

O Neptuno, lhe disse, não te espantes
 De Baco nos teus reinos receberes,
 Porque também cos grandes & possantes
 Mostra a Fortuna injusta seus poderes:
 Manda chamar os Deoses do mar, antes
 Que fale mais, se ouir me o mais quiseres;
 Verão da desventura grandes modos,
 Oução todos o mal que toca a todos.

Iulgando ja Neptuno que seria
 Estranho caso aquelle, logo manda
 Tritão, que chame os Deoses da agoa fria,
 Que o mar habitão dhũa & doutra banda,
 Tritão, que de ser filho se gloria
 Do Rey, & de Salacia veneranda,
 Era mancebo grande, negro & feyo
 Trombeta de seu pay, & seu correyo.

Os cabellos da barba, & os que decem
 Da cabeça nos ombros, todos erão,
 Hũs limos prenhes dagoa, & bem parecem
 Que nunca brando pentem conhecerão:
 Nas pontas pendurados nam falecem
 Os negros misilhões, que ali se gerão,
 Na cabeça por gorra tinha posta
 Hũa muy grande casca de Lagosta.

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

O corpo nũ, & os membros genitais
Por não ter ao nadar impedimento,
Mas porem de pequenos animais
Do mar, todos cubertos cento & cento:
Camarões, & Cangrejos, & outros mais
Que recebem de Phebo crescimento,
Ostras, & Camarões do musco sujos,
As costas coa casca os Caramujos.

Na mão a grande Concha retorcida
Que trazia, com força ja tocava
A voz grande canora foy ouvida
Por todo o mar, que longe retumbava:
Ia toda a companhia apercebida
Dos Deoses, pera os paços caminhava
Do Deos, que fez os muros de Dardania,
Destroidos despois da Grega insania.

Vinha o padre Oceano acompanhado
Dos filhos & das filhas que gerara,
Vem Nereo, que com Doris foy casado,
Que todo o mar de Nimplas pouoara:
O Propheta Proteo, deixando o gado
Maritimo pacer pella agoa amara,
Ali veyo tombem, mas ja subia
O que o padre Lyeo no mar queria:

Vinha

Vinha por outra parte a linda esposa
De Neptuno, de Celo & Vesta filha
Graue, & leda no gesto, & tam fermosa
Que se amansaua o mar de maravilha:
Vestida hũa camisa preciosa
Trazia de delgada beatilha,
Que o corpo cristalino deixa ver-se,
Que tanto bem não he pera esconder-se.

Anfitrite fermosa como as flores,
Neste caso nam quis que falecesse,
O Delfim traz consigo, que aos amores
Do Rey lhe aconselhou que obedecesse:
Cos olhos que de tudo sam senhores
qualquer parecerá que o Sol venceesse,
Ambas vem pella mão, ygoal partido
Pois ambas sam esposas dhum marido.

Aquella que das furias de Atamante
Fugindo, veyo a ter diuino estado,
Consigo traz o filho, bello Infante,
No numero dos Deoses relatado:
Pella praya brincando vem diante
Com as lindas conchinhas, que o salgado
Mar sempre cria, & aas vezes pela areia
No colo o toma a bella Panopea.

OS LVSIADAS DE L. DE CA:

E o Deos que foy num tempo corpo humano,
E por virtude da erua poderosa
Foy conuertido em pexe, & deste dano
Lhe resultou deidade gloriosa,
Inda vinha chorando o feio engano,
Que Circos tinha vsado cõa fermosa
Scylla, que elle ama, desta sendo amado
Que a mais obriga amor mal empregado.

Ja finalmente todos assentados
Na grande sala nobre & diuinal,
As Deosas em riquissimos estrados,
Os Deoses em cadeiras de cristal:
Forão todos do Padre agasalhados,
Que co Thebano tinha assento ygoal:
De fumos enche a casa a rica massa
Que no mar nace, & Arabia e cheiro passa.

Estando sossegado ja o tumulto
Dos Deoses, & de seus recebimentos,
Começa a descobrir do peito occulto,
A causa o Tyoneo de seus tormentos:
Hum pouco carregando se no vulto,
Dando mostra de grandes sentimentos,
So por dar aos de Luso triste morte
Coferro alheyo, fala desta sorte.

Princepe

Princepe que de juro senboreas

Dhum Polo ao outro Polo o már irado,

Tu que as gentes da terra toda enfreas,

Que nam passem o termo limitado:

E tu padre Oceano, que rodeas

O mundo vniuersal, & o tens cercado:

E com justo decreto assi permites,

Que dentro viuão so de seus limites.

E vos Deoses do mar, que nam soffreis

Injuria algũa em vosso reino grande,

Que com castigo ygoal vos não vingueis,

De quem quer que por elle corra, & ande:

Que descuido foy este em que viueis?

Quem pode ser que tanto vos abrande,

Os peitos, com razão endurecidos

Contra os humanos fracos & atreuidos?

Vistes que com grandissima ousadia

Foram ja cometer o Ceo supremo,

Vistes aquella insana fantasia

De tentarem o mar com vella & remo:

Vistes, & ainda vemos cada dia,

Soberbas & insolencias tais, que temo

Que do mar & do Ceo em poucos anos,

Venhão Deoses a ser, & nos humanos.

Vedes

OS LYSIADAS DE L. DE CA.

Vedes agora a fraca geração
Que dhum vassallo meu o nome toma,
Com soberbo, & altino coração,
A vos, & a mi, & o mundo todo doma:
Vedes o vosso mar cortando vão
Mais do que fez a gente alta de Roma,
Vedes o vosso reino deusando
Os vossos estatutos vão quebrando.

Eu vi que contra os Mynias, que primeiro
No vosso reino este caminho abrirão,
Boreas injuriado, & o companheiro
Aquilo, & os outros todos resistirão:
Pois se do ajuntamento aventureiro
Os ventos esta injuria assi sentirão
Vos a quem mais compete esta vingança,
que esperais, porque a pondeis em tardança?

E nam consinto Deoses que cuideis
Que por amor de vos do ceo deci,
Nem da magoa da injuria que sofreis,
Mas da que seme faz tambem a mi:
Que aquellas grandes honras, que sabeis
que no mundo ganhey, quando venci
As terras Indianas do Oriente,
Todas vejo abatidas desta gente.

que

CANTO SEXTO: 163

Que o gram Senhor & fados que destinão,
 Como lhe bem parece, o baixo mundo,
 Famas mores que nunca determinão
 De dar a estes barões no mar profundo:
 Aqui vereis o Deoses como insinão
 O mal também a Deoses: que a segundo
 Se ve, ninguém já tem menos valia
 que quem com mais razão valer denia.

E por isso do Olimpo já fugi,
 Buscando algum remedio a meus pesares,
 Por ver o preço, que no Ceo perdi,
 Se por dita acharey nos vossos mares:
 Mais que dizer, & nam passou daqui,
 Porque as lagrimas já correndo a pares
 Lhe saltarão dos olhos, com que logo
 Se acendem as Deidades dagoa em fogo.

A Ira com que subito alterado
 O coraçam dos Deoses foy nuu ponto,
 Não soffreo mais conselbo bem cuidado,
 Nem dilação, nem outro algum desconto:
 Ao grande Eolo mandão já recado
 Da parte de Neptuno, que sem conto
 Solte as furias dos ventos repugnantes,
 Que nam aja no mar mais navegantes.

Bem

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Bem quísera primeiro ali *Protheo*
Dizer neste negocio o que sentia,
E segundo o que a todos pareceo
Era algũa profunda prophecia:
Porem tanto o tumulto se moueo
Subito na diuina companhia,
Que *Thetis* indinada lhe bradou,
Neptuno sabe bem o que mandou.

la la o soberbo *Hypotades* soltaua
Do carcere fechado os furiosos
Ventos, que com palauras animaua,
Contra os varões audaces & animosos:
Subito o ceo sereno se obumbrava,
Que os ventos mais que nunca impetuosos
Começão nouas forças a yr tomando,
Torres, montes & casas derribando.

Em quanto este conselho se fazia
No fundo aquoso, a leda lassa *Frota*
Com vento sossegado proségua
Pello tranquillo mar, a longa rota:
Era no tempo quando a luz do dia
Do *Eolo Emisperio* está remota,
Os do quarto da prima se deitauão
Perá o segundo os outros despertauão.
Vencidos

Vencidos vem do sono, & mal despertos
Bocijando a miude se encoftauam,
Pellas antenas, todos mal cubertos,
Contra os agudos ares que affopravam:
Os olhos contra feu querer abertos
Mas eftregando os membros eftirauam,
Remedios contra o fono buscar querem,
Historias contão, cafos mil referem.

Com que milhor podemos, hum dizia,
Este tempo passar, que he tam peſado,
Se não com algum conto de alegria
Com que nos deixe o fono carregado?
Refponde Lionardo, que trazia
Pensamentos de firme namorado,
Que contos poderemos ter milhores
Pera passar o tempo, que de amores?

Não he, diſſe Velloſo, couſa juſta
Tratar branduras em tanta aſpereza,
Que o trabalho do mar, que tanto cuſta,
Nam foſſe amores, nem delicadeza:
Antes de guerra feruida & robusta
A noſſa historia ſeja, pois dureza
Noſſa vida ha de ſer, ſegundo entendo
Que o trabalho por vir mo eſtã diſcendo.
Consente

' OS LVSIADAS DE L. DE CAI

Consentem niſto todos, & encomendam
A Veloso que conte iſto que aproua,
Contarey diſſe, ſem que me reprehendam
De contar couſa fabuloſa, ou noua:
E porque os que me ouuirem daqui apredão
A fazer feitos grandes de alta proua,
Dos nacidos direy na noſſa terra,
E eſtes ſejam os doze de Inglaterra.

No tempo que do reino a redea leue
Ioão filho de Pedro moderaua,
Deſpois que ſoſsegado & liure o teue
Do vizinho poder que o molliſtara;
La na grande Inglaterra, que da nueſ
Boreal ſempre abunda, ſen eua
A fera Erinis dura & mã cizania,
Que luſtre foſſe a noſſa Luſitania.

Entre as damas gentis da corte Ingleſa,
Enobres corteſãos, a caſo hum dia
Se leuantou diſcordia em ira acieſa,
Ou foy opiniao, ou foy porfia:
Os Corteſãos a quem tam pouco peſa
Solitar palauras graues de onſadia
Dizem que prouaram, que honras & ſamas
Em tais damas não ha, pera ſer damas.
E que

E que se ouuer alguem com lança & espada
Que queira sustentar a parte sua,
Que elles em campo raso, ou estacada
Lhe daram fea infamia, ou morte crua:
A feminil fraqueza pouco usada
Ou nunca a oprobrios tais, vendo se nua
De forças naturais conuenientes
Socorro pede a amigos & parentes.

Mas como fossem grandes & possantes
No reino os inimigos, nam se atreuem
Nem parentes, nem feruidos amantes
A sustentar as damas, como deuem:
Com lagrimas fermosas & bastantes
A fazer que em socorro os Deoses leuem
De todo o Ceo, por rostos de alabastro
Se vão todas ao Duque de Alencastro:

Era este Ingres potente, & militara
Cos Portugueses ja contra Castella,
Onde as forças magnanimas prouara
Dos companheiros, & benigna estrellas:
Não menos nesta terra esprimentara
Namorados affeitos, quando nella
A filha vio, que tanto o peito doma
Do forte Rey, que por mulher a toma.
Este

OS LVSIADAS DE L. DE CA:

Este que socorrer lhe nam queria,
Por nam causar discordias intestinas
Lhe diz, quando o direito pretendia
Do reino la das terras lberinas,
Nos Lusitanos vi tanta ousadia,
Tanto primor, & partes tam diuinas,
Que elles sos poderião, se nam erro
Sustentar vossa parte a fogo & ferro.

E se agrauadas damas sois seruídas,
Por vos lhe mandarey embaixadores,
Que por cartas discretas & polidas,
De vosso agrauo os façam sabedores.
Tambem por vossa parte encarecidas
Com palauras das agos & damores,
Lhe sejam vossas lagrimas, que eu creyo
Que ali terees socorro & forte esteyo.

Destarte as aconselha o Duque experto,
E logo lhe nomea doze fortes,
E porque cada dama bum tenha certo,
Lhe manda que sobrelles lancem sortes,
Que ellas so doze sam: & descuberto
Qual a qual tem caído das consortes,
Cadhũa escreue ao seu por varios modos,
E todas a seu Rey, & o Duque a todos.

Ia chega a Portugal o mensageiro,
Toda a corte aluoroca a novidade,
Quiseram o Rey sublime ser primeiro,
Mas não lho soffre a Regia Magestade:
qualquer dos cortezaõs aventureiro
(Deseja ser, com fervida vontade,
E so fica por bemaumenturado,
Quem ja vem pello Duque nomeado.

Lana leal cidade, donde teue
Origem (como he fama) o nome eterno
De Portugal, armar madeiro leue
Manda o que tem o leme do gouerno:
Apercebem se os d-ze em tempo breue
Darmas, & roupas de vso mais moderno
De elmos, cimeiras, letras & primores,
Caualos, & concertos de mil cores.

Ia do seu Rey tomado tem licença
Pera partir do Douro celebrado,
Aquelles, que escolhidos por sentença
Foram do Duque Ingres esperimentado:
Não ha na companhia differença
De caualleiro, de siro, ou esforçado:
Mas hum so, que Magno se dizia,
Destarte falla aa forte companhia.

Fortísimos confócios, eu de sejo
 A muito ja de andar terras eſtranhas,
 Por ver mais agoas, q̃ as do Douro & Tejo,
 Varias gentes, & leis, & varias manhas:
 Agora que aparelho certo vejo,
 (Pois que do mūdo as couſas ſam tamanhas)
 Quero ſe me deixais, ir ſo por terra,
 Por que eu ſerey comoſco em Ingraterra.

E quando caſo for, que eu impedido
 Por quem das couſas he vltima linhã,
 Não for com voſco ao prazo inſtituido
 Pouca falta vos faz a falta minha:
 Todos por my fareis o que he diuido:
 Mas ſe a verdade o ſpirito me adiunha,
 Rios, montes, fortuna, ou ſua enueja,
 Nam faram que eu com voſco la nam ſeja.

Aſi diz, & abraçados os amigos,
 E tomada licença, em fim ſe parte,
 Paſſa Lião, Caſtella vendo antigos
 Lugares, que ganhara o patrio Marte:
 Nauarra, cos altiſſimos perigos
 Do Perineo, que Eſpanha & Galia parte:
 Viſtas em fim de França as couſas grandes,
 No grande emperio foy parar de Frandes.

Ali chegado, ou fosse caso, ou manha,
Sem passar se deteu muitos dias,
Mas dos onze a illustrissima companhia
Cortão do mar do Norte as ondas frias:
Chegados de Ingraterra aa costa estranha,
Pera Londres ja fazem todos vias,
Do Duque sam com festa agasalhados,
E das damas servidos & animados,

Chegase o prazo, & dia asbinalado,
De entrar em campo ja cos doze Ingrefes,
Que pello Rey ja tinham segurado,
Armanse delmos, greuas, & de arneses:
Ia as damas tem por si fulgente & armado
O Mauorte feroz dos Portuguezes,
Vestem se ellas de cores & de sedas
De ouro, & de joyas mil, ricas & ledas,

Mas aquella, a quem fora em sorte dado
Magrico, que não vinha, com tristeza
Se veste, por nam ter quem nomeado
Seja seu caualleiro, nesta empresa:
Bem que os onze apreção, que acabado
Será o negocio. f. na corte Ingresa,
Que as damas vencedoras se contetam
Posão que dons & tres aos seus falleção.

OS LIVSIADAS DE L. DE CA:

la num sublime & pubrico theatro
Se assenta o Rey Ingres com toda a corte,
Estauão tres & tres, & quatro & quatro,
Bem como a cada qual cabe em sorte:
Nam sam vistos do Soldo Tejo ao Brato,
De força, esforço, & d'animio mais forte,
Outros doze sair como os Ingreses
No campo, contra os onze Portugueses.

Maelligão os caualos escumando
Os aureos freos, com feroz semblante,
Estaua o Sol nas armas rutilando
Como em cristal, ou rigido diamante:
Mas enxergase num & noutro bando
Partido desigual & dissonante
Dos onze contra os doze: quando a gente
Começa a aluoroçar se ger almente.

Viram todos o rosto aonde auia
A causa principal do rebolico,
Eis entra hum caualleiro, que trazia
Armas, cauallo, ao bellico seruiço:
Ao Rey & aas damas fala, & logo se hia
Tera os onze, que este era o gram Magrico
Abraça os companheiros como amigos,
A quem nam falta certo nos perigos.

A dama

A dama como ouso, que este era aquelle
Que vinha a defender seu nome & fama
Se alegre & veste ali do animal de Hele
Que a gente bruta mais que virtude ama:
la dão sinal & o som da tuba impelle
Os belicosos animos que inflama
Picão de esporas largam redeas logo
Abaixão lanças, fere a terra fogo.

Dos caualos o estrepito parece
que faz, que o chão debaixo todo treme,
O coração no peito, que estremece
De quem os olha, se aluoroça, & teme
qual do caualo voa, que nam dece,
qual co caualo em terra dando, geme,
qual vermelhas as armas faz de brancas,
qual cos penachos do elmo acouta as ancas.

Algun dali tomou perpetuo sono,
E fez da vida ao fim breue interualo,
Correndo algum cauallo vay sem dono,
E noutra parte o dono sem caualo:
Cae a soberba Ingreja de seu trono,
Que dous ou tres ja fora vão do valo,
Os que de espada vem fazer batalha,
Mais achão ja que arnes, escudo & malha.

De LVSIADAS DE L. DE CA

Gastar paluras em contar estremos
De golpes feros, cruas estocadas,
He desses gastadores, que sabemos
Maos do tempo, com fabulas fenhadas:
Basta por fim do caso, que entendemos
Que com finezas altas & affamadas,
Cos nossos fica a palma da victoria,
Eas damas vencedoras, & com gloria.

Recolhe o Duque os doze vencedores
Nos seus paços, com festas & alegria,
Cozinheiros occupa, & caçadores
Das damas a fermosa companhia,
Que querem dar aos seus libertadores:
Banquetes mil, cada hora, & cada dia,
Enquanto se detem em Ingraterra,
Até tornar aa doce & chara terra.

Mas dizem que com tudo o gram Magriça
De sejo de ver as coisas grandes,
La se deixou ficar, onde hum seruiço
N tavelaa condeessa fez de Frandes:
E como quem nã era ja nã uiço
En todo trance, onde tu Marte mandes,
Hum Frances mata em campo, que o destino
Lateue de Trocato & de Coruino.

Outra

CANTO SEXTO.

119

Outro tambem dos doze em Alemanha
Se lança, & teue hum fero desafio
Cum Germano enganoso, que com manha
Nam diuida o quis pôr no estremo fio:
Contando assi Velofo, ja a companha
Lhe pede, que nam faça tal desuio
Do caso de Magrico, & vencimento
Nem deixe o de Alemanha em esquecimento.

Mas neste passo assi promptos estando,
Eis o mestre, que olhando os ares anda,
O apito toca, acordam despertando
Os marinheiros d'ũa & doutra banda:
E porque o vento vinha refrescando,
Os traquetes das gaueas tomar manda,
Alerta, disse, estay, que o vento cresce
Daquella nuuem negra que aparece.

Não eram os traquetes bem tomados,
Quando dà a grande & subita procella,
Amaina, disse o mestre a grandes brados
Amaina, disse, amaina a grande vella,
Não esperam os ventos indinados
Que amainassem, mas juntos dando nella
Em pedaços a fazem, cum ruido
Que o mundo pareceo ser destruydo.

OS LVSIADAS DE L. DE CA:

O ceo fere com gritos nisto a gente,
Cum subito temor, & desacordo,
Que no romper da vela a Nao pendente
Toma gram suma dagoa pello bordo,
Alija disse o mestre, ryamente,
Alija tudo ao mar, nam falte acordo,
Vão outros dar a bomba nam cessando,
Aa bomba que nos imos alagando.

Correm logo os soldados animosos
A dar aa bomba, & tanto que chegaram,
Os balanços, que os mares temerosos
Derão aa Nao, num bordo os derribaram:
Tres marinheiros duros, & forçosos,
A menear o leme nam bastaram,
Talhas lhe punhão dhũa & doutra parte
Se aproueitar dos homẽs força & arte.

Os ventos eram tais, que nam poderam
Mostrar mais força dimpeto cruel,
Se pera derribar entam vieram
A fortissima torre de Babel.
Nos altissimos mares, que cresceram,
A pequena grandura dhum batel,
Mostra a possante nao, que moue espanto
Vendo que se sostem nas ondas tanto.

A nao

CANTO SEXTO. 109

A nao grande, em que vay Paulo da Gama,
 Quebrado leua o masto pello meyo,
 Quasi toda alagada: a gente chama
 Aquelle que a saluar o mundo veyo:
 Não menos gritos vãos ao ar derrama
 Toda a Nao de Coelho, com receyo,
 Com quanto teue o mestre tanto tento
 Que primeiro amainou que desse o vento.

Agora sobre as nuuens os subião
 As ondas de Neptuno furibundo,
 Agora a ver parece que decião
 As intimas entranhas do profundo:
 Noto, Austro, Boreas, Aquilo querião
 Arruinar a machina do mundo,
 A noite negra & feya se alumia,
 Cos rayos, em que o Polo todo ardia.

As Alcioneas aues triste cãto
 Junto da costa braua leuantarão,
 Lembrandose de seu passado pranto,
 Que as furiosas agoas lhe causarão:
 Os Delfins namorados entre tanto
 La nas couas maritimas entrarão,
 Fugindo aa tempestade, & ventos duros
 Que nem no fundo os deixa estar seguros.
 Nunca

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Nunca tam viuos rayos fabricou
Contra a fera soberba dos Gigantes,
O gram ferreiro sordido, que obrou
Do enteado as armas radiantes:
Nem tanto o gram Tonante arremessou
Relampados ao mundo fulminantes,
No gram diluio, donae sós viueram
Os dous que em gente as pedras conuerteram.

Quantos montes entam, que derribaram
As ondas que batião denodadas,
Quantas arvores velhas arrancarã
Do vento brauo as furias indinadas:
As forçosas raizes nam cuidaram
Que nunca pera o ceo fossem viradas,
Nem as fundas arêas que podessem
Tanto os mares que encima as reuoluessem.

Vendo Vasco da Gama que tam perto
Do fim de seu desejo se perdia,
Vendo ora o mar ate o inferno aberto,
Ora com noua furia ao ceo subia,
Confuso de temer, da vida incerto,
Onde nenhum remedio lhe valia,
Chama aquelle remedio sancto & forte
Que o impossibil pode, desta sorte.

Diuina

Diuina guarda, angelica, celeste,
Que os ceos, o mar & terra senhoreas,
Tu que a todo Israel fugio deste
Por metade das agoas Eritreas:
Tu que liuraste Paulo & defendeste
Das Syrtes arenosas & ondas feas,
E guardaile cos filhos o segundo
Povoador do alagado & vacuo mundo.

Se tenho nouos medos perigosos,
Doutro Scylla & Caribdis ja passados,
Outras Syrtes, & baixos arenosos,
Outros Aroceraunios infamados,
No fim de tantos cosos trabalhosos,
Porque somos de ti desemparados,
Se este nosso trabalho nam te offende,
Mas antes teu seruico so pretende?

O ditosos aquelles que puderam
Entre as agudas lanças Affricanas
Morrer, em quanto fortes sostineram
A sancta Fe, nas terras Mauritanas,
De quem feitos illustres se soberam,
De quem ficam memorias soberanas,
De quem se ganha a vida com perdella,
Doce fazendo a morte as honras della.

Assi

OS LUSIADAS DE L. DE CAI

Aſi dizendo os ventos que lutauão,
Como touros indomitos bramando,
Mais & mais atormenta acrecentauão,
Pella miuda enxarcia aſſuuiando:
Relampados medonhos nam ceſſauão,
Feros trouões que vem representando
Cair o ceo dos exos ſobre a terra,
Conſigo os elementos terem guerra.

Mas ja a amorosa ſtrela ſcintilaua
Diante do Sol claro, no Orizonte
Mensageira do dia, & visitaua
A terra, & o largo mar, com ledã fronte:
A deoſa que nos ceos a gouernaua,
De quem foge o enſifero Oriente,
Tanto que o mar, & a chara armada vira,
Tocada junto foy de medo, & de ira.

Eſtas obras de Baco ſam por certo,
Diſſe, mas nam ſera, que auante leue
Tã danada tençam, que deſcuberto
Me ſera ſempre o mal a que ſe atrene,
Iſto dizendo, dece ao mar aberto,
No caminho gaſtando eſpaço breue,
Em quanto manda as nimphas amorofas
Grinaldas nas cabeças por de roſas.

Grinaldas

Grinaldas manda pôr de varias cores
Sobre cabellos louros a porfia,
Quem nam dirá, que nace roxas flores
Sobre ouro natural, que amor infia:
Abrandar determina por amores
Dos ventos a nojosa companhia,
Mostran tolhe as anadas Nymphas bellas,
Que mais fermosas vinham que as estrellas.

Assi foy, porque tanto que chegaram
A vista dellas, logo lhe falecem
As forças com que dantes pellejaram,
E ja como rendidos lhe obedecem:
Os pès e mãos, parece, que lhe atarant
Os cabellos que os raios escurecem,
A Boreas, que do peito mais quera,
Assi disse a bellissima Oritia.

Não creas, fero Boreas, que te creyo
Que me tiueste nunca amor constante,
Que brandura he de amor mais certo arreyo,
E nam conuem furor a firme amante:
Se ja nam pões a tanta insania freyo,
Não esperes de my daqui em diante,
Que possa mais amir e, mas temer te,
Que amor contigo, em medo se conuerte.

Assi

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Assimesmo a fermosa Galatea

Dizia ao fero Noto, que bem sabe
Que dias ha que em vella se recrea,
E bem crê que com elle tudo acabe,
Não sabe o brauo tanto bem-se o crea,
Que o coraçam no peito lhe não cabe,
De contente de ver que a dama o manda,
Pouco cuida que faz se logo abranda.

Desta maneira as outras amansauam
Subitamente os outros amadores,
E logo aa linda Venus se entregauam,
Amanfadas as iras & os furores,
Ella lhe prometeo vendo que amauam
Sempiterno fauor em seus amores,
Nas bellas mãos tomandolhe omenagens
De lhe serem leais esta viagem.

Ia a manham clara daua nos outeiros,
Por onde o Ganges murmurando soa,
Quando da celsa gauea os marinheiros
Enxergarão terra alta pella proa,
Ia fora de tormenta, & dos primeiros
Mares, o temor vão do peito voa,
Disse alegre o Piloto Melindano,
Terra he de Lalecu, se não me engano.

Esta

Esta he por certo a terra que buscais
Da verdadeira India, que aparece:
E se do mundo mais não desejaes,
Vosso trabalho longo aqui fenece:
Soffrer aqui nam pode o Gama mais,
De ledo em ver que a terra se conhece,
Os geolhos no chão, as mãos ao ceo
A merce grande a Deos agradeceo.

As graças a Deos daua, & razam tinha
Que nam samente a terra lhe mostraua,
Que com tanto temor buscando vinha
Porquem tanto trabalho esprimentaua,
Mas via se liurado tam asinha
Da morte, que no mar lhe aparelhaua
O vento duro, feruido, & medonho,
Como quem despertou de horrendo sonho.

Por meyo destes horridos perigos
Destes trabalhos graues & temores
Alcançãõ os que sam de fama amigos
As honras immortais, & graos mayores:
Nam encostados sempre nos antigos
Troncos nobres de seus antecessores,
Nam nos leitos dourados, entre os finos
Animais de Moscouia Zebellinos.

Não

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Não cos manjares novos & exquisitos,
Não cos passeos molles & ouciosos,
Não cos varios deleites & infinitos
Que afeminão os peitos generosos:
Não cos nunca vencidos apetitos
Que a Fortuna tem sempre tão mimosos,
Que nam soffre a nenhum que o passo mude
Pera algũa obra heroica de virtude.

Mas com buscar co seu forçoso braço
As honras, que elle chame proprias suas,
Vigiando, & vestindo o forjado aço
Soffrendo tempestades & ondas cruas:
Vencendo os torpes frios no regaço
Do Sul, & regiões de abrigo nuas,
Engulindo o corrupto mantimento
Temperado com hum arduo sofrimento.

E com forçar o rosto que se enfia,
A parecer seguro ledo, inteiro,
Pera o pilouro ardente, que assueia
E leua a perna, ou braço ao companheiro:
Destarte o peito hum calo honroso cria
Desprezador das honras, & dinheiro
Das honras, & dinheiro, que a ventura
Forjou, & não virtude justa & dura.
Destarte

Destarte se esclarece o entendimento,
 Que experiencias fazem repousado,
 E fica vendo, como de alto assento
 O baixo tracto humano embaraçado,
 Este onde tiuer força o regimento
 Direito, & nam de affeitos occupado,
 Subirá(como deue) a illustre mando,
 Contra vontade sua, & nam rogando.

F I M.

Canto Septimo.



A se viã chegado

junto aa terra,
 Que desejada ja de tantos for.
 Que entre ascorrentes Indicas se
 encerra,

E o Ganges, que no ceo terreno mora:
 Ora sus gente forte que na guerra
 Quereis leuar a palma vencedora,
 Ia sois chegados, ja tendes diante
 A terra de riquezas abundante.

P

A vos

OS LUSIADAS DE L. DE CA:

A vos, ò geraçam de Luso digo,
Que tam pequena parte sois no mundo:
Nam digo inda no mundo, mas no amigo
Cural de quem gouerna o ceo rotundo:
Vos, a quem nam sonente algum perigo
Estorua conquistar o pouo immundo:
Mas nem cobiça, ou pouca obediencia
Da Madre, que nos ceos está em essencia.

Vos Portuguezes poucos, quanto fortes,
Que o fraco poder vosso nam pesais,
Vos que aa custa de vossas varias mortes
A lei da vida eterna dilatais:
Assi do ceo deitadas sam as sortes,
Que vos por muito poucos que sejaís,
Muito fazeis na sancta Christandade:
Que tanto, ò Christo exaltas a humildade.

Vedelos Alemães, soberbo gado,
Que por tam largos campos se apacenta,
Do successor de Pedro rebelado,
Nouo pastor, & noua ceita inuenta:
Vedelo em feas guerras occupado,
Que inda co cego error se nam contenta,
Nam contra o superbissimo Otomano:
Mas por fair do jugo soberano.

Vedelo

Vedelo duro Ingres, que se nomea
Rei da velha & sanctissima cidade,
Que o torpe Ismaelita senhorea,
(Quem vio honra tam longe da verdade)
Entre as Boreais neuës se recrea,
Nova maneira faz de Christ andade,
Pera os de Christo tem a espada nua,
Não por tomar a terra que era sua:

Guardalhe por entanto hum falso Rei,
A cidade Hierosolima terrestre,
Em quanto elle nam guarda a sancta lei,
Da cidade Hieroselima celeste:
Pois de ti Gallo indigno que direy?
Que o nome Christianissimo quiseſte,
Nam pera defendelo, nem guardalo,
Mas pera fer contra elle, & derribalo:

Achas que tẽs direito em senhorios
De Christãos, sendo o teu tam largo & tãto
E nam contra o Cynifio & Nilo rios
Inimigos do antigo nome sancto,
Ali se ande prouar da espada os fios,
Em quem quer reprovuar da Igreja o canto,
De Carlos, de Luis, o nome & a terra
Erdaſte, & as causas nam da justa guerra?

OS LUSIADAS DE L. DE CA:

Pois que direy daquelles que em delicias,
Que o vil ocio no mundo traz consigo,
Gastão as vidas; logrão as diuicias,
Esquecidos de seu valor antigo:
Nascem da tyrania inimicicias,
Que o pouo forte tem de si inimigo,
Contigo Italia fallo, ja sumersa
Em vicios mil, & de ti mesma aduersa.

O miseros Christãos, pola ventura
Sois os dentes de Cadmo de sparzidos,
Que hũs aos outros se dão aa morte dura,
Sendo todos de hum ventre produzidos?
Nam vedes a diuina sepultura
Possuida de cães, que sempre vnidos
Vos vem tomar a vossa antiga terra,
Fazendose famosos pola guerra?

Vedes que tem por vso & por decreto,
Do qual sam tam inteiros obseruantes,
Ajuntarem o exercito inquieto,
Contra os pouos, que sam de Christo amantes:
Entre vos nunca deixa a fera Aleto
De sarnear cizanias repugnantes,
Olhay festsais seguros de perigos,
Que elles & vos, sois vossos inimigos.
Se cobiga

CANTO SEPTIMO: 117

Se cobica de grandes senhorios
 Vos faz yr conquistar terras alheas,
 Nam vedes que Paclolo & Hermorios,
 Ambos voluem auríferas areas,
 Em Lidia, Affria laurão de ouro os fios,
 Affrica esconde em si luzentes veas,
 Mouauos ja se quer riqueza tanta,
 Pois mouer vos não pode a casa Sancta.

Aquellas inuenções feras & nouas,
 De instrumentos mortais da artelharía,
 Ia deuem de fazer as duras prouas,
 Nos muros de Bizancio, & de Turquia:
 Fazei que torne la aas siluestres couas,
 Dos Caspios montes, & da Citia fria,
 A Turca geraçam, que multiplica
 Na policia da vossa Europa rica.

Gregos, Traces, Armenios, Georgianos
 Bradando vos estão, que o pouo bruto
 Lhe obriga os caros filhos aos profanos
 Preceptos do alcorã: (duro tributo)
 Em castigar os feitos inhumanos
 Vos gloriay de peito forte, & astuto,
 E não queirais lououres arrogantes,
 De serdes contra os vossos muy possantes,

OS LUSIADAS DE L. DE CÆ

Mas em tantos que cegos, & sedentos
Andais de vosso sangue, o gente insana,
Nam faltar um Christão atreuimentos
Nesta pequena casa Lusitana
De Affrica tem maritimos assentos,
He na Asia mais que todas soberana,
Na quarta parte noua os campos ara,
E se mais mundo ouuera la chegára.

E vemos em tanto que acontece
A aquelles tam famosos nauegantes,
Despois que a branda Venus enfraquece
O furor vão dos ventos repugnantes:
Despois que a larga terra lhe aparece,
Fim de suas perfiás tam constantes,
Onde vem semente de Christo a ley,
E dar nouo costume, & nouo Rei.

Tanto que a noua terra se chegaram,
Leues embarcações de pescadores
Acharam, que o caminho lhe mostraram
De Calecu onde eram moradores:
Pera la logo as proas se inclinaram,
Porque esta era a cidade das milhores
Do Malabar milhor, onde viuia
O Rei que a terra toda possuia.

CANTO SETIMO: 118

Alem do Indo jaz, e àquem do Gange,
 Hum terreno muy grande, e assaz famoso
 Que pela parte Austral o mar abrange,
 E pera o Norte o Emodio cauernoso.
 Iugo de Reis diuersos o constrange
 A varias leis: algũs o vicioso
 Mahoma, algũs os Idolos adoram,
 Algũs os animais, que entre elles moram;

La bem no grande monte, que cortando
 Tam larga terra, toda Asia discorre,
 Que nomes tam diuersos vai tomando,
 Segundo as regiões por onde corre,
 As fontes saem, donde vem manando
 Os rios, cuja gram corrente morre
 No mar Indico, e cercão todo o peso
 Do terreno, fazendo o Chersoneso.

Entre hum e o outro rio: em grande espaço
 Say da larga terra hũa longa ponta
 Quasi piramidal, que no regão
 Do mar com Ceilão i fula confronta,
 E junto donde nasce o largo braço
 Gangetico, o rumor antigo conta:
 Que os vizinhos da terra moradores
 Do cheiro se mantem das finas flores.

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Mas agora de nomes, & de vfança,
Nouos & varios sam os habitantes:
Os Delys, os Patanes, que em possança
De terra, & gente, sam mais abundantes,
Decanis, Oriás, que a esperança
Tem de sua saluacão nas resonantes
Agoas do Gange, & a terra do Bengala
Fertil de sorte que outra nam lhe igoala:

O Reino de Cambaia belicoso
(Dizem que foy de Poro Rei potente)
O Reino de Narsinga poderoso,
Mais de ouro & pedras, que de forte gente:
Aqui se enxerga la do mar vndoso
Hum monte alto, que corre longamente,
Seruindo ao Malabar de forte muro,
Com que do Canará viue seguro.

Da terra os naturais lhe chamão Gate,
Do pé do qual pequena quantidade
So estende hũa fralda estreita, que cõbate
Do mar a natural ferocidade:
Aqui de outras cidades sem debate,
Calecu tem a illustre dignidade,
De cabeça de Imperio rica, & bella,
Samorim se intitula o senhor del'a.

Chegada

Chegada a frota ao rico senhorio,
 Hum Portugues mandado logo parte,
 A fazer sabedor o Rei gentio
 Da vind. sua a tam remota parte:
 Entrando o mensageiro pelo Rio,
 Que ali nas ondas entra, a não vista arte
 A cor, o gesto estranho, o traje nouo
 Fez concorrer a vello todo o pouo.

Entre a gente que a vello concorria,
 Se chega hum Mahometa, que nascido
 Fora na região da Berberia,
 La onde fora Anteo obedecido:
 Ou pela vezinhança ja teria
 O Reino Lusitano conhecido,
 Ou foy ja asmalado de seu ferro,
 Fortuna o trouxe a tam longo de ferro.

Em vendo o mensageiro com jocundo
 Rosto, como quem sabe a lingua Hispana
 Lhe disse, quem te trouxe a estoutro mundo,
 Tam longe da tua patria Lusitana?
 Abrindo lhe responde o mar profundo,
 Por onde nunca veio gente humana,
 Vamos buscar do Indo a gram corrente,
 Por onde a Lei diuina se acrecente.

Espantado

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Espantado ficou da gram viagem,
O mouro que Monçaide se chamaua,
Ouindo as opressões que na passajem
Do mar, o Lusitano lhe contaua,
Mas vendo em fim, que a força da mensajem
So pera o Rei da terra releuaua,
Lhe diz que estaua fora da cidade,
Mas de caminho pouca quantidade.

E que em tanto que a noua lhe chegasse
De sua estranha vinda, se queria
Na sua pobre casa repousasse,
E do manjar da terra comeria;
E despois que se hum pouco recreasse,
Co elle pera a armada tornaria,
Que alegria nam pode ser tamanha,
Que achar gente vizinha em terra estranha.

O Portugues aceita de vontade
O que o ledo Monçaide lhe offerece,
Como se longa fora ja a amizade,
Co elle come & bebe, & lhe obedece:
Ambos se tornam logo da cidade,
Pera a frota, que o Mouro bem conhece,
Sobem aa Capitaina, & toda a gente
Monçaide recebeo benignamente.

O capitão

CANTO SETIMO. 113

O Capitam o abraça em cabo ledo,
Ouvindo clara a lingua de Castella,
Junto de si o assenta, & prompto & queda
Pela terra pergunta, & cousas della:
Qual se ajuntava em Rodope o aruoredo,
So por ouvir o amante da donzella
Euridice, tocando a lira de ouro,
Tala gente se ajunta a ouvir o Mouro.

Elle começa, o gente que a natura
Vizinha fez de meu paterno ninho,
Que destino tam grande, ou que ventura
Vos trouxe a cometerdes tal caminho:
Nam he sem causa não occulta, & escura
Vir do longinco Tejo, & ignoto Minho,
Por mares nunca doutro lenho arados,
A Reinos tam remotos & apartados.

Deos por certo vos traz, porque pretende
Algun serviço seu por vos obrados
Por isso so vos guia, & vos defende
Dos inimigos do mar, do vento yrado:
Sabey que estais na India, onde se estende
Diuerso pouo, rico & prosperado,
De ouro luzente, & fina pedraria,
Cheiro suave, ardente especiaria.

Esta

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Esta prouincia, cujo porto agora
Tomado tendes, Malabar se chama,
Do culto antigo os Idolos adora,
Que ca por estas partes se derrama:
De diuersos Reis he, mas dum so fora
Noutro tempo, segundo a antiga fama,
Saramà Perimal foy derradeiro
Rei, que este Reino teue vnido & inteiro.

Porem como a esta terra entam viessem,
De la do seyo Arabico outras gentes,
Que o culto Mahometico trouxessem,
No qual me instituirão meus parentes,
Succedeo que pregando conuertessem
O Perimal, de sabios & elloquentes,
Fazem lhe a ley tomar com feruor tanto,
Que prosupos de nella morrer sancto.

Naos arma, & nellas mete curioso
Mercadoria que offereça rica,
Pera yr nellas a ser religioso,
Onde o propheta jaz, que a ley publica:
Antes que parta, o Reino poderoso
Cos seus reparte, porque nam lhe fica
Erdeiro proprio, faz os mais aceitos,
Ricos de pobres, livres de sojeitos.

A hum

A hum Cochim, & a outro Cananor,
 A qual Chale, a qual a ilha da pimenta,
 A qual Coultão, a qual dá Cranganor
 E os mais, a quem o mais serue & contenta
 Hum so moço, a quem tinha muito amor,
 Despois que tudo deu, se lhe apresenta,
 Pera este Calecu somente fica,
 Cidide ja por tracto nobre & rica.

Esta lhe dà co titulo excellente
 De Emperador, que sobre os outros mande,
 Isto feito se parte diligente,
 Pera onde em sancta vida acabe, & ande,
 E daqui fica o nome de potente
 Cam ri, mais que todos digno, & grande
 Ao moço, & descendentes, donde vem
 Este, que agora o Imperio manda & tem.

A ley da gente toda rica & pobre,
 De fabulas composta se imagina:
 Andão nús, & samente hum pino cobre
 As partes, que a cubrir natura ensina:
 Dous modos ha de gente, porque a nobre
 Naires chamados sam, & a menos digna
 Poleás tem por nome, a quem obriga
 A ley não meſturar a casta antiga.
 Porque

OS LUSTADAS DE L. DE CA.

Porque os q̃ usaram sempre hum mesmo officio,
De outro nam podem receber consorte,
Nem os filhos teram outro exercicio,
Senam o de seus passados ate morte,
Pera os Naires he certo grande vicio
Destes serem tocados de tal sorte,
Que quando algum se toca por ventura,
Com ceremonias mil se alimpa & apura.

Destá sorte o Iudaico pouo antigo
Nam tocava na gente de Samaria,
Mais estranhezas inda das que digo
Nesta terra vereis de vsança varia,
Os Naires sos sam dados ao perigo
Das armas, sos defendem da contraria
Banda o seu Rei, trazendo sempre usada
Na esquerda a adarga, e na direita a espada.

Bramenes sam os seus religiosos,
Nome antigo, & de grande preminencia,
Oseruão os preceitos tam famosos
Dhum, que primeiro pos nome aa ciencia:
Nam matão consa viua, & temerosos
Das carnes tem grandissima abstinencia,
Somente no venereo ajuntamento
Tem mais licença, & menos regimento.
Gerais

Gerais sam as molheres: mas samente
 Pera os da geraçam de seus maridos;
 Ditosa condiçam, ditosa gente,
 Que nam sam de ciumes offendidos.
 Estes & outros costumes variamente
 Sam pelos Malabares admitidos,
 A terra he grossa em trato, em tudo aquillo
 Que as ondas podem dar da China ao Nilo.

Asti contaua o Mouro: mas vagando
 Andaua a fama ja pela cidade,
 Da vinda desta gente estranha, quando
 O Rei saber mandaua da verdade,
 Li vinham pelas ruas caminhando,
 Rodeados de todo sexo, & idade,
 Os principaes que o Rei buscar mandára,
 O Capitam da armada que chegára.

Mas elle, que do Rei ja tem licença
 Pera desembarcar, acompanhado
 Dos nobres Portugueses sem detença
 Parte de ricos panos adornado:
 Das cores a fermosa diferença
 A vista alegre ao pouo aluorocado,
 O reme compassado fere frio
 Agora o mar, despois o fresco rio.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Na praia hum regedor do Reino estaua,
Que na sua lingua Catual se chama,
Rodeado de Nairès, que eſperaua
Com deſusada feſta o nobre Gama:
La na terra nos braços o leuaua,
E num portatil leito hũa rica cama
Lhe offereçe em que va, coſtume vſado,
Que nos hombros dos homẽs he leuado.

Deſta arte o Malabar, deſtarte o Luſo,
Caminhão la pera onde o Rei o eſpera:
Os outros Portugueſes vão ao vſo
Que infantaria ſegue eſquadra fera:
O pouo que concorre vay confuſo
De ver a gente eſtranha, & bem quiſera
Perguntar: mas no tempo ja paſſado
Na torre de Babel lhe foi vedado.

O Gama, & o Catual hião fallando
Nas couſas que lhe o tempo offerecia,
Monçaide entrelles vay interpretando
As palauras que de ambos entendia:
Aſſi pela cidade caminhando,
Onde hũa rica fabrica ſe erguia
De hum ſumptuoſo templo ja chegauão
Pelas portas do qual juntos entrarão.

Ali estam das deilades as figuras
 Esculpidas em pao, & em pedra fria,
 Varios de gestos, varios de pinturas,
 A segundo o Demonio lhe fingia:
 Vem se as abominaueis esculturas,
 Qual a Chimera em membros se varia,
 Os Christãos olhos a ver Deos vsados
 Em forma humana estam marauilhados.

Hum na cabeça cornos esculpidos,
 Qual Iupiter Amon em Lybia estava,
 Outro num corpo rostos tinha unidos,
 Bem como o antigo Iano se pintava:
 Outro com muitos braços diuididos
 A Briarea parece que imitava:
 Outro fronte Canina tem de fora,
 Qual Anubis Menfitico se adora.

Aqui feita do barbaro gentio
 A supersticiosa adoraçam,
 Direitos vão sem outro algum desuio,
 Pera onde estava o Rei do pouo vão:
 Engrossando se vai da gente o fio,
 Cos que vem ver o estranhô Capitam,
 Estam pelos telhados & janellas
 Velhos & moços, donas & donzellas.

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

La chegão perto, & não passos lentos,
Dos jardins odoríferos fermosos,
Que em si escondem os regios apossentos,
Altos de torres não, mas sumptuosos,
Edificação se os nobres seus assentos,
Por entre os aruoredos deleitosos,
Assi viuem os Reis daquella gente,
No campo & na cidade juntamente.

Pelos portais da cerca a sutileza
Se enxerga da Dedalea facultade,
Em figuras mostrando por nobreza
Da India a mais remota antiguidade:
Affiguradas vão com tal viueza
As historias daquella antiga idade,
Que quem dellas tiuer noticia inteira,
Pela sombra conhece a verdadeira.

Estaua hum grande exercito que pisa
A terra Oriental, que o Ida spe laua,
Rege o hum capitam de fronte lisa,
Que com frondentes Tirfos pelejaua,
Por elle edificada estaua Nisa
Nas ribeiras do rio, que manaua,
Tam proprio, que se ali estiuer Semelle,
Dirá por certo, que he seu filho aquelle.

Mais

Mais auante bebendo seca o rio,
Muy grande multidão da *Assiria* gente,
Sujeita a feminino senhorio,
De hũa tam bella, como incontinente:
Ali tem junto ao lado nunca frio,
Esculpido o feroz ginete ardente,
Com quem teria o filho competencia,
Amor nefando, bruta incontinencia.

Daqui mais apartadas tremolauão
As bandeiras de *Grecia* gloriosas,
Terceira Monarchia, & sojugauão,
Ate as agoas *Gangeticas* vndosas:
Dum capitão mancebo se guiauão
De palmas rodeado valerosas,
Que ja não de *Filipo*, mas sem falta
De progenie de *Iupiter* se exalta.

Os Portugueses vendo estas memorias,
Dizia o Catual ao Capitão,
Tempo cedo virà que outras victorias,
Estas que agora olhais abaterão:
Aqui se escreueram nonas historias,
Por gentes estrangeiras que virão
Que os nossos sabios magos o alcançarão,
Quando o tempo futuro especularão.

Edizlhe mais a magica sciencia,
 Que pera se euitar força tamanha,
 Nam valerà dos homẽs resistencia,
 Que contra o Ceo não val da gente manha:
 Mas tambem diz que a bellica excellencia
 Nas armas, & na paz, da gente estranha
 Sera tal, que sera no mundo ouuido
 O vencedor, por gloria do vencido.

Assi fallando entrauam ja na sala,
 Onde aquelle potente Emperador
 Nũa camilha jaz, que nam se i goala
 De outra algũa no preço & no lauor:
 No recostado gesto se aßinala
 Hum venerando & prospero senhor,
 Hum pano de ouro cinge, & na cabeça
 De preciosas gemas se adereça.

Bem junto delle hum velho reuerente,
 Cos gíolhos no chão, de quando em quando
 Lhe daua a verde folha da erua ardente
 Que a seu costume estaua ruminando:
 Hum Bramene, pessoa preminente,
 Pera o Gama vem com passo brando,
 Pera que ao grande Principe o apresente,
 Que diante lhe acena que se assente.

Sentado

CANTO SEPTIMO.

123

Sentado o Gama junto ao rico leito,
Os seus mais afastados, prompto em vista:
Estava o Samori no trajo & geito
Da gente, nunca de antes delle vista:
Lançando a graue voz do sabio peito,
Que grande authoridade logo aquista
Na opinião do Rei, & do pouo todo
O Capitam lhe falla deste modo.

Hum grande Rei, de la das partes, onde
O ceo volubil com perpetua roda
Da terra a luz solar coa terra esconde,
Tingindo a que deixou de escura noda,
Ouindo do rumor que la responde
O eco, como em ti da India toda
O principado está, & a magestade,
Vinculo quer contigo de amizade.

E por longos rodeos ati manda,
Por te fazer saber que tudo aquillo
Que sobre o mar, que sobre as terras anda
De riquezas, de la do Tejo ao Nilo:
E desde fria plaga de Gelanda,
Ate bem donde o Sol nam muda o estilo
Nos dias, sobre a gente de Ethiopia.
Tudo tem no seu Reino em grande copia.

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

E se queres com pactos, & lianças
De paz, & de amizade sacra, & nua,
Comercio consentir das abundanças
Das fazendas da terra sua, & tua,
Porque creçam as rendas, & abastanças,
Por quem a gente mais trab. lha & sua,
De vossos Reinos, sera certamente
De ti proueito, & d'elle gloria ingente.

E sendo assi que o não desta amizade,
Entre vos firmemente permaneça,
Estara prompto a toda aduersidade,
Que por guerra a teu Reino se offereça:
Com gente, armas, & naos de qualidade
Que por yrmão te tenha, & te conheça,
E da vontade em ti sobristo posta
Me des a my certissima resposta.

Tal embaixada li daua o Capitam,
A quem o Rei gentio respondia,
Que em ver embaixadores de nação
Tam remota, gram gloria recebia:
Mas neste caso a vltima tençam
Com os de seu conselho tomaria,
Informandose certo de quem era
O Rei, & a gente, & terra que differa.
E que

E que em tanto podia do trabalho
 Passado yr repousar, & em tempo breue
 Daria a seu despacho hum justo talho,
 Com que a seu Rei repostia alegre leue:
 Ia nisto punha a noite o vsado atalho
 Aas humanas canseiras, porque ceue
 De doce sono os membros trabalhados,
 Os olhos ocupando ao ocio dados.

Agasalhados foram juntamente
 O Gama, & Portugueses no apousente
 Do nobre Regedor da Indica gente
 Com festas & geral contentamento:
 O Catual no cargo diligente
 De seu Rei, tinha ja por regimento
 Saber da gente estranha donde vinha
 Que costumes, que lei, que terra tinl

Tanto que os igneos carros do fermoso
 Mancebo Delio vio, que a luz renoua,
 Mand a chamar Moncaide, desejofo
 De poderse informar da gente noua:
 Ia lhe pergunta prompto & curioso,
 Se tem noticia inteira, & certa prona,
 Dos estranhos quem sam, que ouuido tinha
 Que he gente de sua patria muy vizinha.

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Que particularmente ali lhe desse
Informaçam muy larga, pois fazia
Nisso seruiço ao Rei, porque soubesse
O que neste negocio se faria:
Mençaide torna, posto que eu quisesse
Dizerte disto mais nam saberia,
Somente sey que he gente la de Hespanha
Onde o meu ninho, & o Sol no mar se banha.

Tem a ley dum Propheta, que gerado
Foi sem fazer na carne detrimento
Da mãy, tal que por baso està aprouado
Do Deos, que tem do mundo o regimento:
O que entre meus antigos he vulgado
Delles, he que o valor sanguinolento
Das armas, no seu braço resplandece,
O que em nossos passados se parece.

Porque elles com virtude sobrehumana,
Os deitaram dos campos abundosos
Do rio Tejo, & fresca Goadiana,
Com feitos memoraveis, & famosos:
E nam contentes inda, & na Affricana
Parte, cortando os mares procelosos
Nos nam querem deixar viuer seguros,
Tomando nos cidades & altos muros.

Não

Nam menos tem mostrado esforço & manha,
Em quaesquer outras guerras que acõteção,
Ou das gentes beligeras de Espanha,
Ou la dalgũs que do Pirene deção.
Assi que nunca em fim com lança estranha
Se tem, que por vencidos se conheção,
Nem se sabe inda não, te afirmo & assello,
Pera estes Anibais nenhum Marcello.

E sesta informação nam for inteira
Tanto quanto conuem, delles pretende
Informarte, que he gente verdadeira,
A quem mais falsidade enoja & offende:
Vay ver lbe a frota, as armas, & a maneira:
Do fundido metal, que tudo rende,
E folgaras de veres a policia
Portuguesa na paz & na milicia.

Ia com desejs o Idolatra ardia,
De ver isto, que o Mouro lbe contava,
Manda esquipar bateis, que yr ver queria
Os lenhos em que o Gama nauegava:
Ambos partem da praia, a quem seguia
A Naira geraçam, que o mar coalhava,
Aa Capitaina sobem forte & bella,
Onde Paulo os recebe a bordo della.

Purpureos

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Purpureos sam os toldos, & as bandeiras
Dorico fio sam, que o bicho gera,
Nellas estam pintadas as guerreiras
Obras, que o forte braço ja fizera:
Batalhas tem campais aventureiras,
Desafios crueis, pintura fera,
Que tanto que ao gentio se apresenta,
A tento nella os olhos apacenta.

Pelo que ve pergunta: mas o Gama
Lhe pedia primeiro que se affente,
E que aquelle deleite que tanto ama
A ceita Epicuria, experimente:
Dos espumantes vasos se derrama
O licor, que Noe mostrara aa gente:
Mas comer o Gentio nam pretende,
Que a ceita que seguia lho defende.

A trombeta que em paz no pensamento,
Imagem faz de guerra, rompe os ares,
Co fogo o diabolico instrumento,
Se faz ouuir no fundo la dos mares:
Tudo o Gentio nota: mas o intento
Mostrava sempre ternos singulares
Feitos dos homẽs, que em retrato breue
A muda poesia ali descrene.

Ala se

Alçase em pê, co elle os Gamas junto,
Coelho de outra parte, & o Mauritano
Os olhos poem no bellico trasunto
De hum velho branco, aspeito venerando,
Cujos nome nam pode ser defuncto
Em quanto ouuer no mundo trato humano,
No trajo a Grega vsineja está perfeita,
Hum ramo por insignia na direita.

Hum ramo na mão tinha: mas o cego
Eu que cometo insano, & temerario,
Sem vos Nymphas do Tejo, & do Mondego,
Por caminho tam arduo, longo, & vario:
Vosso fauor inuoco, que nauego
Por alto mar, com vento tam contrario,
Que se nam me ajudais, ei grande medo,
Que o meu fraco batel se alague cedo.

Olhay que ha tanto tempo, que cantando
O vosso Tejo, & os vossos Lusitanos,
A fortuna me traz peregrinando,
Nouos trabalhos vendo, & nouos danos
Agora o mar, agora esprimentando
Os perigos Mauorcios inhumanos,
Qual Canace que à morte se condena,
Nua mão sempre a espada, & noutra a pena
Agora

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Agora com pobreza auorrecida,
Por hospícios alheios degradado,
Agora da esperança já adquirida,
De nouo mais que nunca derribado:
Agora aas costas escapando a vida,
Que dum fio pendia tam delgado,
Que não menos milagre foi salvarse:
Que pera o Rei ludaico acrecentarse.

E ainda Nymphas minhas não bastaua,
que tamanhas misérias me cercassem:
Senam que aquelles que eu cantando andaua
Tal premio de meus versos me tornassem
A troco dos descansos que esperaua,
Das capellas de louro que me honrassem,
Trabalhos nunca vsados me enuentaram,
Com que em tam duro estado me deitaram.

Vede Nymphas que engenhos de senhores
O vosso Tejo cria valerosos,
Que asy sabem prezar com tais fauores
A quem os faz cantando gloriosos:
Que exemplos a futuros escriptores,
Pera espartar engenhos curiosos,
Pera porem as cousas em memoria,
Que merecerem ter eterna gloria.

Pois

Pois logo em tantos males he forçado,
Que so vosso fauor me nam falleça,
Principalmente aqui, que sou chegado
Onde feitos diuersos engrandeça:
Daimo vos sos, que eu tenho ja jurado
Que nam no empregue em quẽ o nam mereça
Nem por lisonja louue algum subido,
Sob pena de nam ser agradecido.

Nem creais Nymphas nam que fama desse
A quem ao bem camum, & do seu Rei
Anteposer seu proprio interesse:
Imigo da diuina & humana ley,
Nenhum ambicioso, que quisesse
Subir a grandes cargos, cantarey,
So por poder com torpes exercicios
Vsar mais largamente de seus vicios.

Nenhum que vse de seu poder bastante
Pera servir a seu desejo feio,
E que por comprazer ao vulgo errante
Se muda em mais figuras que Proteio,
Nem Camenas tambem cuideis que cante
Quem com habito honesto & graue veio,
Por contentar o Rei no officio nouo,
A despir & roubar o pobre pouo.

Nem

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Nem quem acha que he justo & que he derecht
Guardase a ley do Rei seueramente,
E nam acha que he justo & bom respeito,
Que se pague o suor da seruil gente.
Nem quem sempre com pouco experto peito
Razões aprende, & cuida que he prudente,
Pera taxar com mão rapace & escassa,
Os trabalhos alheios, que nam passa.

Aquelles sos direy que auenturaram
Por seu Deos, por seu Rei, a amada vida
Onde perdendoa, em fama a dilataram,
Tambem de suas obras merecida:
Apolo, & as Musas que me acompanharam,
Me dobraram a furia concedida
Em quanto eu tomo alento descansado,
Por tornar ao trabalho mais folgado.

F I M.

Canto O&tauo.



A primeira figura

se detinha

O Catual, que vira estar pintado.

Que por diuisa hum ramo na mão tinha,
A barba branca, longa, & penteada:
quem era, & porque causa lhe conuinha
A diuisa que tem na mão tomada,
Paulo responde, cuja voz discreta
O Maurilano sabio lhe interpreta.

Estas figuras todas que aparecem,
Brauos em vista, & feros nos aspeitos,
Mais brauos, & mais feros se conhecem
Pela fama, nas obras, & nos feitos
Antigos sam, mas inda resplandecem
Co nome, entre os engenhos mais perfeitos,
Este que ves he Luso, donde a fama
O nosso Reino Lusitania chama.

Foi

OS LVSIADAS DE L. DE CA:

Foy filho & companheiro do Thebano,
 Que tam diuerſas partes conquiſtou
 Parece vindo ter ao ninho Hiſpano,
 Seguindo as armas que continuo vſou,
 Do Douro, Guadiana o campo vſano,
 Ia dito Elifio, tanto o contentou
 Que ali quis dar, aos ja cansados offos
 Eterna ſepultura, & nome aos noſſos.

O ramo que lhe ves pera diuiſa,
 O verde Tyrſo foy de Baco vſado,
 O qual aa noſſa idade amoſtra & auifa
 Que foi ſeu companheiro & filho amado:
 Ves outro, que do Tejo a terra piſa,
 Deſpois de ter tam longo mar arado,
 Onde muros perpetuos edifica,
 E templo a Palas, que em memoria fica.

Vliſſes he o que faz a ſancta caſa
 Aa Deoſa, que lhe dà lingua facunda,
 Que ſe lá na Aſia Troia inſigne abraſa,
 Ca na Europa Liſboa ingente funda:
 Quem ſera eſt outro ca que o campo arraſa
 De mortos, com preſença furibunda?
 Grandes batalhas tem deſbaratadas,
 Que as Agueas, nas bandeiras tem pintadas.

Assim o Gentio diz, responde o Gama,
 Este que ves pastor já foi de gado,
 Viriato sabemos que se chama,
 Destro na lança mais que no cajado:
 Injuriada tem de Roma a fama,
 Vencedor inuencibil afamado,
 Nam tem coelle não, nem ter puderam
 O primor que com Pirro já tiveram.

Com força não: com manha vergonhosa,
 A vida lhe tirarão que os espanta,
 Que o grão de aperto em gente, inda q' honrosa
 Aas vezes leis magnanimas quebranta:
 Outro está aqui que contra a patria yroga
 Degradado com nosco se aleuanta,
 Escolheo bem com quem se aleuantasse
 Pera que eternamente se illustrasse.

Vês com nosco tambem vence as bandeiras
 Dessas aues de Iupiter validas,
 Que já naquelle tempo as mais guerreiras
 Gentes de nos souberam ser vencidas:
 Olha tam sotis artes & maneiras,
 Pera adquerir os ponos tam fingidas
 A fatidica Cerva que o auisa,
 Elle he Sertorio, & ella a sua diuisa.

R

Olha

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Olha estoutra bandeira & ve pintado,
O gram progenitor dos Reis primeiros;
Nos Vngaro o fazemos, porein nado
Crem ser em Lotharingia os estrangeiros:
Depois de tercos Mouros superado
Galegos, & Leoneses caualleiros,
Aa casa Sancta passa o Sancto Enrique,
Porque o tronco dos Reis se sanctifique.

Quem he me dize estoutro que me espanta,
Pergunta o Malabar marauilhado,
Que tantos esquadroes, que gente tanta,
Com tam pouca, tem roto & destrocado:
Tantos muros asperrimos quebranta,
Tantas batalhas da nunca cansado,
Tantas coroas tem por tantas partes,
A seus pès derribadas, & estandartes?

Este he o primeiro Affonso, disse o Gama,
Que todo Portugal aos Mouros toma,
Por quem no Estigio jura a fama,
De mais não celebrar nenhum de Roma:
Este he aquelle zeloso a quem Deos ama,
Com cujo braço o Mouro imigo doma,
Pera quem de seu Reino abaixa os muros,
Nada deixando ja pera os futuros.

Se Cesar, se Alexandre Rei tiueram,
 Tam pequeno poder, tam pouca gente,
 Contra tantos inimigos quantos eram,
 Os que desbarataua este excellente,
 Nam creas que seus nomes se estenderam
 Com glorias imortais tam largamente:
 Mas deixa os feitos seus inexplicaueis,
 Ve que os de seus vassallos sam notaueis!

Este que ves olhar com gesto yrado,
 Pera o rompido Alumno mal s'frido,
 Dizendo lhe que o exercito espalhado,
 Recolha, & torne ao campo defendido:
 Torna-o moço do velho acompanhado,
 Que vencedor o torna de vencido,
 Egas moniz se chama o forte velho
 Pera leais vassallos claro espelho.

Nello ca vai cos filhos a entregar-se,
 Acorda ao colo, nu de seda & pano;
 Porque nam quis o moço fogueitar-se,
 Como elle prometera ao Castelhanao:
 Fez com siso & promessas leuantar-se
 O cerco que ja estaua soberano,
 Os filhos & molher obriga aa pena,
 Pera que o senhor salue, a si condena:

OS LVSTADAS DE L. DE CA.

Nam fez o Consultante que cercado
Foi nas forcas Caudinas de ignorante
Quando a passar por baixo foi forçado
Do Samnítico jugo triumphante:
Este pelo seu pouo injuriado,
Assi se entrega so firme & constante,
E outro assi, & os filhos naturais,
E a consorte sem culpa, que doe mais.

Ves este que saindo da cilada,
Dá fribre o Rei que cerca a villa forte,
La o Rei tem preso, & a villa descercada
Illustre feito digno de Mauorte,
Velo ca vay pintado nesta armada
No mar tambem aos Mouros dando a morte
Tomandolhe as galês, levando a gloria,
Da primeira maritima victoria.

E dom Fuaes Roupinho que na terra,
E no mar resplandece juntamente,
Co fogo que acendeo junto da serra
De Abila, nas gales da Maura gente
Olha como então justa & sancta guerra
De acabar pelejando está contente:
Das mãos dos Mouros entra a felice alma
Triunfando nos ceos com justa Palma.

Não

Nam ves hum ajuntamento de estrangeiro
 Trajo, sair da grande armada noua,
 Que ajuda a combater o Rei primeiro
 Lisboa, de si dando sancta proua:
 Olha Enrique famoso caualleiro,
 A Palma que lhe nasce junto aa coua,
 Por elles mostra Deos milagre visto,
 Germanos sam os Martyres de Christo.

Hum Sacerdote vê brandindo a espada,
 Contra Aronches que toma, por vingança
 De Leiria, que de antes foi tomada,
 Por quem por Maphamede enresta a lança;
 He Teotonio Prior: mas vê cercada
 Sanctiarem, & veras a segurança
 Da figura nos muros, que primeira
 Subindo ergueo das Quinas a bandeira.

Vello ca donde Sancho desbarata
 Os Mouros de Vandalia em fera guerra,
 Os inimigos rompendo, o Alfeiz mata,
 E Hispaluco pendam derriba em terra,
 Mem Moniz he, que em si o valor retrata,
 Que o sepulchro do paycos ossos cerra,
 Digno destas bandeiras, pois sem falta
 A contraria derriba, & a sua exalta.

OS LUSIADAS DE L. DE CA:

Olha aquelle que deçe pela lança,
 Com as duas cabeças dos vigias,
 Onde a cilada eſconde, com que alcança
 A cidade por manhas & ouſadias:
 Ella por armas toma a ſemelhança
 Do caualleiro, que as cabeças frias
 Na mão leuaua, feito nunca feito,
 Giraldo ſem pañor he o forte peito.

Nam vês hum Caſtelhano, que agrauado,
 De Affonſo nono Rei, pelo odio antigo
 Dos de Lara, cos Mouros he deitado,
 De Portugal fazendoſe inimigo?
 Abrantes villa toma acompanhado
 Dos duros infieis que traz conſigo:
 Mas vê que hum Portugueſ com pouca gente
 O desbarata & o prende ouſadamente.

Martim Lopez ſe chama o caualleiro,
 Que deſtes leuar pode a palma & o louro:
 Mas olha hum Eccleſiaſtico guerreiro,
 Que em lança de aço torna o Bago de ouro:
 Vello entre os duuidiſos tam inteiro,
 Em não negar batalha ao brauo Mouro,
 Olha o ſim lno ceo que lhe appareçe,
 Com que nos poucos ſeus o eſforço creſce.

Ves

Vês vão os Reis de Cordoua & Seuilha,
Rotos, cos outros dous, & nam de espaço,
Rotos? mas antes mortos, maravilha
Feita de Deos, que nam de humano braço
Vês ja a villa de Alcaçare se humilha,
Sem lhe valer defesa, ou muro de aço,
A dom Matheus o Bispo de Lisboa,
Que a coroa de palma ali coroa.

Olha hum Mestre que deçe de Castella,
Portugues de naçam, como conquista
A terra dos Algarues, & ja nella
Nam acha que por armas lhe resista,
Com manha, esforço, & com benigna estrellla
Villas, castellos toma a escalla vista.
Ves Tautila tomada aos moradores,
Em vingança dos sete caçadores:

Vês com belica astucia ao Mouro ganha
Silues, que elle ganhou com força ingente,
He dom Pain Correa, cuja manha
E grande esforço faz enueji a gente
Mas nam passes os tres q'ê trãçae & Espanha
Se fazem conhecer perpetuamente,
Em desafios, justas & torneos,
Nellas deixando publicos trofeos.

OS LVSIADAS DE L. DE CA:

Vellos co nome vem de auentureiros,
 A Castella, onde o preço sos leuãram
 Dos jogos de Belona verdadeiros,
 Que com dano de algũ se exercitãram,
 Vẽ mortos os soberbos caualleiros,
 Que o principal dos tres desafiãram,
 Que Gonçalo Ribeiro se nomea,
 Que pode nam temer a ley Letea.

Atenta num que a fama tanto estende,
 Que de nenhum passado se contenta,
 Que a patria que de hum fraco fio pende
 Sobre seus duros hombros a sustenta,
 Não no ves tinto de yra, que reprende
 A vil desconfiança inerte & lenta
 Do pouo, & faz que tome o doce freyo,
 De Rei seu naturol, & nam de alheyo.

Olha por seu conselho & ousadia,
 De Deos guiada so, & de sancta Estrella
 So pode o que impossibil parecia,
 Vencer o pouo ingente de Castella:
 Ves por industria, esforço, & valentia
 Outro estrago & victoria clara & bella
 Na gente, assi feroz como infinita,
 Que entre o Tarteço, & o Goadiana habita:

Mas

Mas nam ves quasi ja desbaratado,
O poder Lusitano, pela ausencia
Do Capitam deuoto, que apartado
Orando inuoca a suma & trina essencia:
Vello com pressa ja dos seus achado,
Que lhe dizem que lhe falta resistencia
Contra poder tamanho, & que viesse,
Porque consigo esforço aos fracos desse.

Mas olha com que sancta confianca,
Que inda nam era tempo respondia,
Como quem tinha em Deos a seguranca
Da victoria, que logo lhe daria:
Assi Pompilio, ouuindo que a possanca
Dos inimigos a terra lhe corria,
A quem lhe a dura noua estava dando,
Pois eu, responde, estou sacrificando.

Se quem com tanto esforço em Deas se atreue,
Ouuir quiseses como se nomea,
Portugues Capitam chamar se deue:
Mas mais de dom Nuno Aluarez se arrea,
Ditosa patria que tal filho teue:
Mas antes pai, que em quanto o Sol rodea
Este globo de Ceres & Neptuno,
Sempre suspirarà por tal aluno.

OS LUSIADAS DE L. DE CA:

Na mesma guerra vê que presas ganha,
Estoutro Capitam de pouca gente,
Comendadores vence, e o gado apanha;
Que leuauam roubado ousadamente:
Outra vez vê que a lança em sangue banha
Destes, so por liurar com amor ardente
O preso amigo, preso por leal,
Pero Rodriguez he do Landroal.

Olha este de sleal o como paga
O perjuro que fez e vilengano;
Gil Fernandez he de Eluas quem o estraga,
E faz vir a passar o vltimo dano:
De Xerez rouba o campo, e quasi alaga
Co sangue de seus donos Castelhanao:
Mas olha Rui Pereira que co rosto
Faz escudo aas gales, diante posto.

Olha que dezesete Lusitanos,
Nesse outeiro subidos se defendem,
Fortes de quatro centos Castelhanos,
Que em derredor pelos tomar se estendem,
Porem logo sentiram com seus danos,
Que nam so se defendem, mas offendem,
Digno feito de ser no mundo eterno,
Grande no tempo antigo e no moderno.

Sabese

Sabese antigamente que trezentos
 lacontra mil Romanos pelejaram,
 No tempo que os viris atreuimentos
 De Viriato tanto se illustraram,
 E delles alcançando vencimentos
 Memoraveis, de eranças deixaram,
 Que os muitos por ser poucos nam temamos
 O que despois mil vezes amostramos.

Olha ca dous Infantes Pedro & Henrique,
 Progenie generosa de loane,
 Aquelle faz que fama illustre fique
 Delle em Germania, com que a morte engane
 Este, que ella nos mares o pubrique,
 Por seu descobridor, & desengane
 De Ceita a Maura tumida vaidade,
 Primeiro entrando as portas da cidade.

Vês o Conde dom Pedro que sustenta
 Dous cercos contra toda a Barbaria,
 Vês outro Conde está que representa
 Em terra Marte, em forças & ousadia,
 De poder defender se nam contenta
 Alcacere da ingente companhia:
 Mas do seu Rei defende a cara vida,
 Pondo por muro a sua, ali perdida.

Ouros

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Outros muitos verias que os pintores
Aqui tambem por certo pintariam;
Mas faltalhe pinçel, faltão lhe cores,
Honra, premio, fauor que as artes criam,
Culpa dos viciosos successores,
Que degenerão certo, & se desuiam
Do lustre, & do valor dos seus passadõs,
Em gostos & vaidades atolados.

Aquelles pais illustres que ja deram
Principio aa geraçam que delles pende,
Pela virtude muyto antão fizeram,
E por deixar a casa que descende,
Cegos, que dos trabalhos que tiueram,
De alta fama & rumor delles se estende,
Escuros deixam sempre seus menores,
Com lhe deixar de scanjos corrutores.

Outros tambem ha grandes & abastados,
Sem nenhum tronco illustre donde venham,
Culpa de Reis, que aas vezes a priuados
Dão mais que a mil, q̃ esforço & saber tenhã
Estes os seus nam querem ver pintados,
Crendo que cores vãs lhe nam conuenham,
E como a seu contrairo natural,
Aa pintura que falla querem mal.

Não nego que á com tudo descendentes
 Do generoso tronco, & casa rica
 Que com costumes altos & excellentes
 Sustentam a nobreza que lhe fica:
 E se a luz dos antigos seus parentes
 Nelles mais o valor nam clarifica,
 Nam falta ao menos, nem se faz escura.
 Mas destes acha poucos a pintura.

Assi está declarando os grandes feitos,
 O Gama que ali mostra a varia tinta,
 Que a douta mão tam claros, tam perfeitos
 Do singular artifice ali pinta:
 Os olhos tinha promptos & dereitos,
 O Catual na historia bem distinta,
 Mil vezes perguntava, & mil ouuia,
 As gostosas batalhas que ali via.

Mas ja a luz se mostrava duuidosa,
 Porque a alampada grande se escondia
 Debaixo do Orizonte & luminosa
 Leuava aos Antipodas o dia.
 Quando o Gentio, & a gente generosa,
 Dos Naires, da nao forte se partia
 A buscar o repouso que descansa,
 Os lassos animais, na noite mansa.

Entre

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Entre tanto os Aruspices famosos
Na falsa opiniam, que em sacrificios
Anteuem sempre os casos duvidosos,
Por sinais diabolicos, & indicios
Mandados do Rei proprio, estudiosos
Exercitauam a arte & seus officios,
Sobre esta vinda desta gente estranha,
Que aas suas terras vem da ignota Espanha,

Sinal lhe mostra o Demo verdadeiro,
De como a noua gente lhe seria
Lugo perpetuo, eterno catiueiro,
Destruicam de gente, & de valia:
Vai se espantado o atonito agoureiro
Dizer ao Rei (segundo o que entendia)
Os sinais temerosos que alcançara
Nas entranhas das victimas que oulhará.

A isto mais se ajunta que hum deuoto
Sacerdote da ley de Maphamede,
Dos odios concebidos nam remoto,
Contra a diuina Fe, que tudo excede,
Em forma do Propheta falso & noto,
Que do filho da escrava Agar procede,
Baco odioso em sonhos lhe aparece,
Que de seus odios inda se nam deçe.

E diz

E diz lhe assi, guardaiuos gente minha,
Do mal que se aparelha pelo imigo
Que pelas agoas humidas caminha,
Antes que esteis mais perto do perigo:
Isto dizendo acorda o Mouro asinha,
Espantado do sonho: mas consigo
Cuida que não he mais que sonho vsado
Torna a dormir quieto & sosegado.

Torna Bacho dizendo, nam conheces
O gram legislador que a teus passados
Tem mostrado o preceito a que obedeces
Sem o qual foreis muitos baptizados?
Eu parti rudo vello, & tu adormeces?
Pois saberas que aquelles que chegados
De nouo sam, seram muy grande dano
Da lei que eu dey ao nescio pouo humano;

Em quanto he fraca a força desta gente,
Ordena como em tudo se resista,
Porque quando o Sol sae facilmente
Se pode nelle por a aguda vista:
Porem despois que sobe claro & ardente,
Se agudeza dos olhos o conquista,
Tam cega fica, quanto ficareis
Se raizes criar lhe nam tolheis.

Isto dito

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Isto dito, elle & o sono se despede,
Tremendo fica o atonito Agareno
Salta da cama, lume aos seruos pede
Laurando nelle o feruido veneno:
Tanto que a noua luz que ao Sol precede.
Mostrara rosto Angelico & sereno,
Conuoca os principais da torpe ceita,
Aos quaes do que sonbou dá conta estreita.

Diuerfos pareceres & contrarios
Ali se dão segundo o que entendiam;
Astutas traicoes, enganos varios,
Perfidias inuentauam & teciam:
Mas deixando conselhos temerarios,
Destruicam da gente pretendiam,
Por manhas mais sotis & ardis milhores
Com peitas adquerindo os regedores.

Com peitas, ouro, & dadinas secretas
Conciliam da terra os principais,
E com razoes notaveis & discretas
Mostram ser perdicam dos naturais,
Dizendo que sam gentes inquietas,
Que os mares discorrendo Occidentais,
Viuem so de piraticas rapinas,
Sem Rei, sem leis humanas ou diuinas.

O quanto

O quanto deue o Rei que bem gouerna,
 De olhar que os conselheiros, ou priuados,
 De consciencia & de virtude interna,
 E de sincero amor sejam dotados:
 Porque como este posto na suprema
 Cadeira, pode mal dos aparatados
 Negocios, ter noticia mais inteira,
 Do que lhe der a lingua conselheira.

Nem tam pouco direy que tome tanto
 Em grosso, a consciencia limpa & certa
 Que se enleue num pobre & humilde maneo
 Onde ambição a caso ande encuberta,
 E quando hū bom em tudo he justo & sancto
 E em negocios do mundo pouco acerta,
 Que mal coelles poderà ter conta,
 A quieta innocencia, em so Deos pronta.

Mas aquelles auaros Catuaes
 Que o Gentio pouo gouernauam,
 Induzidos das gentes infernais,
 O Portugues de spacho dilatauam:
 Mas o Gama, que nam pretende mais,
 De tudo quanto os Mouros ordenauam,
 Que leuar a seu Rei hum final certo
 Do mundo, que deixa descuberto.

S Nisto

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Nisto trabalha so, quem bem sabia
Que despois que leuasse esta certeza,
Armas & naos, & gente mandaria
Manoel, que exercita a summa alteza,
Com que a seu jugo & ley someteria
Das terras, & do mar a redondeza,
Que elle nam era mais que hum diligente
Descobridor das terras do Oriente.

Fallar ao Rei Gentio determina,
Porque com seu despacho se tornasse,
Que ja sentia em tudo da malina
Gente impedir se quanto desejasse.
O Rei que da noticia falsa & indina
Nam era desparantar se se spantasse,
Que tam credulo era em seus agouros,
E mais sendo affirmados pelos Mouros.

Este temor lhe esfria o baixo peito:
Por outra parte a forza da cobiça,
A quem por natureza esta sujeito,
Hum desejo immortal lhe acende & atica:
Que bem ve que grandissimo proueito
Fara, se com verda.le & com justica
O contrato fizer por longos annos,
Que lhe comete o Rei dos Lusitanos.

Sobre

Sobre isto nos conselhos que tomava,
Achava muy contrarios pareceres,
Que naquelles, com quem se aconselhava,
Executa o dinheiro seus poderes:
O grande capitam chamar mandava,
A quem chegado disse, se quiseses
Confessar-me a verdade limpa & nua,
Perdam alcanças da culpa tua.

Eu sou bem informado, que a embaxada
Que de teu Rei me deste, que he fingida:
Porque nem tu tês Rei, nem patria amada:
Mas vagabundo vas passando a vida:
Que quem da Hisperia vltima alongada
Rei, ou senhor de insania desmedida,
Ha de vir cometer com naos & frotas
Tã incertas viagens & remotas?

E se de grandes Reinos poderosos,
O teu Rei tem a regia magestade,
Que presentes me trazes valerosos,
Sinais de tua incognita verdade:
Com peças & dões altos sumptuosos
Se lia dos Reis altos a amizade:
Que sinal nem penhor não he bastante,
As palauras dum vago nauegante.

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Se por ventura vindes desterrados,
 Como ja foram homẽs dalta sorte,
 Em meu Reino sereis agosalhados,
 Que toda a terra he patria para o forte:
 Ou se piratas sois ao mar vsados,
 Dizemo sem temor de infamia, ou morte:
 Que por se sustentar em toda idade,
 Tudo faz a vital necessidade.

Isto assi dito, o Gama que ja tinha
 Suspeitas das insidias que ordenaue
 O Mahometico odio, donde vinha
 Aquillo que tam mal o Rei cuidaue:
 Cũa alta confiança, que conuinha,
 Com que seguro credito alcançaua,
 Que Venus Acidilia lhe influa,
 Tais palauras do sabio peito abria.

Se os antigos delitos, que a malicia
 Humana cometio na prisca idade
 Nam causaram, que o vaso da iniquicia,
 Aconte tam cruel da Christandade,
 Viera por perpetua inimicia
 Na geraçam de Adão, co a falsidade
 O poderoso Rei da torpe seita,
 Nam comeberas tu tam má suspeita.

Mas

Mas porque nenhum grande bem se alcança
 Sem grandes opressões, & em todo o feito
 Segue o temor os passos da esperança,
 Que em suor viue sempre de seu peyto,
 Me mostras tu tão pouca confiança
 Desta minha verdade: sem respeito
 Das razões em contrario que acharias
 Senão creffes a quem nam crer deuias.

Porque se eu de rapinas so viuesse
 Vndiúago, ou da patria desterrada,
 Como cres que tam longe me viesse,
 Buscar assento incognito & apartado?
 Porque esperanças, ou porque interesse,
 Viria esprimentando o mar yrado,
 Os Antarticos frios, & os ardores
 Que sofrem do Carneyro os moradores?

Se com grandes presentes dalta estima
 O credito me pedes do que digo,
 Eu não vim mais q̃ a achar o estranho Clima
 Onde a natura pos teu Reyno antigo:
 Mas se a Fortuna tanto me sublima,
 Que eu torne à minha patria, & reino amigo
 Então veràs o dom soberbo & rico
 Com que minha tornada certifico.

Se te parece inopinado feito,
 Que Rei da ulti^{ma} Hisperia ati me mande,
 O coraçam sublime, o regio peito,
 Nenhum caso possibil tem por grande.
 Bem parece que o nobre & gram conceito
 Do Lusitano espirito demande
 Maior credito, & fe de mais alteza,
 Que crea delle tanta fortaleza.

Sabe que ha muitos annos, que os antigos
 Reis nossos firmemente propuserão
 De vencer os trabalhos, & perigos,
 Que sempre às grandes cousas se opuserão
 E descobrindo os mares inimigos
 Do quieto descanso, pretenderão
 De saber que fim tinham, & onde estauam
 As derradeiras praias que lauauam.

Conceito digno foi do ramo claro
 Do venturoso Rei, que arrou primeiro
 O mar, por yr deitar do ninho caro
 O morador de Abila derradeiro:
 Este por sua industria, & engenho raro,
 Nun madeiro ajuntando outro madeiro,
 Descobrir pode a parte, que faz clara
 De Argos, da Ydra a luz, da Lebre, e da Ara.
 Crecendo

Crescendo cos successos bons primeyros
No peyto as ousadias, descobriram
Pouco & pouco caminhos estrangeyros,
Que hũs succedendo aos outros proseguiram:
De Affrica os moradores derradeyros
Austrais, que nunca as sete flammaz viram,
Forão vislos de nos, atras deyxando
Quantos eslamos Tropiccos queymando:

Assi com firme peyto, & com tamanho
Proposito vencemos à Fortuna,
Ate que nos no teu terreno estranho
Viemos por a vltima columna:
Rompendo a força do liquido estanho
Da tempestade horrificca, & importuna
Ati chegamos, de quem so queremos
final, que ao nosso Rey de ti leuemos.

Esta he a verdade Rey, que nam faria
Por tam incerto bẽm, tam fraco premio
Qual, nam sendo isto assi, esperar podia,
Tam longo tam fingido, & vãõ proemio:
Mas antes descansar me deyxaria
No nunca descansado & fero gremio
Da madre Thetis, qual pirata inimico
Dos trabalhos alheynos feyto rico.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Aſi que ô Rey, ſe minha grão verdade
Tês por qual he, ſincera, & não dobrada
Ajuntame ao deſpacho breuidade,
Não me impidas o goſto da tornada:
E ſe inda te parece falſidade,
Cuyda bem na razão que eſta prouada,
Que com claro juyzo pode verſe,
Que facil he a verdade dentenderſe.

Atento eſtaua o Rey na ſegurança,
Com que prouaua o Gama o que dezia,
Concebe delle certa conſiança,
Credito firme, em quanto proferia,
Pondera, das palauras ha abaſtaça,
Iulga na autoridade grão valia,
Começa de julgar por enganados
Os Catuaes corrutos, mal julgados.

Iuntamente a cobiça do proueyto,
Que eſpera do contrato Luſitano,
O faz obedecer, & ter reſpeyto,
Co Capitão, & nam co Mauro engano,
Enfim ao Gama manda, que direyto
Aas naos ſe vâ, & ſeguro dalgum dano
Poſſa a terra mandar qualquer fazenda,
Que pela eſpeciaria troque, & venda.

Que

Que mande da fazenda enfim lhe manda,
 Que nos Reynos Gangeticos faleça,
 Salgũa traz idonea la da banda
 Donde a terra se acaba, & o mar começa.
 Ia da Real presença veneranda
 Se parte o Capitam, pera onde peça
 Ao Catual, que delle tinha cargo
 Embarcaçam, que a sua esta de largo.

Embarcação que o leue aas naos lhe pede:
 Mas o mao Regedor, que nouos laços
 Lhe machinaua, nada lhe concede,
 Interpondo tardanças & embaraços:
 Coelle parte ao caes, porque o arrede
 Longe quanto poder dos regios paços,
 Onde, sem que seu Rei tenha noticia,
 Faça o que lhe insinar sua malicia.

La bem longe lhe diz, que lhe daria
 Embarcaçam bastante, em que partisse,
 Ou que pera a luz crastina do dia
 Futuro, sua partida diffirisse:
 Ia com tantas tardanças entendia
 O Gama, que o Gentio consentisse
 Na matençam dos Mouros, torpe & fera,
 O que delle ate li nam entendera.

Era

OS LVSIADAS DE L. DE CA:

Era este Catual, hum dos que estauam
Corrutos pela Maumetana gente,
O principal por quem se governauam
As cidades do Samorim potente:
Delle somente os Mouros esperauam
Efeyto a seus enganos torpemente,
Elle, que no concerto vil conspira
De suas esperanças nam delira;

O Gama com instancia lhe require
Que o mande por nas naos, & nam lhe val,
E que assi lho mandára, lhe refere,
O nobre successor de Perimal:
Porque razam lhe impede & lhe difere
A fazenda trazer de Portugal,
Pois aquillo que os Reis já tem mandado
Nam pode ser por outrem derogado?

Pouco obedece o Catual corruto
Atais palauras, antes reuoluendo
Na fantasia algum sutil, & astuto
Engano diabolico, & estupendo,
Ou como banhar possa o ferro bruto
No sangue auorrecido, estaua vendo,
Ou como as naos em fogo lhe abrasasse,
Porque nenhũa aa patria mais tornasse!

Que

Que nenhum torne aa patria so pretende
O conselho infernal dos Maumetanos,
Porque nam saiba nunca onde se estende
A terra Eoa o Rei dos Lusitanos:
Não parte o Gama em fim, que lho defende
O Regedor dos barbaros profanos,
Nem sem licença sua yrse podia,
Que as almádias todas lhe tolhia.

Aos brados & razões do Capitam,
Responde o Idolatra, que mandasse
Chegar aa terra as naos, que longe estão,
Porque milhor dali fosse, & tornasse:
Sinal he de inimigo, & de ladram,
Que la tam longe a frota se alargasse,
Lhe diz, porque do certo & fido amigo
He nam temer do seu nenhum perigo.

Nestas palauras o discreto Gama
Enxerga bem, que as naos deseja perto
O Catual, por que com ferro, & flama
Lhas assalte, por odio descoberto:
Em varios pensamentos se derrama:
Fantasiando está remedio certo,
Que desse a quanto mal se lhe ordenava,
Tudo temia, tudo em fim cuidava

Qual

Qual o reflexo lume do polido
 Espelho de aço, ou de cristal fermoso,
 Que do rayo solar sendo ferido,
 Vai ferir noutra parte luminoso,
 E sendo da ouciosa mão mouido
 Pela casa do moço curioso,
 Anda pelas paredes, & telhado,
 Tremulo, aqui & ali, & deffosssegado:

Tal o vago juyzo fluctuana
 Do Gama preso, quando lhe lembrara
 Coelho, se por caso o esperaua
 Na praia cos bateis, como ordenara:
 Logo secretamente lhe mandaua,
 Que se tornasse aa frota, que deixàra,
 Nam fosse salteado dos enganos,
 Que esperaua, dos feros Maumetanos.

Tal ha de ser, quem quer co dom de Marte,
 Imitar os illustres, & igoalalos.
 Voar co pensamento a toda parte,
 Adiunhar perigos, & euitallos:
 Com militar engenho, & sutil arte
 Entender os imigos, & enganalos,
 Crer tudo em fim, que nunca louuarey
 O Capitão que diga, não cuidey.

Insiste

Insiste o Malabar em telo preso,
 Senão m'inda chegar a terra a armada,
 Elle constante & de yra nobre acoso,
 Os ameacos seus nam teme nada:
 Que ante quer sobre si tomar o peso,
 De quanto mal a vil malicia osfida
 Lhe andar armada, que por em ventura
 A frota de seu Rei, que tem segura.

Aquella noite esteue ali detido,
 E parte do outro dia, quando ordena
 De se tornar ao Rei: mas impedi-lo
 Foy da guarda que tinha não pequena:
 Cometelhe o Gentio outro partido,
 Teme-ido de seu Rei castigo, ou pena,
 Se sabe esta malicia, a qual asinha
 Saberà, se mais tempo ali o detinha:

Diz-lhe que man.le vir toda a fazenda
 Vendibil, que trazia, pera terra,
 Pera que de vagar se troque & venda,
 Que quem nam quer commercio busca guerra:
 Posto que os maos prepositos entenda
 O Gama, que o dana-lo peito encerra,
 Consente, porque sabe por verdade,
 Que compra coa fazenda a liberdade.

Concertãse

OS LVSIADAS DE L. DE CAI

Concertãse que o negro mande dar
Embarcações idoneas com que venha,
Que os seus bateis nam quer auenturar,
Onde lhos tome o imigo, ou lhos detenha:
Partem as almadias a buscar
Mercadoria Hispana, que conuenha,
Escreue a seu yrmão, que lhe mandasse
A fazenda, com que se resgataste.

Vem a fazenda a terra, aonde logo
A agasalhou o infame Catual:
Coella ficam Aluaro & Diogo,
Que a podessem vender pelo que val,
Se mais que obrigacam, que mando & rogo.
No peito vil o premio pode & val,
Bem o mostra o Gentio a quem o entenda,
Pois o Gama soltou pela fazenda,

Por ella o solta, crendo que ali tinha
Penhor bastante, donde recebesse
Interesse maior do que lhe vinha,
Se o Capitam mais tempo detinhesse:
Elle vendo que ja lhe nam conuinha
Tornar a terra, porque nam podesse
Ser mais retido, sendo aas naos chegado
Nellas estar se deixa descansado.

Nas naos estar se deixa vagaroso,
 Até ver o que o tempo lhe descobre,
 Que nam se fia ja do cobicioso
 Regedor corrompido & pouco nobre.
 Veja agora o juyzo curioso
 Quanto no rico, assi como no pobre
 Pode o vil interesse & sede imiga
 Do dinheiro, que a tudo nos obriga:

A Polidoro mata o Rey Treicio,
 Sò por ficar senhor do gram tesoure:
 Entra, pelo fortissimo edificio
 Com a filha de Acriso a chuua douro:
 Pode tanto em Tarpeia auaro vicio,
 que a troco do metal luzente, & louro,
 Entrega aos inimigos a alta torre,
 Do qual quasi afogada empago morre

Este rende munião fortalezas,
 Faz tredores, & falsos os amigos,
 Este a mais nobres faz fazer vilezas,
 E entrega Capitães aos inimigos:
 Este corrompe virginais purezas,
 Sem temer de honra, ou fama algũs perigos,
 Este lepraua as vezes às ciencias
 Os juyzos cegando, & as consciencias.

Este

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Este interpreta mais que sutilmente
Os textos este faz & desfaz leis:
Este causa os perjuros entre a gente:
E mil vezes tirânos torna os Reis.
Ate os que so a Deos omnipotente
Se dedição, mil vezes ouuireis,
Que corrompe este encantador, & illude:
Mas nam sem cor com tudo de virtude.

F I M.

Canto Nono.

Tluerão longamen-
te na cidade
Sem vender se a fazenda os do-
us feitores,

Que os injeis por manha, & falsidade
Fazem, que nam lha comprem mercadores,
Que todo seu proposito, & vontade
Era, deter ali os descubridores
Da India, tanto tempo que viessem
De Meca as naos, que as suas desfizessem.

Lano

Lano seio Eritreo, onde fundada
 Arsinoe foi do Egipcio Ptolomeo,
 Do nome da irmã sua assi chamada,
 Que despois em Suez se conuerteo,
 Não longe, o porto jaz da nomeada
 Cidade Meca, que se engrandeceo
 Com a supersticiam falsa, e profana,
 Da relegiosa agoa Maumetana.

Gidda se thama o porto, donde o trato
 De todo o roxo mar mais florecia,
 De que tinha proueito grande, e grato
 O Soldão que esse Reino possuia:
 Daqui aos Malabares, por contrato
 Dos infieis, fermosa companhia
 De gran.les naos, pelo Indico Oceano,
 Especiaria vem buscar cada anno.

Por estas naos os Mouros esperauam,
 Que como fossem grandes e possantes
 Aquellas, que o commercio lhe tomauam,
 Com flamas abrasassem crepitantes:
 Neste socorro tanto confianam,
 Que já nam querem mais dos nauegantes,
 Se nam que tanto tempo ali tardassem,
 Que da famosa Meca as naos chegassem.

T

Mas

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Mas o Governador dos ceos, e gentes,
Que pera quanto tem determinado,
De longe os meios dà conuenientes,
Por onde vem a effeito o fim fadado,
Influiu piadosos accidentes
De afficam em Monçaidc, que guardado
Estaua pera dar ao Gama auiso,
E merceer por isso o Paraíso.

Este de quem se os Mouros nam guardauão,
Por ser Mouro como elles, antes era
Participante em quanto machinauão,
Atencam lhe d' fobre torpe e feras:
Muitas vezes as naos que longe estauão
Visita, e com piedade considera
O dano, sem razão, que se lhe ordena,
Pela maligna gente Sarracena.

Informo oculto Gama das armadas,
Que de Arabica Meca vem cadano,
Que agora são do seus tam desepadas,
Pera ser instrumento deste dano:
Diz lhe que vem de gente carregadas,
E dos trouões horrendos de Vulcano,
E que pode ser dellas opremito,
Segundo estava mal apercebido.

O Gama

O Gama que tambem considerava
 O tempo, que pera a partida o chama,
 E que despacho ja nam esperava
 Milhor do Rei, que os Maumetanos ama:
 Aos feitores, que em terra estão, mandava
 Que se tornem aas naos: & porque a fama
 Desta subita vir-la os nam impida,
 Lhe manda que a fizessem escondida.

Porem nam tardou muito, que voan.lo
 Hum rumor nam soasse com verdade,
 Que forão presos os feitores, quando
 Foram sentidos vir-se da cidade:
 Esta fama as orelhas penetrando
 Do sabio capitam, com brevidade
 Faz represaria nũs, que aas naos vierão,
 A vender pedraria que trouxerão.

Eram estes antigos mercadores
 Ricos em Calecu, & conhecidos
 Da falta delles, logo entre os milhores
 Sentido foi, que estão no mar retidos:
 Mas ja nas naos os bõs trabalhadores,
 Vluem o cabrestante, & repartidos
 Pelo trabalho, hũs puxam pela amarra,
 Outros quebram co peito duro a barra.

OS LUSIADAS DE L. DE CAI

Outros pendem da verga, e ja desatam
A uella, que com grita se soltaua,
Quando com maior grita ao Rei relutam
A pressa, com que a armada se leuaua:
As molheres e filhos, que se matam
Daquelles que vão presos, onde estaua
O Samorim, se aqueixão que perdidos
Hũ tem os pais, as outras os maridos.

Manda logo os feitores Lusitanos
Com toda sua fazenda liuremente,
Apesar dos inimigos Maumetanos,
Porque lhe torne a sua presa gente.
Desculpas manda o Rei de seus enganor,
Recebe o Capitão de melhormente
Os presos, que as desculpas, e tornando
Alguns negros, se parte as vellas dando.

Parte se costa abaxo, porque entende
Que em vão co Rei gentio trabalhaua,
Enquerer delle paz, a qual pretende
Por firmar o commercio que trataua:
Mas como a puella terra que se estende
Pela Aurora, sabida ja deixaua,
Com estas nouas torna aa patria cara,
Certos finis levando do que achara.

Leua algũs Malibares, que tomou
 Per força, dos que o Samorim mandára;
 Quando os presos feitores lhe tornou:
 Leua pimenta ardente que comprára:
 A seca flor de Banda nam ficou,
 A Noz, & o negro cravo, que faz clara
 A noua ilha Maluco, coa canella,
 Com que Ceilão he rica illustre & bella,

Isto tudo lhe ouuera a diligencia
 De Monçaide fiel, que tambem leua,
 Que inspirado de Angelica influencia,
 Quer no liuro de Christo que se escreua,
 O ditoso Affricano, que a clemencia
 Diuina assi tirou de scura treua,
 E tam longe da patria achou maneira,
 Pera subir aa patria verdadeira.

Apartadas assi da ardente coſta,
 As venturoſas naos, levando a proa
 Pera onde a natureza tinha poſta
 A Meta Auſtrina da eſperança boa,
 Levando alegres nouas & reposta,
 Da parte Oriental por Lisboa,
 Outra vez cometendo os duros medos
 Do mar incerto, temi los & ledos.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

O prazer de chegar aa patria cara,
A seus penates caros & parentes,
Pera contar a peregrina, & rara
Nauegacam, os varios ceos, & gentes,
Vir a lograr o premio, que ganhara
Por tam longos trabalhos, & accidentes,
Cada hum, tem por gosto to m perf'ito,
Que o coracão para elle he vaso estreito.

Porem a Deos Cipria, que ordenada
Era pera fauor dos Lusitanos
Do Padre eterno, & por bom genio dada
Que sempre os guia ja de longos annos:
A gloria por trabalhos alcançada,
Satisfacem de bem soffridos danos,
Lbe andaua ja ordenando, & pretendia
Dar lhe nos mares tristes alegria.

Despois de ter hum pouco reuoluido
Na mente o largo mar que nauegaram,
Os trabalhos, que pelo Deos nascido,
Nas Amphioneas Thebas, se causaram,
La trazia de longe no sentido,
Pera premio de quanto mal passaram,
Buscar lhe algum deleite, algum descanso
No Reino de cristal liquido, & manso.
Alguns

Algum repouso em fim, com que podesse
 Refucillar a lassa humanidade
 Dos navegantes seus, como interesse
 Do trabalho, que incurta a breue idade:
 Parecelhe razam que conta desse
 A seu filho, por cuja potestade
 Os Deoses faz dezer ao vil terreno,
 E os humanos subir ao ceo sereno.

Isto bẽm reuoluido, determina
 Dezerthe aparelhada la no meio
 Das agoas, algũa insula diuina
 Ornada des naltado & verde ar reio:
 Que muitas tem no reino, que confina
 Da primeira co terreno seio,
 Afora as que possue soberanas,
 Pera dentro das portas Herculanias.

Ali quer que as aquáticas donzellis,
 Escreiem os fortissimos b. rões,
 Todas as que tem titolo de bellas,
 Glorria dos olhos, dor dos corações,
 Com danças, & coreas, por que nellas
 Influirã secretas affeições,
 Pera com mais vontade trabalharem
 E contentar a quem se affeçoarem.

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Tal manha buscou ja, pera que aquelle
 Que de Achises pario, bem recebido
 Fosse no campo que a bouina pelle
 Tomou de esp'igo, por sutil partido:
 Seu filho vai buscar, porque so nelle
 Tem todo seu poder, fero Cupido,
 Que asico no naquella empresa antiga
 A ajudou ja, nestoutra a ajude & siga.

No carro ajunta as aues, que na vida
 Vão da morte as exequias celebrando,
 E aquellas em que ja foi convertida
 Peristerra, as boninas apanhando:
 Em derredor da Deosi ja partida,
 No ar lasciuos beijos se vão dando,
 Ella por onde passa o ar, & o vento
 Sereno faz, com brando mouimento.

Li sobre os Idalios montes pende,
 Onde o filho frecheiro estaua entam,
 Ajuntan lo outros muitos, que pretende
 Fazer hũa famosa expediçam
 Contra o mundo reuelde, porque emende
 Erros grandes, que ha dias nelle estam,
 Amando cousas que nos foram dadas,
 Nam pera ser amadas, mas vsadas.

Via Acleon na caça, tam austero,
De cego na alegria bruta, insana,
Que por seguir hum feo animal fero,
Foge da gente, & bella forma humana:
E por castigo quer doce, & seueros,
Mostra lbe a fermosura de Diana,
E guarde se nam seja inda comido
Desses cães que agora ama, & consumido.

E vê do mundo todos os principais,
Que nenhum no bem publico imagina,
Vê nelles, que nam tem amor a mais
Que a si somete, & a quem Philaucia infina
Vê que esses que frequentam os reais
Paços, por verdadeira & sã doutrina
Vendem adulaçam, que mal consente
Mondar se o nouo trigo florecente.

Vê que aquelles que deuem aa pobreza
Amor diuino, & ao pouo charidade,
Amão somente mandos, & riqueza,
Simul mdo justiça, & integridade:
Da fea tyrania & de aspereza
Fazem direito, & vã seueridade:
Leis em fauor do Rei se estabelecem,
As em fauor do pouo so perecem.

Veem

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Vêem fim que ninguém ama o que deue,
Se nam o que somente mal deseja,
Nam quer que tanto tempo se releue,
O castigo que duro, & justo seja:
Seus ministros ajunta, porque leue
Exércitos conformes aa peleja,
Que espera ter coa mal regida gente,
Que lhe nam for agora obediente.

Muitos destes mininos voadores,
Estão em varias ondas trabalhando,
Hũs amolando ferros passadores,
Outros asteas de setas delgaçando,
Trabalhando cantando estam de amores,
Varios casos em verso modulando,
Melodia sonora, & concertada,
Suave a letra, angelica a soada.

Nas fragoas immortais, onde foi jauam,
Perã as setas as pontas penetrantes,
Por lenha, corações arlendo estauam,
Viuas entranhas inda palpitantes:
As agnas onde os ferros temperauam,
Lagrimas sam de miseros amantes,
A viua flama, o nunca morto l me,
Desço he so que queima, & não consume.

Alguas

Algũs exercitando a mão a diuam,
Nos duras corações da plebe ruda,
Crebros suspiros pelo ar soauam,
Dos que feridos vão, da seta aguda,
Fermosas Nymphas sam as que curauam
As chagas recebidas cuja ajuda
Nam somente dà vida aos mal feridos:
Mas poem em vida os inda nam nascidos.

Fermosas sam algũas & outras feas
Segundo a qualidade for das chagas,
Que o veneno espalhado pelas veas
Curão no aas vezes asperas triagas
Algũs ficam ligados em cadeas,
Por palauras sutis de sabias Magas,
Isto acontece aas vezes quando as setas
Acertam de leuar eruas secretas.

Destes tiros assi desordenados,
Que estes moços mal destros vão tirando,
Nascem amores mil desconcertados
Entre o pouo ferido miserando
Et tambem nos heroes de altos estados
Exemplos mil se vem de amor n'fando,
Qual o das moças, Bibli & Cynireia
Hum mancebo de Aſſiria hum de Indea.

E vos

OS LUSIADAS DE L. DE CA:

E vos ô poderosos por pastoras
Muytas vezes ferido o peyto vedes,
E por bayxos, & rudos vos senhoras
Tambem vos tomão nas Vulcanias redes;
Hús esperando andais nocturnas horas,
Outros subis telhados & paredes,
Mas eu creyo que deste amor indino,
He mais culpa a da mãy, que a do minino;

Mas ja no verde prado o carro leue
Punhão os brancos Cisnes mansamente,
E Dione, que as rosas entre a neve
No rosto traz, dicia diligente.
O frecheiro, que contra o ceo se atreue,
A recebella vem, ledo, & contente,
Vem todos os cupidos seruidores,
Beijar a mão aa Deosa dos amores.

Ella porque nam gaste o tempo em vão,
Nos braços tendo o filho, confiada
Lhe diz, amado filho, em cuja mão
Toda minha potencia está fundada:
Filho em quem minhas forças sempre estão,
Tu que as armas Tifeas tês em nada,
A socorrerme a tua potestade
Me traz especial necessidade.

Bem

Bem ves as Lusitanicas fadigas,
 Que enja de muito longe fauoreço,
 Porque das Parcas sey minhas amigas,
 Que me ande venerar & ter em preço,
 E porque tanto imitam as antigas
 Obras de meus Romanos, me offereço
 A lbe dar tanta ajuda em quanto posso,
 A quanto se estender o poder n'osso.

E porque das insidias do odio so
 Baco foram na India molestados,
 E das injurias sos do mar vndoso,
 Poderão mais ser mortos, que cansados
 No mesmo mar, que sempre temeroso
 Lhe foi, quero que sejam repousados,
 Tomando aquelle premio, & doce gloria
 Do trabalho que faz clara a memoria.

E pera isso queria que feridas
 As filhas de Nereo, no ponto fundo,
 Da mor dos Lusitanos encendidas,
 Que vem de descobrir o nouo mundo,
 Todas n'ua ilha juntas & subidas,
 Ilha que nas entrinbas do profundo
 Oceano, terei aparelhada,
 De dões de Flora, & Zefiro adornada.

OS LUSIADAS DE L. DE CA:

Ali com mil refrescos & manjares,
Com vinhos odoriferos, & resas,
Em cristalinos paços singulares,
Fermosos leitões, & ellas mais fermosas;
Em fim com mil deleites nam vulgares,
Os esperem as Nymphas amorosas,
Damor feridas, pera lhe entregarem
Quanto dellas os olhos cobicarem.

Quero que aja no reino Neptonino
Onde eu nasci, pro genie forte & bella;
E tome exemplo o mundo vil, malino,
Que contra tua potencia se reuela.
Porque entendam que muro adamantino,
Nem iriste hypocresia val contra ella.
Mal auerà na terra quem se guarde,
Se teu fogo immortal nas agoas arde.

Assi Venus propos, & o filho inico
Pera lhe obedecer ja se apercebe,
Manda trazer o arto eburneo rico,
Onde as setas de ponta de ouro embebe;
Com gesto ledo a Cipria, & impudico,
Dentro no carro o filho seu recebe,
Ha redea larga aas aues, cujo canto
Ha Phaetontea morte choi ou tanta.

Mas diz Cupido, que era necessaria
Hũa famosa, & celebre terceyra,
Que posto que mil vezes lhe he contraria,
Outras muitas ha tem por companheyras:
A Deusa Gigantea temeraria,
Lucicante, mintirosa, & verdadeyra,
Que com cem olhos ve, & por onde voa
O que vê com mil bocas apregoa.

Vão a buscar, & mandam a diante,
Que celebrando va com tuba clara,
Os louvores da gente nauegante,
Mais do que nunca os dourem celebrar:
Ia murmurando a fama penetrante
Pelas fundas cauernas se es alhára,
Fala verdade, a vida por verdade,
Que junto a Deusa traz Credulidade.

O lounor grande, o rumor excellente
No coração dos Deoses, que indinados
Forão por Baco contra a illustre gente,
Mudando os fez hum pouco afeyçoados:
O peyto femimil, que leuemente
Muda quaesquer propositos tomados.
Ia julga por mau zelo, & por ruezza
Desejar m. l. tanta fortaleza.

D. Spede

Despede nisto o fero moço as setas
 Húa apos outra, geme o mar cos tiros,
 Dereitas pelas ondas inquietas,
 Algũas vão, & algũas fazem giros:
 Caem as Nymphas, lançam das secretas
 Entranhãs ardentissimos sóspiros,
 Caê qualquer, sem ver o vulto que ama,
 Que tanto como a vista pôde a fama.

Os cornos ajuntou da eburnea Lãa,
 Com força o moço indomito excessua,
 Que Thetis quer ferir mais que nenhũa,
 Porque mais que nenhũa lhe era esquina:
 Ia não fica ãa aljuua seta algũa
 Nem nos equoreos campos Nympha vira,
 E se feridas inda estão viuento,
 Sera pera sentir que vão morrendo.

Day lugar altãs & ceruleas ondas,
 Que vedes Venus traz a medicina,
 Mostrando as brancas vellãs, & redondas,
 Que vem por cima da agoa Neptunina:
 Pera que tu reciproco respondas
 Ardente Amor aa flama feminina,
 He forçado que a pudicicia honesta
 Faça quanto lhe Venus amoesta.

Ia todo o bello coro se aparelha
 Das Nereidas, e junto caminha
 Em coreas gentis, usança velha,
 Pera a ilha, a que Venus as guiaua:
 Ali a formosa Deusa lha aconselha
 O que ella fez mil vezes, quando amava,
 Ellas que vão do doce amor vencidas,
 Estam a seu conselho offerecidas.

Cortando vão as naos a larga via
 Do mar ingente, pera a patria amada,
 Desejando prouer-se de agoa fria,
 Pera a grande viajem prolongada;
 Quando juntas com subita alegria,
 Ouueram visita da ilha namorada,
 Rompendo pelo ceo a mãe formosa
 De Menonito, suave e delectosa.

De longe a ilha virem fresca e bella,
 Que Venus pelas ondas lha leuava.
 (Bem como o vento leua branca vella)
 Pera onde a forte armada se enxergava,
 Que por que nam piassem, sem que nella
 Tomassem porto, como d'sjava,
 Pera onde as naos nauegão a mouia
 A Accidalia, que tudo em fim podia:

Mas firme a fez & imobil, como vio
 Que era dos Nautas vista, & demandada,
 Qual ficou Delos, tanto que pario
 Latona Phebo, & a Deosa aa caça vsada:
 Pera la logo a proa o mar abrio,
 Onde a costa fazia hũa enseada
 Curua & quieta, cuja branca area
 Pintou de ruinas conchas Cyterea.

Tres fermosos outeiros se mostrauam
 Erguidos com soberba graciosa,
 Que de gramineo esmalte se adornauam,
 Na fermosa ilha alegre, & deleitosa:
 Claras fontes & limpidas manauam
 Do cume, que a verdura tem viçosa,
 Por entre pedras aluas se dirina,
 A sonorosa Limpha fugitina.

Num valle ameno, que os outeiros fende
 Vinham as claras agoas ajuntar-se,
 Onde hũa mesa fazem, que se estende
 Tam bella, quanto pode imaginar-se:
 Aruoredo gentil sobre ella pende,
 Como que prompto esta pera afeitar-se,
 Vendose no cristal resplandecente,
 Que em si o esta pintando propriamente.

Mil arvores estão ao ceo subindo,
 Com pomos odoríferos & bellos,
 A Lorangeira tem no fructo lindo
 Acor, que tinha Daphne nos cabellos:
 Encostase no chão, que está caindo
 A Cidreira cos pesos amarelllos,
 Os fermosos limões ali cheirando
 Estão virgineas tetas imitando.

As arvores agrestes, que os boteiros
 Tem com frondente coma emnobrecidos
 Alemos são de Alcides, & os Loureiros
 Do louro Deos amados, & queridos:
 Mirtos de Cythera, cos Pinheiros
 De Cybele por outro amor vencidos,
 Está apontando o agudo Cipariso
 Pera onde he posto o Etereo paraíso.

Os dões que dá Pomona, ali natura
 Produze diferentes nos sabores,
 Sem ter necessidade de cultura,
 Que sem ella se dam muito milhores.
 As Cerejas porpúreas na pintura,
 As Amoras, que o nome tem de amores,
 O pomo, que da patria Persia veio,
 Milhor tornado no terreno alheio.

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Abre a Romã, mostrando a rubicunda
Cor, com que tu Rubi teu preço perdes
Entre os braços do Ulmeiro está a jocunda
Vide cãs cachos roxos, & outros verdes:
E vos se na vossa arvore fecunda
Per as pyramidaes viuer quizerdes,
Entregai-vos ao dano, que cos bicos
Em vos fazem os passaros inicos.

Pois a tapeçaria bella & fina,
Com que se cobre a rustico terreno,
Faz ser a de Achemenia menos dina:
Mas o sombrio valle mais ameno:
At a cabeça o flor Cyfisia inclina,
Sobolho tanque lucido & sereno,
Florece o filho & neto de Cyniras,
Por quem tu Deos! Paphia inda suspiras:

Pera julgar disto ilconfa fora,
No ceo vendo, & na terra as mesmas cores,
Se dina aas flores cor a bella Aurora,
Ou se lhe adam a ella as bellas flores:
Pintando estau ali Zefiro & Flora
As violas da cor dos amadores,
O Lirio roxo, a fresca Rosa bella,
Qual reluze nas faces da donzella.

A can

A candida Cecem das Matutinas

Lagrimas ruiadas, & a Manjarona,
 Venje as letras nas flores Hyacintinas,
 Vam queridas do filho de Latona:
 Bem se enxerga nos pomos & boninas
 Que competia Cloris com Pomona:
 Pois se as aues no ar cantando voão,
 Alegres animais o chão povoão.

A longo da agoa o mineo Cisne canta,

Resp n le lbe do ramo Philomena,
 Da sombra de seus cornos nam se espansa
 Acteon nagoa cristalina & bella:
 Aqui a fugace Lebre se levanta
 Da espessa mata, ou temida Gazella,
 Alino bico traz ao caro ninho,
 O mantimento ô leue passarinho.

Nesta frescura tal de sembarcaram

La das naos os segundos Argonautas,
 Onde pola floresta se deixuam
 Andar as bellas Deusas como incantas,
 Algũas doces Cytaras tocauam,
 Algũas arpas, & sonoras frautas,
 Outras cos arcos de ouro se fingião
 Seguir os animais, que nam seguião.

OS LUSIADAS DE L. DE CA:

Afflho aconselhara a mestra experta,
 Que andassem pelos campos espalhadas,
 Que vista dos barões a presa incerta,
 Se fizessem primeyro desejadas
 Algũas, que na forma descuberta
 Do bello corpo estauam confiadas,
 Posta a artificiosa fermosura,
 nuas lauar-se deyxam na agoa pura.

Mas os fortes mancebos, que na praya
 Punham os pès de terra cubicosos,
 Que nam ha nenhum delles, que nam faya
 De acharem caça agreste desejosos:
 Nam cuydam que sem laço, ou redes caya
 Caca naquelles montes deleytosos
 Tão suave, domestica, & berçosa,
 Qual ferida lha tinha ja Eiricina.

Algũs que em espingardas, & nas bestas
 Pera ferir os seruos se fiauam,
 Pelos sombrios matos, & florestas
 Determinadamente se linçauam:
 Outros nas sombras, que de as altas festas
 D fendem a verdura, passeauam
 A longo da agoa, que suave, & queda
 Por aluas pedras corre aa praya le la.

Começão

Começão de enxergar subitamente

Por entre verdes ramos varias cores,
 Cores de quem a vista julga, & sente,
 Que namerão das r' sas, ou da flores,
 Mas da lam fina, & seda diferente
 Que mais inuita a força dos amores,
 De que se vestem as humanas rosas,
 Fazendo-se por arte mais fermosiss.

Da Vel-so espantado hum grande grito,
 Scubores caça estranha disse he esta,
 Se inda duram o Genio antigo rito,
 A Deos'as he sagrada esta floresta:
 Mais desobrimos do que humano espirito
 Desejou nunca, & bem se manifesta
 Que sam grandes as co' sas & excellentes
 Que o mundo encobre aos hom'ens imprudẽ.

Sigamos esta Deos'as, & vejamos,
 Se fant'asticas sam, se verdadeiras,
 Ito dito veloces mais que Gamos,
 Se lançam a correr pelas ribeiras:
 Fugindo as Nymphas v'io por entre os ramos
 Mas mais industrissis que ligeiras,
 Pouco & pouco surundo, & gritos dando,
 Se deixam yr do Galgos alcançando.

OS LVSIADAS DE L DE CA:

De hũa os cabellos de ouro o vento leua
Correndo, & da outra as fraldas delicadas,
Acende-se o desjô que se cêna
Nas oluas carnos subito mostradas,
Hũa de industria cae, & ja releua
Com mostras mais masias, que indinadas,
Que sobre ella empecendo tambem caia
Quem a seguio pela arensa praia.

Outros por outra parte vão topar,
Co nas Deosfas despidas que se lauam,
Ellas começam subito a gritar,
Como que assilio tal nome sp. rauam,
Húas fingindo menos estimar
A vergonha que a força, se lançauam
Nuas por entre o mato, aos olhos dando
O que aas mãos cobicofas vão negando.

Outra como acudindo mais de pressa,
Aa vergonha da Deosfa caçadora,
Esconde o corpo nãgoa, outra se apressa
Por tomar os vestidos, que tem fora:
Tal dos mancebos ha, que se arremessa
Vestido assi & calçado (que co a mora
Desse despir, ha medo que inda tarde)
Amatar na agoa o fogo que nulle arde.

Qual

Qual tão de caçador sagaz & ardido,
Vlado a tomar na agoa a aue ferida,
Vendo rosto o ferreo cano erguido,
Pera a Garcenha, ou Pata conhecida,
Antes que soe o estouro, mal sofrido
Salta nagoa, & da presa nam duuida,
Nadando vay & latindo, asbi o mancebo
Remete ba que nam era yрмаã de Phebo.

Lionardo soldado bem desposto,
Manhoso, caualleiro, & namorado,
A quem amor nam dera hum so desgosto,
Mas sempre fora delle mal tratado:
E tinba ja por firme presuposto
Ser com amores mal afortunado,
Porem nam que perdesse a esperança,
Deinda poder seu fado ter mudança,

Quis aqui sua ventura, que corria
Apos Esfire, exemplo de belleza,
Que mais caro que as outras dar queria,
O que deu pera dar-se a natureza,
Ia cansado correndo lhe dizia.
O fermosura indigna de aspereza,
Pois desta vida te concedo a palma,
Espera hum corpo de quem leuas a alma.

Todos

OS LVSIADAS DE L. DE CA:

Todas te correr cansim, Nimpha pura,
 Rendendo-se aa vontade do inimigo,
 Tu so de my so foges na espessura?
 Quem te disse que euera o que te sigo?
 Se o em dito ja aquella ventura,
 Que em toda a parte sempre anda comigo,
 Onam na creas, porque eu quando a cria,
 Mil vezes cada hora me mentia:

Nam canfes, que me canfas: & se queres
 Fugirme, porque nam possa tocar-te,
 Minba ventura he tal, que inda que esperes
 Ella fàrã que nam possa alcançarte:
 Espera, quero ver, se tu quiseres,
 Que subtil modo bi sca de escoparte,
 E nota às no fim d'ste successo,
 Tra la spica & la man, qual muro he messo:

Onão me fujas, assi nunca o breue
 Tempo fujã de tua fermosura,
 Que so com refrear o passo leue,
 Vencerás da fortuna a força dura:
 Que Emperrador, que exercito se atreue.
 A que tentar a furia d' ventura,
 Que em quanto d' sejey me vai seguindo,
 O que tu so fuas nam me fugindo.

Pois

Põe-te da parte da desdita minha?

Fraqueza he dar ajuda ao mais potente:

Leuas me hum coração, que liure tinha?

Solta mo, & corroras mais leuemente

Não te carrega essa alma tam mezquinha;

Que nesses fios de ouro reluzente

Atada leuas? ou despois de presa

Lbe mudaste a ventura, & menos pesa?

Nesta esperança so te vou seguindo,

Que ou tu n'um sofrerás o peso della,

Ou na virtude de teu gesto lindo,

Lbe mudará a triste & dura estrella.

E se se lbe mudar, não vas fugindo,

que Amor te ferirá, gentil donzella,

E tu me esperarás, se amor te fere,

E se me esperas, não ha mais que espere.

Ia nam fugia a bella Nímpha, tanto

Por se dar cara ao triste que a seguia,

Como por yr ouuindo o doce canto,

As namoradas magoas que dizia:

Voluendo o rosto pa sereno & sancto,

Toda banhada em riso & alegria,

Cair se deixava aos pés do vencedor,

que todo se desfaz em puro amor.

O que

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

O que fimintos beijos na floresta,
 E que mimoso choro que soava,
 Que afagos tam suaves, que yra honesta
 Que em risinhos alegres se tornava;
 O que mais passam na menba & na festa
 Que Venus com prazeres inflamava,
 Milhor he e sprimentalo que julgalo,
 Mas julgue o quem nam pode e sprimentalo.

Desta arte em fim conformes ja as fermosas
 Nymphas, cos seus amados nauegantes,
 Os ornam de capellas delitofas,
 De louro & de ouro & flores abundantes:
 As mãos aluas lbe dauam como esposas
 Com palauras formais & estipulantes,
 Se prometem eterna companhia
 Em vida & morte, de honra & alegria,

Hũa d'ellas maior, a quem se humilha
 Todo o choro das Nymphas, & obedece,
 Que dizem ser de Celo & Vesta filha,
 O que no gesto bello se parece,
 Enchendo a terra, & o mar de maravilha,
 O Capitão illustre que o mereçe,
 Recebe ali com pompa honesta & régia,
 Mostrando se senhora grande & egregia,
 Que

Que despois de lhe ter dito quem era,
Cum alto exordio de alta graça ornado,
Dandolhe a entender, que ali viera
Por alta influença do imobil fado,
Per a lhe descobrir da vinda esphera,
Da terra immensa, & mar nam nauegado
Os segredos, por alta prophecia
O que está sua naçam so merecia.

Tomando o pela mão a lena & guia
Pera o cume dum monte alto & diuino,
No qual hũa rica fabrica se erguia
De cristal toda, & de ouro puro, & fino:
A maior parte aqui passam do dia
Em doces jogos, & em prazer continuo,
Ella nos paços logra seus amores,
As outras pelas sombras entre as flores.

Assi a fermosa, & a forte companhia,
O dia quasi tudo estão passando,
Nũa alma, doce, incognita alegria,
O trabalhos tam longos compensando
Porque dos feitos grandes, da ousadia
Forte & famosa, o mundo está guardando
O premio la no fim bem merecido,
Com fama grande, & nome alto & subido,
Que

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Que as Nymphas do Oceano tam fermosas,
Thetis & a Ilha angelica pintada,
Outra consa nam he, que as deleitosas
Honras, que a vida fazem sublimada:
Aquellas preminencias gloriosas,
O triumphos, a fronte coroada
De Palma & Louro, a gloria & maravilha
Estes sam os deleites desta Ilha.

Que as immortalidades que fingia
A antiguidade, que os illustres ama,
La no eslellante Olimpo a quem subia,
Sobre as asas inclitas da fama,
Por obras valerosas que fazia,
Pelo trabalho immenso, que se chama
Caminho da virtude alto & fragofo:
Mas no fim doce, alegre & deleitoso.

Nam eram senão premios, que reparte
Por feitos mortais & soberbnos,
O mundo cos varões, que esforço & arec
Diuidos os fizeram, sendo humanos:
Que Iupiter, Mercurio, Phebo & Marte
Eneas & Quirino, & os dous Thebanos
Ceres, Palas, & Iuno com Diana
Todos foram de fraca carne humana.

Mas

Mas a fama i trombeta de obras tãis,
 Lhe deu no mundo nomes tam estranhos
 De Deoses, Semideoses immortais
 Indigetes, Eroicos, & de Magnos
 Por isso, o vos que as famas estimais,
 Se quizerdes no mundo ser tamanhos,
 Despertai ja do sono do ocio ignauo,
 Que o animo de liure faz escrãuo.

E ponde na cobiça hum freio duro,
 E na ambiçã tamẽ, que indignamente
 Tomais mil vezes & no torpe & escuro
 Vicio da tirania infame & vrgente:
 Porque essas honras vãas, esse ouro puro
 Verdadeiro valor nam dãn aa gente,
 Milhor he merecellos sem os ter
 Que possuilos sem os mereçer.

On day na paz as leis iguais, constantes,
 Que aos grandes nam dẽm o dos pequenos,
 Ou vos vesti nas armas rutilantes,
 Contra a ley dos inimigos Sarracenos,
 Fareis os Reinos grandes & possantes
 E todos tereis mais, & nenhum menos
 Possuireis riquezas merecidas,
 Com as honras, que illustram tanto as vidas.
 E fareis

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

E fareis il. ro o Rei que tanto amais,
Agora cos conselhos bem cuidados
Agora co as espadas, que immortais
Vos farão, como os vossos ja fassados:
Impossibilidades nam façais,
Que quem quis sempre pode: & numerados
Sereis entre os Heroes esclarecidos,
Eno sta ilha de Venus recebidos

FLM,

 Canto Decimo
& vltimo.



As ja o claro ama-
dor de Larissea

Adultera, inclinaua os animais;
La pera o grande lago, que rodea

Temistitam, nos fins Occidentais;

O grande arder do Sol Fauonio enfrea,

Co sopro, que no tanques naturais

Ence spa a agoa serena, & despertava

Os Lirios, & lazminis que a colma egrava.

Quando

Quando as fermosas Ninfas cos amantes
 Pella mão ja conformes & contentes
 Subião pera os paços radiantes,
 E de metais ornados reluzentes:
 Mandados da Rainha, que abundantes
 Mesas, daltos manjares, excelentes
 Lhe tinha aparelhados, que a fraqueza
 Restaurem da cansada natureza.

Ali em cadeiras ricas cristallinas,
 Se assentam dous & dous, amante & dama
 Noutras as cabeceira douro finas,
 Está coa bella Deosa o claro Gama:
 De ygoarias suaves & diuinias
 A quem não chega a Egipcia antiga fama,
 Se acumulão os pratos de fulho ouro,
 Trazidos la do Atlantico tesouro.

Os vinhos odoríferos, que acima
 Estão nam so do Italico Falerno,
 Mas da Ambrosia, que loue tanto estima,
 Com todo o ajuntamento sempiterno:
 Nos vasos, onde em vão trabalha a lima
 Cresças e cumas erguem, que no interno
 Coraçam mouem subita alegria,
 Saltando coa mistura da goa fria.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Mil praticas a'egres se tocavam
Risos doces, sutis, & argutos ditos
Que entre hũ & outra manjar se alusãtao
Despertando os alegres apetitos:
Musas os instrumentos não faltãao,
Quais no profundo reyno, os nus espiritos
Fizeram d'fãusar da etesna pena,
Cũ voz thũ angelica Syrena.

Cantava a bella Musa, & cos acentos
Que pellas altos picos vão soando,
Em cõfiança ao l, os instrumentos
Suaves vem a bom tempo cõformando:
Hum subito silencio enfrea os ventos,
E fiz bir docemente murmurando
As agoas, & nas casis naturais
Adormecer os brutos animais.

Com doce voz estã subindo ao ceo
Altos varões, que estã por vir ao mundo,
Cujas claras lãas vio Prãtheo,
Num globo vão, diáfano, rotando,
Que Iupiter em dom lho concedeo
Em sonhos, & despois no reino fundo
Vaticinando o disse, & na memoria
Recolheo logo a Ninfa a clara historia.

Materia

CANTO DECIMO. 183

Materia he de Coturno, & nam de Soco
 A que a Nympha ap: endeo no immenso lago
 Qual Iupas nam soube, ou Demodoco,
 Entre os Pheaces hum, o outro em Carthago.
 Aqui minha Caliope te inuola
 Neste trabalho extremo, por que em pago,
 Me tornes, do q' fereuo, & em vão preuendo,
 O gosto de esquecer, que vou per lendo.

Vão os annos decendo, & ja do Estio
 Ha pouco que passar ate o Ottono,
 A fortuna me faz o engenho frio,
 Do qual ja não me jacto, nem me abono:
 Os d's gostos me vão levando ao rio
 Do negro esquecimento, & eterno sono,
 Mas tu me dá que cumpra, o gram Rainha
 Das Musas, co que quero naçam minha.

Canta do a bella Decsa, que viriam
 Do Tejo, pello mar que o Gama abria,
 Armadas que as ribeiras venceriam,
 Por onde o Oie no Induo s' spira:
 E que os Gentios Reis, que nam dariam
 A ceruiz sua ao jugo, o ferro & yra
 Prouariam do braço duro & firme,
 Até render se a elle, ou logo aa morte.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Cantaua dhum que tem nos Malabares
Do sumo sacerdocio a dignidade,
Que so por nam quebrar cos singulares
Barões, os nos que dera damizade,
Sofrerà suas cidades & lugares,
Com ferro, incenlios, ira & crueldade
Ver destruir do Samorim potente:
Que tais alios terà coa noua gente.

Ecanta como la se embarcaria
Em Bellem o remedio deste dano,
Sem saber o que em si ao mar traria
O gram Pacheco, Achiles Lusitano:
O peso sentirão, quando entraria
O curu lenho, & o feruido Oceano,
Quando mais n'agoa os troncos, que gemerem
Contra sua natureza se meterem.

Mas ja chegado aos fins Orientais,
E deixado em ajuda do gentio
Rey de Cochim, com poucos naturais,
Nos braços do sa'gado & curuo rio,
Desbarateira os Naires infernais
No passo Cambilão, tornando frio
Despanto o ar lor i'nmenso do Oriente
Que verà tanto obrar tam pouca gente.
Chamará

Chamará o Samorim mais gente noua:
 Virão Reis Bipur, & de Tânor,
 Das serras de Narsinga, que alta proua
 Estaram prometendo a seu senhor:
 Fara que todo o Naire em fim se mui,
 Que entre Calecú jaz, & Can. nor,
 Dambas as leis inimigas, pera a guerra,
 Mouros por mar, Gentios pola terra,

E todos outra vez desbaratando,
 Por terra & mar, o gram Pacheco ofusado,
 A grande multidam que yrá matando,
 A todo o Malabar terá admirado:
 Cometerá outra vez nam dilatando
 O Gentio os combates apressado,
 Injurianlo os seus, fazendo votos
 Em vão aos Deoses vãos, surdos & immotos

La nam defenderá samente os passos,
 Mas queimarhe ha lugares, templos, casás,
 Acefo de yra o Cão, nam vendo lassos
 Aquelles que as cidades fazem rásas:
 Fará que os seus de vida pouco e lassos
 Cometão o Pacheco que tem asás
 Por dous passos num tempo, mas voando
 Dhum noutro, tudo yrá desbaratando.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Virá ali o Samorim, porque em p'ssoa
 Veja a batalha & os seus esforce & anise,
 Mas hum tiro, que com zoni lo voa,
 De sangue o tingirá no andar sublime:
 I nam vera remedio, ou manha boa,
 Nem força, que o Pacheco muito estime,
 Inuentara truções, & vãos venenos,
 Mas sempre (o ceo querendo) fara menas.

Que tornará a vez se ptima cantava,
 Pellejar co in ucto & forte Luso,
 A quem n'nhum trabalho pesa & agrua,
 Mas com tudo est' so o fara confuso:
 Trara pera a batalha horrenda & braua,
 Machins de madeiros fora de uso,
 Pera lhe abaloar as Carauellas,
 Que ate li vão lhe fora cometellas.

Pella agoa leu tr' i serras de fogo
 Pera abr' su lhe quanta armada tenba,
 Mas a militar arte, & engenho, logo
 Fará ser vaã a br uezi com que venba:
 N'nhum claro barão no Martio jogo,
 Que nas asis da fama se sostenba,
 Chega a este, que a palma a todos toma,
 E perdoeme a illustre Grecia, ou Roma
 Porque

Porque tantas batalhas sustentadas
Com muito pouco mais de cem soldados,
Com tantas manhas, & artes inuentadas
Tantos Cães nam imbelles profligados:
Cupireceram fabulas sonhadas,
Ou que os celestes Coros muocados
Deceram a ajudallo, & lhe darão
E força, força, ardil & coração.

Aquelle que nos Campos Maratonios
O gram poder de Dario esirue & rende,
Ou quem com quatro mil Lacedemonios
O passo de Ternopilas defende,
Nem o mancebo Cocles dos Ausonios,
Que com todo o poder Tusco contende
E a defesa da ponte, ou Quinto Fabio
Foy como este na guerra forte & sabio.

Mas neste passo a Nympha o som canoro
Abaxando, fez ronco & entristecido,
Cantando em baixa voz enuolta em choro
O grande esforço mal agradecido:
O Belisario, disse, que no coro
Das Musas seras sempre engrandecido,
Se em ti viste abatido o brauo Marte,
Aqui tens com quem podes consolar-te.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Aqui tens companheiro a si: nos feitos
Como no galarram injusto & duro,
Em ti & n'lle veremos altos peitos,
Abaxo stado vir humilde, & escuro:
Morrer nos hosp'tais em pobres leitos,
O: que ao Rey, & aa ley seruem de muro,
Isto fazem os Reis, cuja vontade
Manda mais que a justiça & que a verdade.

Isto fazem os Reis, quando embebidos
N'ua aparença branda que os contenta,
Dão os premios de Aíue merecidos,
Aa lingua vaã de Vlisses fraudulenta:
Mas viçome que os bens mal repartidos
Por quem so doces sombras apresenta,
Senão os dam a sabios caualeiros,
Dão os logo a auarentos lisongeiros.

Mas tu de quem ficou tam mal pagado
Hum tal vassallo, o Rey so nisto inico,
Se names pera darlhe honroso estado,
He elle pera darte hum reino rico:
Em quanto for o mundo rodeado
Dos Apolineos rayos, eu te fico
Que elle seja entre a gente illustre & claro
Eu nisto culpado por auaro.

Mas

Mas eis outro, cantava, intitulado
Vem com nome real, & traz consigo
O filho, que no mar sera illustrado
Tanto como qualquer Romano antigo:
Ambos darão com braço forte, armado,
A Quiloa fertil aspero castigo,
Fazendo nella Rey leal & humano,
Deitado fora o perfillo Tirano.

Tambem faram Mombaca, que se arrea
De casas sumptuosas & edificios,
Co ferro & fogo seu, queimada & fea,
Em pago dos passados maleficios:
Depois na costa da India, andando chea
De lenhos inimigos, & arteficios,
Contra os Lufos: com vellas, & com remos
O mancebo Lourenço farà estremos.

Das grandes naos, do Samorim potente,
Que encheram todo o mar, coa ferrea pela
Que sae com trouão do cobre ardente,
Fara pedaços leme, masto, vela,
Depois lançando arpeos oufadamente
Na capitaina immiga: dentro nela
Saltando, a fura so com lança & espada
De quatro centos Mouros despejada.

Mas

OS LYSIADAS DE L. DE CA.

Mas de Deos a escondida prouidencia,
Que ella so sabe o bem de que se ferue,
O pora onde esforço, nem prudencia
Podera auer que a vida lhê reserue:
Em Chaul, onde em sangue & resistencia
O mar todo com fogo & ferro ferue,
Lhe faram que com vida se nam faya
As armadas de Egipto & de Cambaya.

Ali o poder de muitos inimigos
Que o grande esforço, so com ferecenda
Os ventos que faltaram & os perigos
Do mar que sobejaram, tudo o offende.
Aqui resurjam todos os amigos,
A ver o nôbre ardor que aqui se aprende,
Outro Scena verão que espedaçado
Nam sabe ser rendido nem domado.

Com toda hũa coxa fora que em pedaços
Lhe leua hum cego ti o que passara,
Se ferue inda dos animosos braços,
E do gram coração que lhe fiãra:
Ate que outro pil-uro quebra os laços,
Com que co alma o corpo se liara,
Ella solta voou da prisam fora,
Onde subito se acha vencedora.

Vayte

Vayte alma em paz da guerra turbulenta,
Na qual tu mereceste paz serena,
Que o corpo que em pedaços se apresenta
Quem o gerou vingança já lhe ordena:
Que eu ouço retumbar a gram tormenta,
Que venja dar a dura & eterna pena,
De E speras, Basiliscos, & trabucos,
A Cambaicos crueis & a Mamelucos.

Eis vem o pay com animo estupendo,
Trazendo furia & magoa por antolhos
Com que o p: terno amor lhe está mouendo
Fogo no coração, ago: nos olhos:
A nobre yra lhe vinha prometendo
Que o sangue fara dar pellos giolhos
Nas inimigas naos sentilo ha o Nilo,
Podêlo ha o Indo ver & o Gange ouuilo.

Qual o Turco cioso, que se ensaya
Pera a crua pelleja, os cornos tenta
No tronco dhum Carnalho ou alta Faya
E o ar ferindo, as forças exprimenta:
Tal, antes que no seyo de Cambaya
Entre Francisco irado na opulenta
Cidade de Dabul, a espada afia,
Abaxandolhe a tumida oujadia.

E logo

OS LUSIADAS DE L. DE CAI

E logo entrando fero na enseada
De Dio, illustre em cercos & batalhas,
Fara espalhar a fraca & grande armada
De Calecu, que remos tem por malhas:
A de Melique Yaz acautelada,
Cos pelouros que tu Vulcano espalhas,
Fara yr ver o frio & fundo assento,
Secreto leito do humido elemento.

Mas a de Mir Hocem, que abalroando
A furia esperara dos vingadores,
Verã braços & pernas yr nadando,
Sem corpos, pello mar de seus senhores,
Raios de fogo yram representando,
No cego ardor, os brauos domadores,
Quanto ali sentiram olhos & ouvidos,
E fumo, ferro, flamas & alaridos.

Mas ah, que desta prospera vitoria,
Com que despois virã ao patrio Tejo
Quasi lhe roubarã a famosa gloria
Hum successo que triste & negro vejo
O Cabo Tormenterio que a memoria
Cos ossos guarlarã; nam tera pejo
De tirar deste mundo aquelle esrto,
Que nam tiraram toda a India & Egitto.
Alu

Ali Cafres se luagens poderam,
O que de stros inimigos nam poderam,
Erudos paos e sta los sos faram,
O que arcos e peluros nam fizeram,
Occultos os juizos de Deos sam,
As gentes vaãs que nam nos entenderam,
Chamãolhe fado mau, fortuna escura,
Sendo so providencia de Deos pura.

Mas õ que luz tamanha, que abrir sinto,
Dizia a Ninfa, e a voz alevantaua,
La no mar de Melinde em sangue tinto
Das cidades de Lamo, de Oja, e Braua:
Pelio Cunha tambem, que nunca extinto
Sera seu nome, em todo o mar que lava
As ilhas do Austro, e praias, q se chamão
De sam Lourêco, e todo o Sul se afamão.

Esta luz he do fogo, e das luzentes
Armas, com q o Albuquerque yra amãsando
De Ornuos Parseos, por seu mal valentes,
Que refusam o jugo honroso e brando:
Ali verão as setas estri lentes
Reciprocarse, a ponta no ar virando,
Contra quem as tirou, que Deos pelija
Por quem estende a fe da madre Igreja.

Ali

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Ali do salos montes nam defendem
 De corrupçam os corpos no combate,
 Que mortos poll. praya, & mar se estendera
 De Gerum, de Mazcate & Calyate:
 Ate que a força so de traço apren.lem
 A abaxar a ceruiz, on. te se lhe ate
 Obrigaçam de dar o reyno unico
 Das perlas de Barem tributo rico.

Que gloriosas palmas tecer vejo,
 Com que victoria a fronte lhe cerroa,
 Quando sem sombra vaa de medo, ou pejo
 Toma a ilha illustrissima de Goa:
 De spois, obedecendo ao duro enfejo
 A deixa, & occasiam esp. ra boa,
 Com q. a torne a tomar, que e forço & arte
 Venceram a fortuna, & o proprio Marte.

Eis ja sobrell. torna & vay rompendo
 Por nueros, fogo, lincas & piloros,
 Abrindo com a espada o spisso, & herando
 Esquadram de Gentis, & de Mouros:
 Iram soldados inclitos fazendo
 Mais que Lões f. meli. os. & Touros,
 Na luz qu. sempre c. lebrada & d. ma
 Sera da Egipcia sancta Caterina

Nem

Nem tu menos fugir poderas deste,
 Posto que rica, & posto que assentada
 La no gremio da Aurora onde nasceste,
 Opulenta Malaca nomeada:
 As setas venenosas que fizeste,
 Os Criséis com que ja te vejo armada,
 Milaios namorados, laos valentes.
 Todos faras ao Luso obedentes.

Mai estanças cantará esta Syrena
 Em louvor d'illustrißimo Albuquerque,
 Mas alembrote hũa yra que o condena
 Posto que a fama suu o mundo cerque:
 O grande capitam, que o fado ordena
 Que com trabalhos gloria eterna merque,
 Mais ha de ser hum brando companheiro
 Pera os seus, que juiz cruel & inteiro.

Mas em tempo que fomes, & asperezas
 Doenças. f. e. has, & trouões ardentes,
 A saçam & o lugar fazem cruezas
 Nos soldados a tolo obelientes:
 Parece de selvaticas brutezas,
 De peitos inhumanos & insolentes,
 Dar extremo suplicio pella culpa
 Que a fraca humanidade & Amor des'upa.
 Não

OS LUSTIADAS DE L. DE CAJ

Nam scirá a culpa abominoso incesto,
Nem violento estupro em virgem pura,
Nem menos adulterio desonesto,
Mas cūa escrava vil lasciva & escura:
Se o peito ou de ciofo, ou de modesto,
Ou de usado a crueza fera & dura,
Cos seus hūa ira insana nam refrea,
Poē na fama alua noda negra & fea.

Vio Alexandre Apeles namorado
Da sua Campaspe, & deulha alegremente
Nam sendo seu soldado esprimentado,
Nem vendose num cerco duro & urgente:
Sentio Ciro que andaua ja abrasado
Araſpas, de Pantea em fogo ardente,
Que elle tomara em guarda, & promettia
Que nenhum mao desejo o venceria.

Mas vendo o Illustre Persa, que vencido
Fora de amor, que em fim não tem defenſa,
Leuemente o perdoa, & foy seruido
Delle num coſo grande em recompensa:
Per força de ludita foy marido
O ferreō Baldouino, mas dispensa
Carlos pay della, posto em couſas grandes,
Que vira, & pouoador seja de Frandes.

Mas

Mas proseguindo a Nimpha o longo canto,
 De Soarez cantaua, que as bandeiras
 Faria tremolar & por espanto
 Pellas roxas Arabicas ribeiras:
 Midina abominabil teme tanto,
 Quanto Meca, & Gidá, coas derradeiras
 Prayas de Abasia: Barborá se teme,
 Do mal de que o Emporio Zeila geme.

A nobre ilha tambem de Taprobana,
 La pello nome antigo tam famosa,
 Quanto agora soberba & soberana,
 Pella Cortiça calida, cheirosa,
 Della dara tributo aa Lusitana
 Bandeira, quando excelsa & gloriosa
 Vencendo se erguera na torre erguida,
 Em Columbo, dos proprios tam temida.

Tambem Sequeira as ondas Eritreas.
 Diuidindo abria nouo caminho,
 Pera ti grande imperio que te arreas
 De seres de Candace & Sobá ninho:
 Maçua com Cisternas de agoa cheas
 Vera, & o porto Arquico ali vizinho
 E fara descobrir remotas ilhas,
 Que dam ao mundo nouas maravilhas.

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Vira deſpois Meneses, cujo ferro
Mais na Africa que cá tera prouado:
Castigara de Ormuz Soberba o erro,
Com lhe fazer tributo dar dobrado:
Tambem tu Gama, em pago do deſterro
Em que eſtas & ſeras inda tornado,
Cos titolos de Conde & dhonras nobres,
Viras mandar a terra que deſcobres.

Mas aquella fatal neceſidade,
De quem ninguem ſe exime dos humanos,
Ilustrado coa Regia dignidade,
Te tirara do mundo & ſeus enganoso:
Outro Meneses logo, cuja ydade
He mayor na prudencia que nos anos,
Gouernará & fara o ditoſo Henrique,
Que perpetua memoria delle fique.

Não vencera ſomente os Malabares,
Deſtruindo Panane, com Coulete,
Cometendo as Bombardas, que nos ares
Se vingão ſo do peito que as comete:
Mas com virtudes certo ſingulares,
Vence os inimigos dalma todos ſete
De cubica triumpho & i continencia,
Que em talidade he ſuma de excellencia.

Mas

Mas despois que as estrellas o chamarem,
Socederas ô forte Mazcarenbas,
E se injustos o mando te tomarem,
Prometote que fama eterna tenhas:
Pera teus inimigos confessarem
Teu valor alto, o fado quer que venhas
A mandar, mais de palmas ceroado,
Que de fortuna justa acompanhado.

No reino de Bintam, que tantos danos
Tera a Malaca muito tempo feitos,
Num so dia as injurias de milanos
Vingaras, co valor de illustres peitos,
Trabalhos & perigos inhumanos,
Abrolhos ferreos mil, passos estreitos,
Tranqueiras, Baluartes, lanças, Setas,
Tudo fico que rompas & sometas.

Mas na India cubica & ambicam,
Que claramente poem aberto o rosto
Contra Deos, & Iustica te faram
Vituperio nenhum, mas so desgosto:
Quem faz injuria vil, & sem rezam
Com forças & poder, em que esta posto,
Nam vence, que a vitoria verdadeira,
He saber ter justica nua & inteira.

Mas com tudo nam nego que Sampayo
 Sera no esforço illustre & afinalado
 Mostrando se no mar hum fero rayo,
 Que de immigos mil vera qualbado:
 Em Bacanor fara cruel ensayo
 No Malabar, pera que amedrontado
 Despois a ser vencido delle venha
 Cutiãle, com quanta armada tenha.

Enão menos de Dio a fera frota
 Que Chaul temerà de grande & onçada,
 Fara coa vista so perdida & rota,
 Por Heitor da Silueira & destrocada:
 Por Heitor Portugues de quem se nota,
 Que na Costa Cambaica sempre armada,
 Sera aos Guzarates tanto dano,
 Quanto ja foy aos Gregos o Troyano.

A Sampayo feroz socederã
 Cunha, que longo tempo tem o leme
 De Chale as torres altas erguerã
 Em quanto Dio illustre delle treme,
 O forte Baçaim se lhe darã,
 Nam sem sangue porem que nelle geme
 Melique, porque a força so de espada
 Atranqueira soberba de tomada.

Tras

Tras este vem Noronha, cujo auspicio
 De Dio os Rumes feros afugenta,
 Dio que o peito & bellico exercicio
 De Antonio da silueira bem sustenta:
 Fara em Noronha a morte o vsado officio,
 Quando hum teu ramo, o Gama, se exprimeça
 No gouerno do Imperio, cujo zelo
 Com medo o roxo mar fara amarelo.

Das mãos do teu Estenão vem tomar
 As redeas hum, que ja sera illustrado
 No Brasil, com vencer & castigar
 O Pirata Frances ao mar vsado:
 Depois Capitão mor do Indico mar,
 O muro de Damão soberbo & armado,
 Escala, & primeiro ent' a porta aberta
 Que fogo & frechas mil teran cuberta.

A este o Rey Cambaico soberbissimo
 Fortaleza dará na rica Dio,
 Porque contra o Mogor poderosissimo
 Lhe ajude a defender o senhorio:
 Depois yra com peito esforcadissimo
 A tolher que nam passe o Rey Gentio
 De Calecu, que asz. com quantos veyo
 O fara retirar de sangue cheyo.

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Destroirá a cidade Repelim,
Pondo o seu Rey com muitos em fugida:
E de ſpois junto ao cabo Comorim
Hũa façanha faz eſclarecida,
A frota principal do Samorim,
Que deſtroir o mundo nam duuida,
Vencerá co furor do ferro & fogo,
Em ſivera Beadala o Marcio jogo.

Tendo aſſi limpa a India dos immigos,
Vira de ſpois com cetro a governala,
Sem que ache resistencia nem perigos,
Que todos tremem d'elle & nenhum fala:
So quis prouar os aſperos caſtigos.
Baticalá, que virá ja de Beadala,
De ſangue & corpos mortos ficou cheia
E de fogo & trouões deſfeita & fea.

Este ſera Martinho, que de Marte
O nome tem coas obras diriuado,
Tanto em armas illuſtre em toda parte,
Quanto em conſelho ſabio & bem cuidado:
Socederlhe ha ali Caſtro, que o eſtandarte
Portugueſ tera ſempre leuantado,
Conforme ſucceſſor ao ſuccedido
Que hũ ergue Dio, outro o deſfende erguido.

Persas

Persas feroces, Abasís & Rumes
Que trazido de Roma o nome tem,
Varios de gestos, varios de costumes
Que mil nações ao cerco feras vem
Faram dos ceos ao mundo vãos queixumes
Porque hũs poucos a terra lhe detem,
Em sangue Portugues juram descritos
De banhar os bigodes retorcidos.

Basiliscos medonhos & Liões,
Trabucos feros, minas encubertas,
Sustenta Mazcarenhas cos barões,
Que tam ledos as mortes tem por certas:
Ate que nas mayores oppressões
Castro libertador, fazendo offertas
Das vilas de seus filhos, quer que fiquem
Com fama eterna, & a Deos se sacrificem.

Fernando hum delles, ramo da alta pranta,
Onde o violento fogo com ruído,
Em pedaços os muros no ar leuanta,
Sera ali arrebatado, & ao cõfuso bido:
Aluaro quando o inuerno o mundo espanta,
E tem o caminho humido impedido,
Abrindoo, vence as ondas, & os perigos,
Os ventos, & despois os inimigos.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Eis vem despois, o pay, que as ondas corta
Com restante da gente Lusitana
E com força & saber, que mais importa,
Batalha, dà felice & soberana:
Hũs paredes subindo escusam porta
Outros a abrem, na fera esquadra insana
Feitos faram tam dinos de memoria,
Que nam caibam em verso, ou larga historia.

Este despois em campo se apresenta
Vencedor forte & intrepido ao possante
Rey de Cambaya, & a vista lhe amedrenta
Da fera multidão pradrupedante:
Não menos suas terras mal sustenta
O Hydaltham do braço triumphante
Que castigando vay Dábul na costa
Nem lhe escapou Pondã no sertão posta.

Estes & outros Barões por varias partes
Dinos todos de fama & maravilha,
Fazendose na terra brauos Martes,
Viram lograr os gostos desta Ilha:
Varrendo triumphantes estandartes
Pellas ondas, que corta a aguda quilha
E acharão estas Nymphas & estas mesas,
Que glorias & hōras sam de arduas emprezas
Assi

Assim cantava a Nympha & as outras todas
 Com sonoro aplauso vozes dauam,
 Com que festejão as alegres vodas,
 Que com tanto prazer se celebravam:
 Por mais que da Fortuna andem as rodas
 Nũa consona voz todas soauam,
 Nam vos hão de faltar, gente famosa,
 Honra, valor, & fama gloriosa.

Depois que a corporal necessidade
 Se satisfez do mantimento nobre,
 E na armonia & doce suauidade,
 Virão os altos feitos, que descobre
 Thetis de graça ornada, & gravidade,
 Pera que com mais alta gloria dobre,
 As festas deste alegre & claro dia
 Pera o felice Gama assim dizia.

Faz te merce barão a Sapiencia
 Suprema, de cos olhos corporais
 Veres, o que nam pode a vã ciencia
 Dos errados & miseros mortais:
 Sigüeme firme & forte com prudencia
 Por este monte espesso, tu cos mais:
 Assim lhe diz, & o guia por hum mato
 Arduo, difficil, duro a humano trato.

Não

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Nam andão muito que no erguido cume
Se acharão, onde hum campo se esmaltava,
De Esmeraldas, Rubis, tais que presume
A vista, que diuino chão pisava:
Aqui hum globo vem no ar; que o lume
Clarissimo por elle penetraua,
De modo que o seu centro esta evidente,
Como a sua superficie, claramente.

Qual a materia seja nam se enxerga,
Mas enxergasse bem que está composto
De varios orbes, que a diuina verga
Compos, & hum centro a todos so tem posto:
Voluendo, ora se abaxe, agora se erga,
Nunca sergue, ou se abaxa, & hū mesmo rosto
Por toda a parte tem, & em toda a parte
Começa & acaba, em fim por diuina arte.

Vniforme, perfeito, em si sustido,
Qual em fim o Archetipo, que o criou:
Vendo o Gama este globo, comouido
De espanto & de desejo alificon,
Diz-lhe a Deusa, O irasunto reduzido
Em pequeno volume aqui te dou
Do mundo aos olhos teus, pera que vejas
Por onde vas, & yras, & o que desjas.

Ves

Ves aqui a grande machina do mundo,
Eterea, & elemental, que fabricada
Assi foy do saber alto, & profundo,
Que he sem principio, & meta limitada,
Quem cerca em derredor este rotundo
Globo, & sua superficie tam limada,
He Deos, mas o q̃ he Deos ninguẽ o entende,
Que a tanto o engenho humano não se estẽde.

Este orbe que primeiro vay cercando
Os outros mais pequenos, que em si tem,
Que està com luz tão clara radiando,
Que a vista cega, & a mente vil tambem
Empireo se nomea, onde logrando
Puras almas estão de aquelle bem,
Taminho, que elle so se entende & alcança,
De quem não ha no mundo semelhança.

Aqui so verdadeiros gloriosos
Diuos estão, porque eu, Saturno & Iano
Iupiter, Iuno, fomos fabulosos
Fingidos de mortal & cego engano:
So pera fazer versos deleitosos
Seruimos, & se mais o trato humano
Nos pode dar, he so que o nome nosso
Nestas estrellas pos o engenho vasso.

Etãobẽ

OS LIVSIADAS DE L. DE CAI

E tambem porque a santa providencia,
Que em Iupiter aqui se representa,
Por espiritos mil, que tem prudencia,
Gouverna o mundo todo, que sustenta:
Insinalo a prophetica sciencia,
Em muitos dos exemplos, que apresenta,
Os que sam bõs, guiando fauorecem,
Os maos, em quanto podeu nos empecem.

Quer logo aqui a pintura que varia,
Agora deleitando, ora insinando,
Dar-lhe nomes, que a antiga Poesia
A seus Deoses ja dera, fabulando:
Que os Anjos de celeste companhia
Deoses o sacro verso está chamando,
Nem nega que esse nome preminente,
Tambem aos maos se dá, mas falsamente.

Em fim que o sumo Deos, que por segundas
Causas obra no mundo, tudo manda:
E tornando a contarte das profundas
Obras da mão diuina veneranda,
Debaxo deste circulo onde as mundas
Almas diuinas gozão, que nam anda,
Outro corre tam leue & tam ligeiro,
Que não se enxerga, he o Mobile primeiro.

Com

Com este raptó & grande mouimento,
 Vão todos os que dentro tem no seyo
 Por obra deste, o Sol andando a tento
 O dia & noite faz, com curso alheyo:
 Debaxo deste leue anda outro lento,
 Tam lento, & sojugado a duro freyo,
 Que em quanto Phebo, de luz nunca escasso
 Dozentos cursos faz, da elle hum passo.

Olha estoutro debaxo, que esmaltado
 De corpos lisos anda, & radiantes,
 Que tambem nelle tem curso ordenado,
 Enos seus axes correm scintilantes:
 Bem ves como se veste & faz ornado
 Co largo cinto douro, que estrellantes
 Animais doze traz afigurados,
 Aposentos de Phebo limitados.

Olha por outras partes a pintura,
 Que as estrellas fulgentes não fazendo.
 Olha a carreta, atenta a Cinosura,
 Andromeda, & seu pay & o drago horrêdo:
 Vê de Cassiopea a fermosura,
 E do Oriente o gesto turbulento,
 Olha o Cisne morrendo que sôspira,
 A Lebre, os Cães, a Nao, & a doce Lira.

Debaxo

OS LVSTADAS DE L. DE CA.

Debaxo deste grande firmamento,
Ves o ceo de Saturno Deos antigo,
Iupiter logo faz o mouimento,
E Marte abaxo bellico inimigo,
O claro olho do ceo no quarto assento,
E Venus, que os amores traz consigo,
Mercurio de eloquencia soberana,
Com tres rostos debaixo vay Diana.

Em todos estes orbes, diferente
Curso veras, nũs graue, & noutros leue;
Ora fogem do centro longamente,
Ora da terra estam caminho breue,
Bem como quis o padre omnipotente
Que o fogo fez, & o ar, o vento & neuẽ;
Os quaes veras que jazem mais a dentro,
E tem co mar a terra por seu centro.

Neste centro pousada dos humanos,
Que nam somente ousados se contentam
De soffrerem da terra firme os danos
Mas inda o mar instabile esperimentam,
Veras as varias partes, que os insanos
Mares diuidem, oude se apousentam
Varias nações, que mandão varios Reis,
Varios costumes seus, & varias leis

Ves

Ves Europa Christãã mais alta & clara
 Que as outras em policia & fortaleza:
 Ves Africa dos bens do mundo auara
 Inculta, & toda chea de bruteza,
 Co Cabo que ate qui se vos negara,
 Que assentou pera o Austro a natureza:
 Olha essa terra toda, que se habita.
 Dessa gente semley, quasi infinita.

Vê do Beno notapa o grande imperio,
 De seluat'ica gente, negra & nua:
 Onde Gonçalo morte & vituperio,
 Padecerà, polla se sancta sua:
 Nace por aste incognito Hemispherio.
 O metal, porque mais a gente sua,
 Ve que do lago, donde se derrama
 O Nilo, tambem vindo está Cuama.

Olha as casas dos negros, como estam
 Sem portas, confiados em seus ninhos
 Na justiça real, & defensam,
 Ena fidelidade dos vizinhos:
 Olha delles a bruta multidam
 Qual bãdo espesso & negro de Estorninhos
 Combaterãem Sofa'a a fortaleza,
 Que defendera Nhaya com destreza.
 Olha

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Olha la as alagoas, donde o Nilo
Nace, que nam souberam os antigos
Vela rega, gerando o Crocodilo,
Os pouos Abassis de Christo amigos,
Olha como sem muros (nouo estilo)
Se defendem melhor dos inimigos,
Ve Meroe, que ilha foy de antiga fama
Que ora dos naturais Nobá se chama.

Nesta remota terra, hum filho teu
Nas armas contra os Turcos sera claro,
Ha de ser dom Christouam o nome seu,
Mas contra o fim fatal nam ha reparo:
Ve ca a costa do mar, onde te deu
Melinde hospicio gasalhofo & caro
O Rapto rio nota, que o romance
Da terra chama Obi, entra em Quilmanee:

O cabô veja Aromatã chamado,
E agora Goardafu dos moradores,
Onde começa a boca do afamado
Mar roxo, que do fundo toma as cores
Este como limite esta lançado
Que diuide Asia de Africa & as milhores
Pouoções, que parte Africa tem
Maqua Sam, Arquico, & Suamquem.

Ves

Ves o extremo Suez, que antigamente
 Dizem que foy dos Heroas a cidade,
 Outros dizem que Arsinoe, & ao presente
 Tem das frotas do Egipto a potestade:
 Olha as agoas, nas quaes abrio patente
 Estrada o gram Mouses na antiga ydade
 Asia começa aqui, que se apresenta
 Em terras grande, em reinos opulenta:

Olha o monte Sinay, que se ennobrece
 Co sepulchro de sancta Caterina,
 Olha Toro & Gida, que lhe falece
 Agoa das fontes doce, & cristalina:
 Olha as portas do estreito, que fenece
 No reyno da seca Adem, que confina
 Com a serra Darzira, pedra viua,
 Onde chuua dos Ceos se não deriua.

Olha as Arabias tres, que tanta terra
 Tomão, todas da gente vaga & bacia,
 Donde vem os caualos pera a guerra
 Ligeiros & feroces, de alta raça:
 Olha a costa que corre ate que cerra
 Outro estreito de Persia, & faz a traga
 O Cabo, que co nome se apellida,
 Da cidade Fartaque ali sabida.

Z Olha

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Olha Dofar insigne, porque manda
O mais cheiroso encenço pera as aras:
Mas atenta ja ca destoutra banda
De Rocalgate & prayas sempre auaras,
Começa o reino Ormuz, que todo se anda
Pellas ribeiras queinda seram claras
Quando as gales do Turco & fera armada
Vuem de Castel branco nua a espada.

Olha o Cabo Asaboro, que chamado
Agora he Macandão dos nauegantes.
Por aqui entra o lago, que he fechado
De Arabia, & Persia terras abundantes.
Aienta ailha Barem, que o fundo ornado
Tem das suas perlasricas & imitantes
Aa cor da Aurora: & ve na agua salgada
Ter o Tigris & Eufrates bñã entrada.

Olha da grande Persia o imperio nobre
Sempre pallio no campo, & nos caualos,
Que se injuria de vsar fundido cobre,
E ae namter das armas sempre os calos:
Mas ve ailha Gerum, como descobre
O que fazem do tempo os intervalos,
Que da cidade Armuzza, que ali estene
Ella o nome despois, & a gloria teue.

Aqui

Aqui de dom Felipe de Meneses
 Se mostrará a virtude em armas clara,
 Quando com muito poucos Portuguezes
 Os muitos Parseos vencerá de Lara:
 Virão prouar os golpes & reueses
 De dom Pedro de Sousa, que prouara
 Ia seu braço em Ampaza, que deixada
 Terá por terra a força jo de espada.

Mas deixemos o estreito & o conhecido
 Cabo de lasque dito ja Carpella,
 Com todo o seu terreno mal querido
 Da natura, & dos dões vsados della,
 Carmania teue ja por apelido:
 Mas ves o fermoso Indo, que daquella
 Altura nace junto aa qual tambem
 Doutra altura correndo o Gange vem.

Olha a terra de Vlconde fertilissima,
 E de laquete a intima enseada,
 Do mar a enchente subita grandissima,
 E a vazante que foge apressurada:
 A terra de Cambaya ve riquissima,
 Onde do mar o seo faz entrada,
 Cidades outras mil, que vou passando,
 A vos outros aqui se estam guardando.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Ves corre a costa cèlebre Indianã
Perao Sul, ate o cabo Comori
Ia chamado Cori, que Taprobana
(Que ora he Ceilão) defronte tem de si.
Por este mar a gente Lusitana
Qua com armas virã despois de ti,
Terã vitorias terras, & cidades
Nas quaes ham de viuer muitas ydades,

As prouíncias, que entre hum & o outro rio
Ves com varias nações, sam infinitas:
Hum reyno Mahometa, outro Gentio,
A quem tem o Demonio leis escriptas:
Olha que de Narsinga o senhorio
Tem as reliquias sanctas & benditas,
Do corpo de Thome, barão sagrado,
Que a Iesu Christo teue a mão no lado

Aqui a cidade foy, que se chamaua
Meliapor, fermosa, grande & rica:
Os Idolos antigos adoraua:
Como inda agora faz a gente inica:
Longo do mar naquelle tempo estaua:
Quando a fe, que no mundo se pubrica,
Thome vinha prégando, & ja passara
Prouíncias mil do mundo, que insinara
Chegado

Chegado aqui prégando & junto dando
A doentes saude, a mortos vida
A caso traz hum dia o mar vagando,
Hum lenho de grandeza desmedida:
Deseja o Rey, que andaua edificando,
Fazer delle madeira, & nam duvida
Poder tiralo a terra com pessantes
Forças dhomēs, de engenbos de Aliphantes.

Era tam grande o peso do madeiro
Que so pera abalar se, nada abasta,
Mas o nuncio de Christo verdadeiro,
Menos trabalho em tal negocio gasta:
Ata o cordão que traz por derradeiro
No tronco, & facilmente o leua & arrasta
Pera onde faça hum sumptuoso templo,
Que ficasse aos futuros por exemplo.

Sabia bem que se com se formoda
Mandar a hum monte surdo, que se moua,
Que obedecer à logo aa voz sagrada,
Que asilho insinou Christo, & elle o proua:
A gente ficou disto aluorocada,
Os Bramenes o tem por cousa noua,
Vendo os milagres, vendo a santidade,
Hão medo de perder autoridade.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Sam estes sacerdotes dos Genitios,
Em quem mais penetrado tinha enueja,
Buscão maneiras mil, buscam de juios
Com que Thome nam se ouça, ou morto seja:
O principal, que ao peito traz os fios,
Hum caso horrendo faz, que o mundo veja,
Que inimiga não ha tam dura, e fera,
Como a virtude falsa da sincera.

Hum filho proprio mata, logo acusa
De homicidio Thome, que era innocente
Dà falsas testemunhas, como se usa
Condenarã no a morte breuemente:
O Santo que nam vê milhor escusa,
Que apellar pera o Padre omnipotente,
Quer diante do Rey, e dos senhores,
Que se faça hum milagre dos mayores.

O corpo morto man-la ser trazido
Que resucite, e seja perguntado;
Quem foy seu matador, e fera crido:
Por testemunho o seu mais aprouado:
Viram todo o moço viuo erguido
Em nome de Iesu crucificado,
Da graças a Thome, que lhe deu vida
E descobre seu pay ser homocida.

Este

Este milagre fez tamanho espanto,
 Que o Rey se banha logo na agoa santa,
 E muitos apos elle, hum beija o manto.
 Outro louvor do Deos de Thome canta:
 Os Bramenes se encheram de odio tanto,
 Com seu veneno os mórde enueja tanta,
 Que persuadindo a isso o pouo rudo,
 Determinão matalo em fim de tudo.

Hum dia que piégando ao pouo estaua,
 Fingirão entre a gente hum arido,
 Ia Christo neste tempo lhe ordenaua,
 Que padecendo fosse ao Ceo subido:
 A multição das pedras, que voaua,
 No Santo dája a tudo offerecido,
 Hum dos maos por fartar-se mai de pressa
 Com crua lança o peito lhe atranessa

Chorarão te Thome, o Gange & o Indo,
 Choroute toda a terra que pisaste,
 Mais te choram as almas, que vestindo
 Se vão da sancta Fe que lhe insinaste:
 Mas os Anjos do ceo cantando & rindo,
 Te recebem na gloria que ganhaste,
 Pedimos te, que a Deos ajuda peças,
 Com que ostens Lusitanos faças.

OS LVSIADAS DE L. DE CA:

E vós outros que os nomes vsurpais
De mandados de Deos, como Thome,
Dizey se sois mandados, como estais
Sem yrdes a prèzar a sancta fe?
Olhay que se sois Sal, & vos danais
na patria, onde Propheta ninguem he,
Com que se falgarão em nossos dias
(Infieis deixo) tantas Heresias?

Mas passo esta materia perigosa,
E tornemos aa costa debuxada,
Ila com esta cidade tam famosa,
Se faz curua a Gangetica enseada,
Corre Narsingarica, & poderosa,
Corre Orixá de roupas abastada,
No fundo da enseada o illustre rio
Ganges vem ao salgado senhorio.

Ganges, no qual os seus habitadores
Morrem banhados, tendo por certeza,
Que inda que sejam grandes peccadores
Esta agoa sancta os lava, & da pureza:
Ve Cathigão cidade das milhores
De Bengala prouincia, que se preza
De abundante, mas olha que está posta
Perao Austro daqui virada a costa.

Olha:

Olha o reyno Arracão, olha o assento
De Pegu, que ja mōstros pouoaram,
Mōstros filhos do feo ajuntamento
Dhũa molher & hũ cão, que sos se acharam:
Aqui foante arame no instrumento
Da geraçam custumão, o que vsaram
Por manha da Raynha, que inuentando
Tal vso, deitou fora o error nefando.

Olha Tauay cidade, onde começa
De Sião largo o imperio tam comprido,
Tenassari, Quedá, que he so cabeça
Das que Pimenta ali tem produzido:
Mais auante fareis que se conheça
Malaca, por Emperio ennobrecido,
Onde toda a prouincia do mar grande,
Suas mercadorias ricas mande.

Dizem que desta terra coas possantes
Ondas o mar entrando diuidio,
A nobre Ilha Samatra, que ja dantes
Iuntas ambas a gente antiga vio:
Chersoneso foy dita, & das prestantes
Veas douro, que a terra produzio,
Aurea porepitheto lhe ajuntaram,
Alguns que fosse Ophir ymaginaram.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Mas na ponta da terra Cingapura

Veras, onde o caminho aas naos se estreita,

Daqui tornando a costa aa Cynosura

Se encurua, & pera a Aurora se endireita:

Ves Pam, Patane, reinos & a longura

De Syão que estes & outros mais fugi:ta

Olha o rio Menão, que se derrama

Do grande lago que Chiamay se chama:

Ves neste gram terreno os diferentes

Nomes de mil nações nunca sabidas,

Os Laos em terra & numero potentes,

Auás, Bramas, por serras tam compridas:

Ve nos remotos ventos outras gentes

Que Gueos se chamão de seluages vias,

Humana carne comem, mas a sua

Pintão com ferro ardente, vsança crua.

Ves passa por Camboja Mecom Rio,

Que capitão das agoas se interpreta,

Tantas recebe doutro so no estio,

Que alaga os campos largos, & inquieta,

Tem as enchentes quaes o Nilo frio,

A gente delle crê como indiscreta,

Que pena & gloria tem de spois de morte

Os brutos animais de toda sorte.

Este

Este receberá placido & brando,
 No seu regaço os Cantos, que molhados
 Vem do naufragio triste, & miserando,
 Dos procel'ss baxos escapados:
 Das fomes, dos perigos grandes, quando
 Sera o injusto mando executado
 Naquelle, cuja Lira sonora,
 Sera mais affamada que ditosa.

Ves corre a costa que Champà se chama,
 Cujá mata he do pio cheiroso ornada,
 Ves Cauchichina está de escura fama,
 E de Ainão ve a incognita enseada,
 Aqui o soberbo imperio, que se afama
 Com terras & riqueza nam cuidada,
 Da China corre, & occupa o senhorio
 Desdo Tropico ardente ao Cinto frio:

Olha o muro, & edificio nunca crido,
 Que entre hum imperio & o outro se edifica
 Certissimo final, & conhecido,
 Da potencia real, soberba & rica:
 Estes o Rey que tem não foy nacido
 Principe, nem dos pais aos filhos fica
 Mas elegem aquelle que he famoso
 Por caualeiro sabio & virtuoso.

Inda

OS LVSIADAS DE L. DE CA:

Inda outra muita terra se te esconde,
Até que venha o tempo de mostrar-se,
Mas nam deixes no mar as Ilhas, onde
A natureza quis mais affamar-se:
Esta mea escondida que responde
De longe aa China donde vem buscar-se,
He lapão, onde nace a prata fina,
Que illustrada sera coa Ley diuina.

Olha ca pello mares do Oriente
As infinitas Ilhas espalhadas
Ve Tidore, & Tarnate, co feruente
Cume, que lança as flamas ondeadas
As arvores verás do Crauo ardente,
Co sangue Portugues inda compradas,
Aqui ha as aureas aues, que nam decem
Nunca a terra, & so mortas aparecem.

Olha de Banda as Ilhas, que se esmaltam
Da varia cor, que pinta o roxo fruto,
As aues variadas, que ali saltam,
Da verde Noz tomando seu tributo:
Olha tambem Bornèò, onde nam faltam
Lagrimas, no licor qualhado & enxuto,
Das arvores, que Cànfora he chamado,
Com que da Ilha o nome he celebrado.

Ali

CANTO DECIMO. 118

Ali tambem Timor, que o lenho manda
 Sândalo salutifero & cheiroso,
 Olha a Sunda tam larga, que hũa banda
 Esconde pera o Sul difficultoso:
 Agente do Sertão, que as terras anda,
 Hum rio diz que tem miraculoso,
 Que por onde elle so sem outro vae,
 Conuerte em pedra o pao que nelle cae.

Ve naquella que o tempo tornou Ilha,
 Que tambem flamas tremulas vapora,
 A fonte que oleo mana, & a marauilha
 Do cheiroso licor, que o tronco chora,
 Cheiroso mais que quanto estila a filha
 De Cyniras, na Arabia onde ella mora,
 E ve que tendo quanto as outras tem,
 Branda feda & fino ouro dà tambem.

Olha em Ceilão, que o monte se aleuanta
 Tanto, que as nuuês passa, ou a vista engana
 Os naturaes o tem por cousa sancta,
 Polla pedra onde está a pègada humana:
 Nas ilhas de Maldiva nasce a pranta
 No profundo das agoas soberana,
 Cujos pomo contra o veneno urgente
 He tido por Antidoto excelente.

Verás

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Viras de frente estar do roxo estreito
Socotorà co amaro Aloe famosa,
Outras ilhas no mar também sogeito
A vos, na costa de Affrica arenosa,
Onde sae do cheiro mais perfeito
A massa ao mundo occulta & preci sa,
De sam Lourenço ve a Ilha afamada,
Que Madagascar he dalguis chamada.

Eis aqui as nouas partes do Oriente,
Que vosoutros agora ao mundo dais,
Abrindo a porta ao vasto mar patente
Que com tam forte peito nauegais:
Mas he também razão, que no Ponente
Thum Lusitano hum feito inda vejais,
Que de seu Rey mostrando se agrauado
Caminho ha de fazer nunca cuidado.

Vedes a grande terra que continua
Vay de Calisto ao seu contrario polo,
Que soberba a fará a luzente mina
Do metal, que a cor tem do louro Apolo
Castella v'ssa amiga sera dina
De lançar lhe o colar ao rudo colo,
Varias provincias tem de varias gentes
Em ritos & costumes diferentes.

Mas

Mas ca onde mais se alarga, ali tereis
Parte tambem co pao vermelho nota,
De Sancta Cruz o nome lbe poreis,
Descobri-la ha a primeira vossa frota:
Ao longo desta costa que tereis
Trá buscando a parte mais remota
O Magalhães, no feito com verdade
Portugues, porem não na lealdade.

Desque passar a via mais que mea,
Que ao Ant artico polo vay da linba.
Dhũa estatura quasi Gigantea
Homões vera, da terra ali vizinha:
E mais auante o estreito, que se arrea
Co nome delle agora, o qual caminha
Pera outro mar & terra que fica onde
Com suas frias asas o Austro a esconde.

Ate qui, Portugueses concedido
Vos he saberdes os futuros feitos,
Que pello mar, que ja deixais sabido,
Viram fazer barões de fortes peitos:
Agora, pois que tendes aprendido
Trabalhos, que vos façam ser aceitos
As eternas esposas, & fermosas,
Que coroas vos tecem gloriosas.

Podeis

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Podeis vos embarcar, que tendes vento
E mar tranquilo pera a patria amada;
Assi lhe disse, & logo movimento
Fazem da Ilha alegre & namorada;
Leuão refresco, & nobre mantimento,
Leuão a companhia desejada,
Das Nymphas que ham de ter eternamente,
Por mais tempo que o Solo mundo aquente.

Assi foram cortando o mar sereno,
Com vento sempre manso, & nunca yrado,
Ate que ouueram vista do terreno
Em que naceram, sempre desejado:
Entrarão pella foz do Tejo ameno,
E a sua patria, & Rey temido & amado,
O premio & gloria dão, porque mandou
E com titolos novos se illustrou.

No mais Musa, no mais, que a Lira tenho
Destemperada, & a voz enrouquecida
E não do canto; mas de ver que venho
Cantar a gente surda, & endurecida;
O fauor com que mais se acende o engenho
Não no dá a patria não, que está metida
No gosto da cubica, & na rudeza
Dhuã austera, apagada, & vil tristez.
Enão

Enão sey por que influxo de destino
Não tem hum ledo orgulho, & geral gosto,
Que os animos leuanta de contino,
A ter pera trabalhos ledo o rosto:
Por isso vos ô Rey, que por diuino
Conselho estais no regio solio posto,
Olhay que sois (& vede as outras gentes)
Senhor so de vassallos excellentes.

Olhay que ledos vão, por varias vias,
Quaes rompentes liões, & brauos tourós,
Dando os corpos a fomes, & vigias,
A ferro, a fogo, a setas & pilouros:
A quentes regiões, a plagas frias
A golpes de Idolatras & de Mourós,
A perigos incognitos do mundo,
A naufragios, a pexes, ao profundo.

Por vos seruir a tudo aparelhados
De vos tam longe sempre obedientes,
A quaesquer vossos asperos mandados,
Sem dar reposta promptos & contentes,
So com saber que sam de vos olhados
Demonios infernais, negros & ardentes
Cometerão conuoso & nam duuido
Que vencedor vos fação, nam vencido.
Fauoreceyos

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Fauoreceyos logo, & alegrayos

Com a presença, & leda humanidade,
De rigurosas leis desaliuayos,
Que assi se abre o caminho aa sanctidade:
Os mais esprimentados leuantayos,
Se com a experiencia tem bondade,
Pera vosso conselho, pois que sabem
O como, o quando, & onde as cousas cabem,

Todos fauorecei em seus officios,

Segundo tem das vidas o talento,
Tenhão Religiosos exercicios
De rogarem por vosso regimento,
Com jejuns, disciplina, pelloos vicios
Comuns, toda ambição teram por vento,
Que o bom Religioso verdadeiro,
Gloria vã não pretende nem dinheiro.

O: Caualeiros tende em muita estima,

Pois com seu sangue intrepido & feruente,
Estendem não somente a ley de cõma,
Mas inda vosso imperio preeminente:
Pois aquelles que a tam remoto clima
Vos vão servir com passo diligente,
Dous inimigos vencem, lãs os viuos,
(E o que he mais) os trabalhos excessiuos.

Fazey

Fazey senhor que nunca os admirados
Alemães, Galos, Italos, & Ingleses
Possam dizer que sam pera mandados,
Mais que pera mandar os Portugueses:
Tomay conselho so desprimmentados,
Que virão largos anos, largos meses,
Que posto que em cientes muito cabe,
Mais em particular o experto sabe.

De Phormião Philosopho elegante
Vereis como Anibal escarnecia,
Quando das artes bellicas diante
Delle com larga voz trataua & lia:
A discip'ina militar prestante
Nam se aprende senhor na fantasia
Sonhando, imaginando, ou estudando,
Se não vendo, tratando, & pelejando.

Mas eu que falo humilde, baxo & rudo
Devos não conhecido, nem sonhado?
Da boca dos pequenos sey com tudo,
Que o louvor se as vezes acabado,
Nem me falta na vida honesto estudo
Com longa experiencia misturado,
Nem engenho, que aqui vereis presente,
Cousas que juntas se achão raramente.

Pera

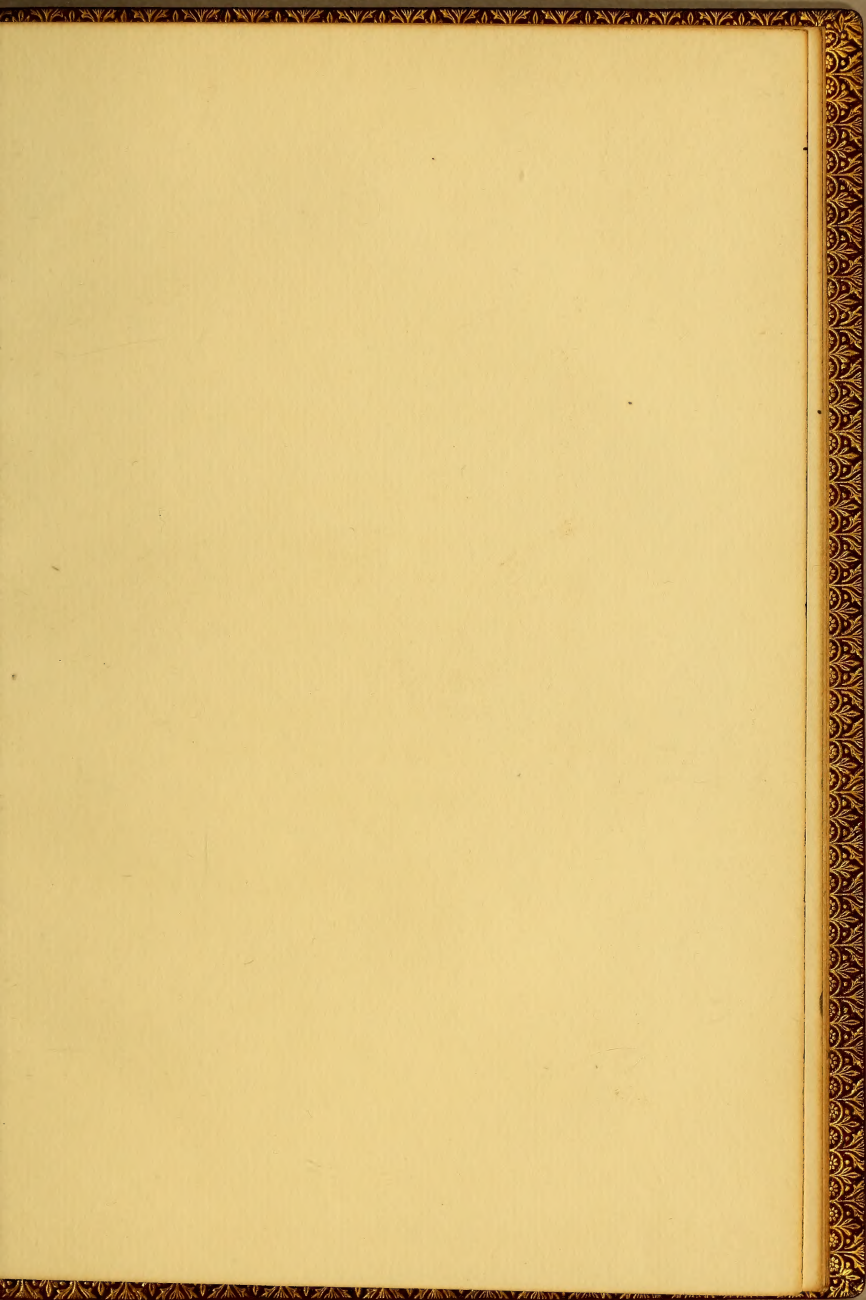
OS LUSIADAS DE L. DE CA.

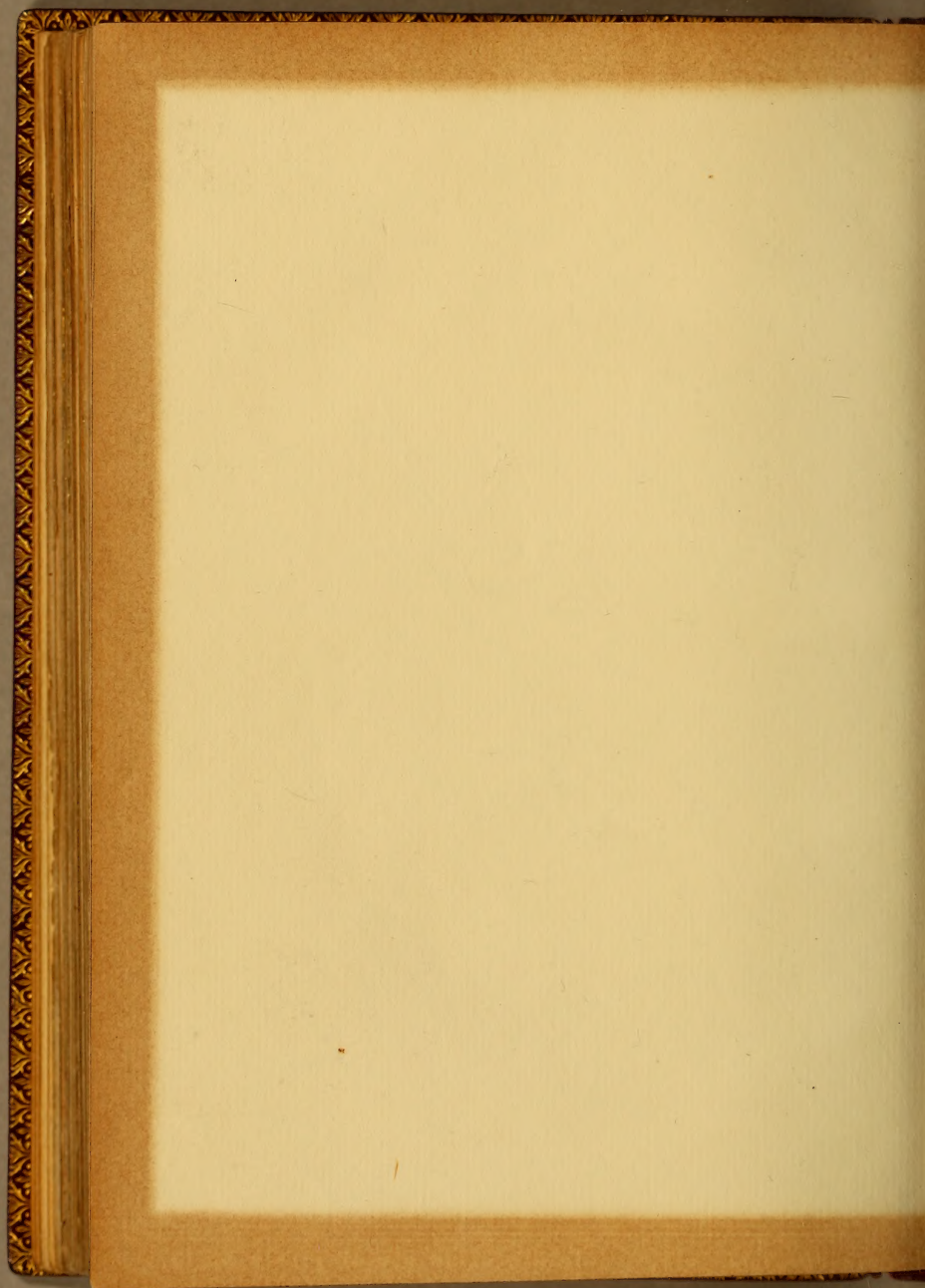
68-511
De Nobele agent
Cottet sole

Pera seruiuos braço aas armas feito,
Pera cantaruos mente aas Musas dada,
So me falece ser a vos aceito
De quem virtude deue ser prezada:
Se me isto o ceo concede & o vosso peito
Dina empresa tomar de ser cantada
Como a presaga mente vaticina,
Olhando a vossa inclinação diuina.

Ou fazendo que mais que a de Medusa
A vista vossa tema o monte Atlante,
Ou rompendo nos campos de Ampelusa
Os mouros de Marrocos & Trudante,
A minha ja estimada & leda musa,
Fico, que em todo o mundo de vos cante
De sorte que Alexandro em vos se veja,
Sem aa dita de Achilles ter enueja.

F I M.





C572
C1850e

